



# TRAVESSIAS

UMA AVENTURA PELOS PARQUES  
NACIONAIS DO BRASIL





# TRAVESSIAS

UMA AVENTURA PELOS PARQUES  
NACIONAIS DO BRASIL

Travessias - Uma Aventura Pelos Parques Nacionais do Brasil  
Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio

Edição 1 (2018) - Brasília. ICMBio, 2018.  
242 p.

ISBN 978-85-61842-80-2

1. Travessias 2. Parques Nacionais
1. Travessias - Uma Aventura Pelos Parques Nacionais do Brasil

2018



# FICHA TÉCNICA

## **Texto e fotos**

Duda Menegassi

## **Coordenação editorial**

Duda Menegassi

## **Projeto gráfico e diagramação**

Tatiana Raposo

## **Revisão técnica**

Márcia Muchagata

## **Revisão de conteúdo**

Márcia Muchagata

Duda Menegassi

## **Revisão de texto**

Rafael Ferreira

## **Mapas**

Fábio Araújo

## **Colaboradores ICMBio**

Márcia Muchagata

Pedro da Cunha e Menezes

Carla Guaitanele

Tatiana Raposo

Hudson Oliveira

Danúbia Melo

## **Colaboradores O Eco**

Eduardo Pegurier

Rafael Ferreira

Paulo André Vieira

Nádia Santos

Daniele Bragança

## **Foto da capa**

Parque Nacional da Serra do Cipó

Duda Menegassi





Paisagem dos morros na reta final da Traversia das Sete Quedas, no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros

## SUMÁRIO

<b>PREFÁCIO .....</b>	<b>9</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>1 TRAVESSIA DAS SETE QUEDAS</b> Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (GO) .....	19
<b>2 TRAVESSIA DOS LENÇÓIS MARANHENSES</b> Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses (MA) .....	39
<b>3 TRAVESSIA DA CASA DO MORRO</b> Parque Nacional da Chapada dos Guimarães (MT) .....	59
<b>4 TRAVESSIA ALTO PALÁCIO X SERRA DOS ALVES</b> Parque Nacional da Serra do Cipó (MG) .....	79
<b>5 TRILHA CHICO MENDES</b> Reserva Extrativista Chico Mendes (AC) .....	99
<b>6 TRAVESSIA CAPÃO X LENÇÓIS</b> Parque Nacional da Chapada Diamantina (BA) .....	121
<b>7 TRAVESSIA DA SERRA NEGRA</b> Parque Nacional do Itatiaia (RJ/MG) .....	137
<b>8 A VOLTA À ILHA</b> Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha (PE) .....	155
<b>9 TRILHA TRANSCARIOCA</b> Parque Nacional da Tijuca (RJ) .....	177
<b>10 TRAVESSIA PETRÓPOLIS X TERESÓPOLIS</b> Parque Nacional da Serra dos Órgãos (RJ) .....	197
<b>11 TRILHA SUCUPIRA</b> Floresta Nacional de Brasília (DF) .....	217
<b>AGRADECIMENTOS .....</b>	<b>236</b>
<b>GLOSSÁRIO .....</b>	<b>238</b>

## PREFÁCIO

**E**m 2017, o ICMBio, entidade criada para administrar as unidades de conservação federais, completou 10 anos de vida. Na ocasião, cada uma de suas coordenações foi convidada a planejar um evento ou série de eventos que contribuisse para a comemoração da data. No caso da Coordenação-Geral de Uso Público e Negócios, isso levou à reflexão de qual é a nossa contribuição para a atividade fim do ICMBio. Em outras palavras, nos perguntamos, no contexto do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), qual a nossa missão?

Chegamos à conclusão de que, como bem define a Lei, “a recreação em contato com a natureza e o turismo ecológico” são um direito inalienável do cidadão, que está assentado sobre três pilares básicos.

- 1) A recreação; que gera saúde, felicidade e sensibilização dos visitantes, ajudando a formar um grupo de apoio à conservação;
- 2) A conservação em si própria, contexto em que o uso público deve ser empregado como uma ferramenta de conservação e
- 3) A arrecadação que contribui para financiar a conservação; gerando emprego e renda.

No que toca o terceiro item, o ICMBio está preparando robusta pauta de concessões que vai permitir às unidades oferecer melhores equipamentos e serviços aos visitantes, ao mesmo tempo em que desonerará o Instituto de recursos provenientes do orçamento.

Com relação à recreação, embora não haja muitas pesquisas no Brasil, sabe-se que as trilhas são o equipamento mais procurado nos Estados Unidos, Europa e Austrália. Nos EUA, segundo enquete realizada pela *Outdoor Recreation Resources Review Commission*, caminhadas na natureza são a segunda atividade de lazer mais popular. Em 2013, 12% dos americanos, ou 35 milhões de pessoas,



Voluntários pintam a pegada que sinaliza a Trilha Chico Mendes



caminharam em trilhas<sup>1</sup>. Desses, 9 milhões fizeram uma travessia com pernoite. Ou seja, o número de pessoas que fizeram travessias nos Estados Unidos, é maior do que os 6,4 milhões de visitantes das unidades de conservação do Brasil naquele ano e pouco inferior ao total de pessoas que visitaram as unidades de conservação federais em 2017 (10,7 milhões).

Na Nova Zelândia, 58% dos visitantes de áreas protegidas declararam que sua principal atividade são as caminhadas em trilhas. Desse universo, 17%, informaram ter feito pelo menos uma travessia com pernoite. Entre os turistas estrangeiros que visitaram o país, o percentual é ainda maior, 73% caminharam em trilhas<sup>2</sup>. Números ainda mais impressionantes foram compilados no estado australiano da Nova Gales do Sul, em cujos parques 5,5 milhões de pessoas percorreram trilhas, em um universo populacional de 7,5 milhões de habitantes<sup>3</sup>.

Mais perto do Brasil, a política nacional de turismo em unidades de conservação do Chile<sup>4</sup> aponta que o “desenho e a construção de trilhas são o principal elemento que permite que as pessoas se conectem com a natureza em um parque nacional”.

Mas onde e como fazer essas trilhas? Mais de dois terços dos americanos procuram trilhas localizadas em um raio de 90 quilômetros de sua casa e um terço em trilhas localizadas a menos de 20 quilômetros de suas residências. Com efeito, nos países citados, a maioria das pessoas faz caminhadas com duração igual ou inferior a três horas. Por outro lado, são as travessias os principais

1 O percentual é maior se levarmos em consideração apenas os visitantes de unidades de conservação. Segundo o Serviço Florestal americano 40% dos visitantes das Florestas Nacionais estadunidenses caminham em trilhas.

2 <https://www.tourismnewzealand.com/media/3163/special-interest-infographic.pdf>

3 <https://www.destinationnsw.com.au/news-and-media/media-releases/5-5-million-visitors-show-nsw-australias-popular-bushwalking-destination>

4 <http://www.subturismo.gob.cl/wp-content/uploads/2015/11/20180125-Turismo-Sustentable-en-APE-apuesta-presente-y-futuro.pdf>

formadores de grupos de apoio à conservação no seio da sociedade civil, e são as trilhas de longo curso que melhor funcionam como ferramentas de conservação, pois ao ligar áreas núcleo como parques e reservas, também agem como conectores de paisagem, o que permite o fluxo genético entre as espécies de fauna e flora.

Considerando essas premissas, o ICMBio, ao completar dez anos de vida, estabeleceu duas metas no que se refere a trilhas: (1) que toda a unidade de conservação aberta à visitação tenha pelo menos 10 km de trilhas manejadas e sinalizadas e (2) que, a partir das unidades de conservação federais, sejam criadas as bases para um Sistema Brasileiro de Trilhas, que no longo prazo sirvam como conectores de paisagem entre o maior número possível de unidades reconhecidas pelo SNUC.

Como estratégia de implementação dessas metas buscou-se então implementar trilhas sinalizadas de forma padronizada em unidades de conservação, com prioridade para aquelas próximas aos grandes centros, onde já existe demanda por esse tipo de equipamento. Mais do que isso, cada trilha implementada idealmente atende a vários públicos, podendo ser subdividida em percursos de diferentes durações.

Para comemorar o aniversário, o ICMBio então decidiu incentivar a operação das travessias. Trilhas com pelo menos um pernoite, além de serem o embrião de trilhas de longo curso, são também o equipamento de recreação que proporciona maior imersão, contato com a natureza e sensibilização e, por isso, são um grande formador de grupos de apoio à conservação.

Optou-se, inicialmente, por percorrer uma dezena de travessias, uma para cada ano de vida da Instituição. Difícil foi eleger as 10 travessias entre as centenas de possibilidades existentes. O processo de escolha levou em consideração a beleza cênica e a representatividade de cada trilha para a comunidade caminhante, que



por meio da Confederação Brasileira de Montanhismo e Escalada, nos acompanhou durante as caminhadas comemorativas. Também buscou-se incluir trajetos em mais de uma categoria de unidade de conservação e fazer pelo menos uma travessia em cada região do país, em uma tentativa de abranger uma ampla variedade de biomas. No final os dez roteiros, viraram onze. Foram percorridos trajetos belíssimos da região Norte (Reserva Extrativista Chico Mendes); Sudeste (Parques Nacionais de Itatiaia, Serra dos Órgãos, Tijuca e Cipó e Área de Proteção Ambiental do Morro da Pedreira), Centro-Oeste (Parques Nacionais da Chapada dos Veadeiros e da Chapada dos Guimarães e Floresta Nacional de Brasília) e da região Nordeste (Parques Nacionais dos Lençóis Maranhenses, da Chapada Diamantina e de Fernando de Noronha e Área de Proteção Ambiental de Fernando de Noronha).

Além das dez trilhas inicialmente escolhidas, resolvemos incluir um bônus track na série. A Travessia da Floresta Nacional de Brasília, que, em parceria virtuosa entre profissionais do ICMBio e voluntários do Grupo de Caminhadas de Brasília, foi totalmente concebida, planejada e implementada durante o transcurso do décimo ano de vida do ICMBio.

A leitura dos artigos escritos por Duda Menegassi, que compõem este livro, mostra com cores vivas o que as unidades de conservação federais têm para oferecer em termos de travessias com paisagens belíssimas e fauna e flora diversificadas. Mais do que isso, contudo, a coletânea é inspiradora e abre corações e mentes para que finalmente o Brasil consiga realizar um antigo sonho da comunidade montanhista: a criação do Sistema Brasileiro de Trilhas de Longo Curso<sup>5</sup>.

O Sistema está sendo construído de baixo para cima. Sua proposta é que as trilhas sirvam como conectores de paisagem entre unidades

<sup>5</sup> <http://www.icmbio.gov.br/portal/ultimas-noticias/20-geral/9532-trilhas-de-longo-curso-conectam-paisagens-do-brasil-2>

de conservação e outras áreas núcleo, utilizando um equipamento de recreação como ferramenta de conservação. Sua implementação começa pelas áreas protegidas e seu ponto de partida é justamente o conjunto de travessias já existentes, somadas às que pretendemos implementar em cada unidade de conservação federal.

Sabe-se que poucos são os caminhantes que completam um percurso tão longo de trilhas como o Corredor Litorâneo, entre o Oiapoque e o Chuí, com mais de 8 mil quilômetros. Nesse sentido, as trilhas são planejadas para serem percorridas em etapas - caminhos menores que fazem parte de um grande percurso. As travessias percorridas durante as comemorações do aniversário são algumas dessas etapas, que funcionam como pilares formadores das trilhas de longo curso que estão sendo inicialmente implementadas pelo ICMBio e parceiros, como as trilhas de longo curso regionais Caminho das Araucárias, Trilha Missão Cruls, Caminho de Cora Coralina, Trilha Transespinhaço, Trilha Transcarioca, Rota Darwin, Caminhos da Serra do Mar, Trilha Transmantequeira, e Trilha Chico Mendes, bem como as Trilhas de Longo Curso Nacionais Caminho dos Goyazes e a Trilha do Corredor Litorâneo (Oiapoque x Chuí).

Enquanto palmilhávamos as onze travessias, profissionais, parceiros e voluntários implementaram e sinalizaram com pegadas amarelas e pretas novos 1200 km de trilhas de longo curso ao longo desses eixos, fazendo o parto de um novo bebê: o Sistema Brasileiro de Trilhas de Longo Curso.

Assim, convido-os a ler e saborear o relato de um conjunto de caminhadas que, ao comemorar os últimos dez anos, também aponta para a missão que temos para a próxima década.

**SEJA BEM VINDO.** Calce suas botas, coloque sua mochila e caminhe conosco nas mais belas travessias do Brasil.

Pedro da Cunha e Menezes

## INTRODUÇÃO

Costumo dizer que sorte e oportunidade devem andar juntas. Foi esta combinação que, em junho de 2017, me colocou no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, em Goiás, no que seria a primeira travessia deste livro. A caminhada de dois dias iniciou a agenda de comemorações especiais de aniversário do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) que completou dez anos em agosto de 2017. Eu, por sorte, estava lá. A travessia não era o objetivo da reportagem, e sim a oficina de sinalização que foi realizada antes, mas o calendário do ICMBio já previa as 10 travessias – que depois se tornariam 11 –, e eu enxerguei uma oportunidade. Era a chance de acompanhar estes percursos em diferentes unidades de conservação federais, produzir reportagens que ajudassem a divulgar o valioso patrimônio natural protegido por elas e que impulsionassem a visitação nos parques nacionais, a grande porta de entrada para sociedade conhecer as áreas protegidas e entender sua importância.

Minha proposta se alinhou perfeitamente com o momento que o próprio ICMBio vivia – e vive –, apostando cada vez mais no turismo como uma ferramenta aliada da conservação, capaz de sensibilizar, gerar renda e pertencimento. E assim nasceu este livro, fruto de sorte e oportunidade, feito com o zelo apaixonado de uma autora que, além de jornalista, é montanhista. Esta coletânea de reportagens serve também para celebrar a criação do Sistema Brasileiro de Trilhas de Longo Curso, um marco da abertura dos parques para sociedade.

Este livro é, portanto, um convite aos leitores para que caminhem comigo e para que, como eu, se encantem com nossas unidades de conservação. Conheço poucas formas tão íntimas de vivenciar a natureza quanto através da caminhada. Uma experiência que se torna ainda mais poderosa em trilhas de mais de um dia de duração imersas no ambiente natural, como nas travessias descritas aqui.



O Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses revela suas belezas aos que se dispõem a caminhar por lá



Foram quase 400 quilômetros no total e cada passo que dei, na mata, na rocha ou na areia, me aproximou não apenas do destino, mas da conexão com a natureza que perdemos quando moramos em grandes cidades. A trilha, afinal, não é o menor caminho e sim o melhor.

Queria que minhas palavras fossem capazes de descrever com justiça a sensação de caminhar por entre as frondosas árvores da Mata Atlântica ou das gigantes da Floresta Amazônica; ou na imensidão do Cerrado; ou nas dunas infinitas dos Lençóis Maranhenses; ou nas alturas das montanhas da Serra dos Órgãos, da Mantiqueira e do Cipó; ou por entre os paredões rochosos e mille-nares da Chapada dos Guimarães e da Chapada Diamantina; ou à beira do Oceano Atlântico no litoral de Fernando de Noronha. Não há vocabulário que traduza nenhuma destas experiências. Por isso eu os convido não apenas à leitura, mas a de fato conhecerem estas (e outras) unidades de conservação. Quanto melhor conhecermos nossas áreas protegidas, melhor poderemos defendê-las, porque o clichê é verdadeiro, é preciso conhecer para conservar.

Seja você um montanhista veterano ou alguém que nunca fez trilhas ou travessias, saiba que os parques são um direito seu. Um patrimônio coletivo que deve ser conhecido, valorizado e protegido por todos nós.

Boa leitura, ou melhor, caminhada!

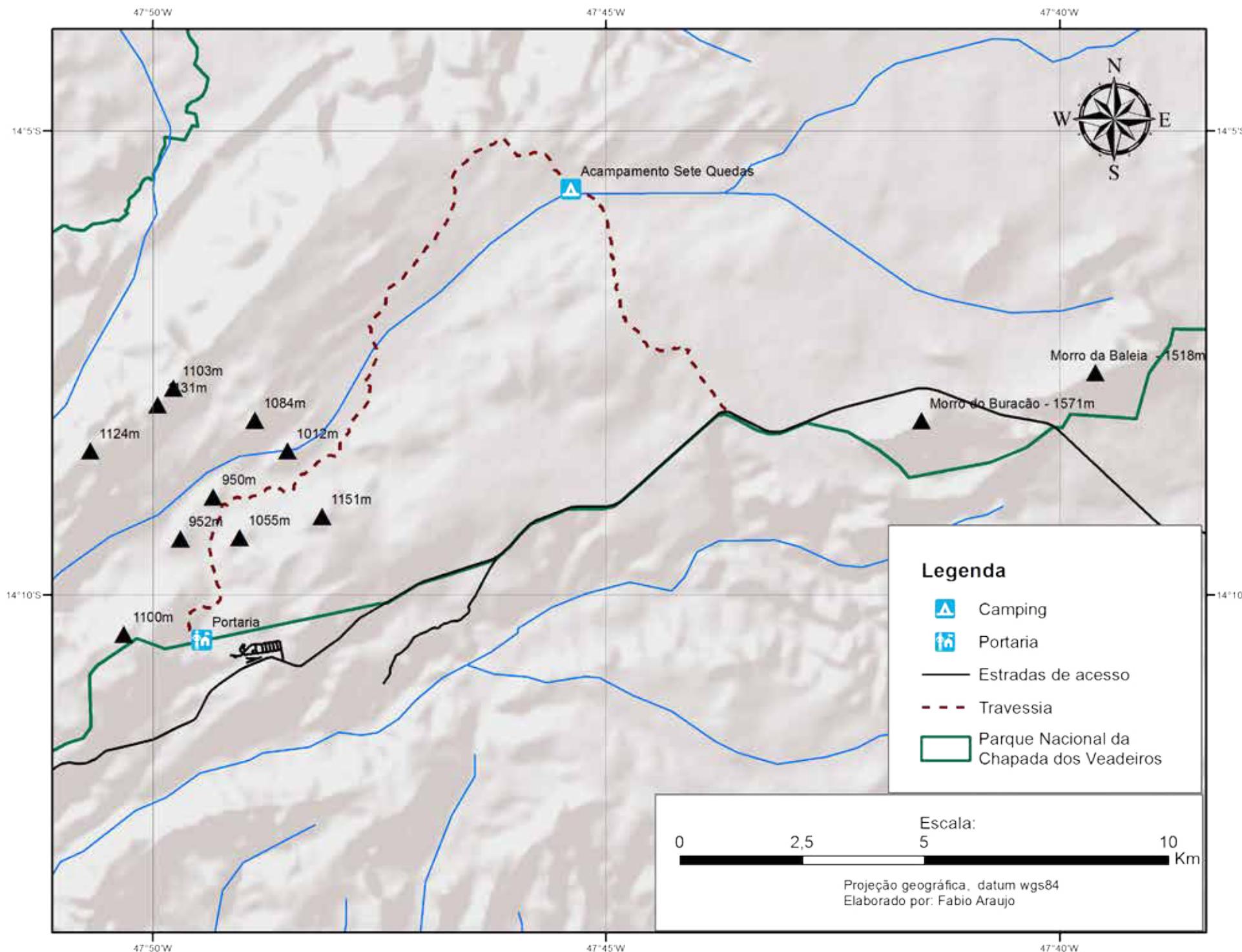


## TRAVESSIA DAS SETE QUEDAS

uma caminhada pela imensidão do Cerrado

Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (GO)

# TRAVESSIA DAS SETE QUEDAS





**A**Chapada dos Veadeiros é repleta de atrativos belíssimos, mas talvez nenhum deles permita ao visitante conhecer o Cerrado de forma tão próxima e íntima quanto a trilha de dois dias pelo coração do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. Participar da caminhada, portanto, foi um privilégio e um convite irresistível para alguém que só conhecia essas paisagens por fotografia.

A expedição foi a primeira das dez realizadas em comemoração ao décimo aniversário do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e reuniu aproximadamente 40 pessoas no primeiro final de semana de junho. Saí na retaguarda, sem pressa, com a câmera na mão e o olhar ávido por descobrir e registrar as miudezas do cenário ao longo dos 17 quilômetros que compõem o primeiro dia da travessia.

Logo no início da nossa caminhada, nas primeiras horas da manhã, ganhamos uma amostra das cores que se escondiam na imensidão monocromática do Cerrado com o sobrevoo de um casal de araras-canindé (*Ara ararauna*) que cruzou o céu em barulhenta sinfonia. A savana brasileira abriga diversas espécies de aves, entre as quais se destacam as araras, amarelas e azuis, como a canindé, ou vermelhas (*Ara chloropterus*) e os tucanos (*Ramphastos toco*).

Inaugurada em 2013, essa foi a primeira trilha com pernoite sinalizada em um parque nacional e pode ser feita de forma autoguiada. A suspensão da obrigatoriedade de guias em Veadeiros foi decretada no mesmo ano da inauguração da travessia e causou polêmica entre os condutores na época, mas ajudou a impulsionar o turismo na área protegida e transformou as Sete Quedas em uma das travessias mais disputadas do Brasil. O agendamento prévio, necessário para controlar o limite máximo de visitantes no camping, estipulado



em 30 pessoas por pernoite, costuma esgotar com meses de antecedência. E mesmo sem a obrigatoriedade, muitos caminhantes optam pela presença de um guia que possa não apenas lhe apontar o rumo, mas enriquecer a experiência de imersão no Cerrado.

A vegetação é um dos aspectos mais impressionantes do bioma. Nos primeiros quilômetros, predominou o verde. Entre os arbustos rasteiros se erguiam árvores de pequeno e médio porte marcadas pelas cascas grossas e pelos troncos retorcidos, ambas características fundamentais para garantir a sobrevivência diante de longos períodos de estiagem e do fogo – que é um elemento natural do Cerrado, apesar de

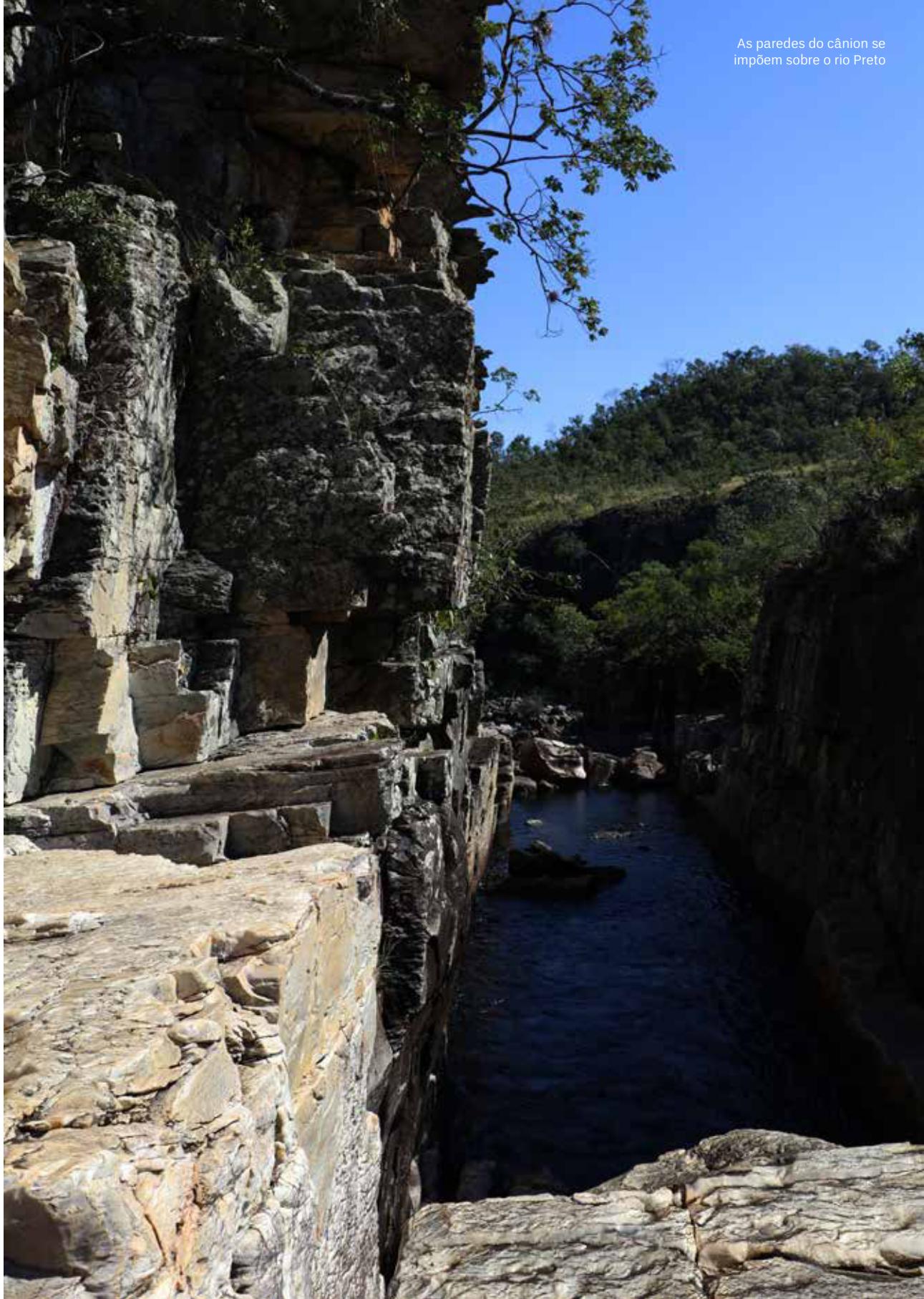


também ser causado de forma criminosa pela mão humana. Em contraste com o aspecto embrutecido das árvores, no cenário também havia palmeiras como os buritis (*Mauritia flexuosa*), distribuídos em pequenas veredas que se destacavam de longe, e as canelas-de-ema (*Vellozia squamata*), que se espalhavam às margens da trilha como um grande jardim. Típicas do Cerrado, as fotogênicas sempre-vivas (*Paepalanthus spp.*), flores mais conhecidas como chuveirinho, eram outro personagem da flora local que revelava as múltiplas facetas da vegetação.

## O FOGO NO CERRADO

O fogo faz parte da história do Cerrado, entretanto, incêndios provocados pela mão humana de forma criminosa desequilibram o regime natural do fogo. Por isso, um dos principais problemas enfrentados pela gestão do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros são os incêndios criminosos. Para enfrentar o período de maior risco, durante a época seca, o parque contrata anualmente dezenas de brigadistas para atuarem no combate e prevenção a incêndios.

O mês de junho marca o começo da época seca, quando os menores afluentes do rio Preto, o principal curso d'água da Chapada dos Veadeiros, estão praticamente secos. Ainda assim, no caminho passamos por algumas pontes construídas sobre os leitos vazios. As estruturas foram implementadas para os caminhantes da Trilha dos Cânions (12 quilômetros ida e volta), um trajeto aberto o ano inteiro e cujos primeiros 4 quilômetros são concomitantes aos da Travessia das Sete Quedas. Diferentemente da trilha, a travessia só é aberta à visitação entre junho e outubro, quando o volume do rio Preto está baixo o suficiente para garantir uma passagem segura.





A flor chuverinho na beira da trilha

É preciso cuidado, aliás, para não se confundir com a sinalização. O trecho compartilhado está sinalizado com setas vermelhas, padrão que indica a rota dos cânions. Na bifurcação que separava as trilhas, uma placa apontava a continuidade da travessia, à direita. Poucos metros adiante, havia outra bifurcação, desta vez com uma placa ricamente ilustrada com o mapa do percurso e o famoso “você está aqui”, quando fomos enfim apresentados às setas laranjas que nos acompanhariam até o final da jornada. Antes de segui-las, entretanto, não resistimos ao pequeno desvio, à esquerda, para conhecer o cânion 1. Eram dez horas da manhã e o sol começava a mostrar sua força, o que tornou o ponto de banho ainda mais bem-vindo.

O atrativo se divide em dois: a parte da cachoeira, de fácil acesso, e a do cânion 1 em si. Para chegar neste último é preciso percorrer cerca de 300 metros pelas rochas, rio acima, seguindo as setas pintadas: vermelhas na ida e brancas na volta. O trecho não é difícil, mas exige cuidado para não

escorregar nas pedras molhadas. Rapidamente alcançamos a borda de uma pequena fenda entre dois paredões rochosos por onde o rio esculpiu sua passagem cachoeira abaixo. Era o cânion 1. A descida quase vertical até o fundo do cânion é desaconselhada aos visitantes pelo alto risco de acidentes, mas lenta e cuidadosamente, descemos para dar um mergulho nas águas cristalinas emolduradas pelo corredor rochoso. Enquanto era apenas um pequeno ponto em meio ao volumoso rio e às imponentes paredes de pedra, abri o sorriso de quem sabia que o desvio da rota principal havia valido a pena.

Dar às costas ao cânion foi difícil, mas ainda havia muitos quilômetros pela frente. Com os espíritos renovados e as almas lavadas, recolocamos as mochilas cargueiras nas costas e os pés na trilha para prosseguir a travessia.

Caminhamos por aproximadamente três quilômetros, agora sob o sol impiedoso das 11 horas, até encontrarmos uma rara sombra às margens de um trecho volumoso do rio Preto. Existe algo com relação à água no Cerrado, ou talvez seja apenas na Chapada dos Veadeiros, não saberia dizer, que a torna irresistível. Talvez fosse sua transparência ou apenas uma consequência do forte calor, mas a verdade é que eu mergulhei em toda ocasião possível durante os dois dias de travessia. E em todas as vezes a água parecia querer me transformar em peixe, porque a vontade era não sair de lá.

Para aproveitar o pequeno oásis e acudir os apelos de um estômago que clamava comida, esticamos nossa parada e decretamos que era o momento de almoçar. Sanduíches, frutas, barrinhas de cereal, biscoitos, cada um desembalou sua própria pequena refeição, com direito até mesmo a uma xícara de café feito na hora para acompanhar.



Com os estômagos cheios e o estoque de cafeína reabastecido – afinal, esse é o combustível dos jornalistas – retomamos a caminhada. Estávamos a nove quilômetros do camping e a aproximadamente um quilômetro do ponto onde atravessaríamos o rio Preto. Para orientar os visitantes sobre qual a melhor forma e direção para cruzar o rio, o parque adotou uma técnica de sinalização que consiste em duas barras de ferro, uma em cada margem, pintadas nas cores laranja e preta. Dessa forma, antes de atravessar o leito do rio, o caminhante identifica do outro lado aonde ele precisa chegar para continuar a trilha. São menos de cem metros entre as margens, mas que precisam ser percorridos com passos vagarosos e cuidadosos para evitar um escorregão. Eu guardei a minha câmera nem um pouco à prova d'água na bolsa lateral e torci para que meu costumeiro andar estabanado não resolvesse dar as caras.

Calculando até as minhas respirações, soltei um suspiro aliviado quando cheguei do outro lado com nada molhado além do sapato, este felizmente impermeável. Na outra margem do rio, enquanto nos afastávamos da fonte de água, a paisagem começou a ganhar os aspectos mais característicos de savana. O horizonte se converteu em uma vastidão que não cabia no olhar. Era como se o Cerrado se estendesse para todos os lados como um manto de cor sépia que recobria o solo.

Em contrapartida ao tom monocromático do cenário geral, um olhar mais atento revelou uma variada palheta de cores escondida em pequenas flores roxas, laranjas, amarelas, rosas... uma rica variedade de espécies que seria incapaz de nomear. Quem diria que em plena savana exposta ao sol, à seca e ao fogo se escondia uma surpreendente primavera fora de época.

O caminho plano facilitou a caminhada e seguimos sem fazer mais paradas, a não ser para repintar as setas e as barras zebreadas que desbotaram sob o sol ao longo do último ano. A equipe do parque sempre faz a manutenção anual da sinalização às vésperas da reabertura do atrativo à visitação e desta vez eles ganharam o reforço dos participantes da travessia.

Depois de quase oito horas de jornada, chegamos no camping sob as luzes finais do astro rei. Corri para garantir um bom lugar para assistir ao pôr-do-sol. O espetáculo naturalmente belo foi ampliado pelo espelho d'água que transformou o outrora rio Preto em rio laranja, rosa e azul.

O acampamento possui uma localização privilegiada, a poucos metros da margem de um largo trecho do rio Preto, onde estão as sete quedas que dão nome à travessia. Para proteger as águas, o parque instalou um banheiro seco a poucos metros da zona de camping. Um engenheiro ambiental presente no grupo que fazia a trilha, me deu uma rápida aula sobre como a técnica permite que mesmo em lugares remotos não haja contaminação dos lençóis freáticos ou do solo pelo famigerado “número dois”. Para garantir essa boa funcionalidade, é necessário não apenas uma manutenção rigorosa, mas também a educação dos usuários sobre como usar o banheiro da forma correta. Cada sanitário possui suas próprias regras específicas de acordo com a tecnologia e método adotado. No camping das Sete Quedas, as normas incluíam não jogar papel no vaso e usar o banheiro apenas para fazer cocô – o xixi deveria ser feito do lado de fora.

Enquanto ganhava minha aula particular, o céu se transformou e todas as cores deram lugar ao negro da noite, pontilhado por uma quantidade incontável de estrelas ofuscadas apenas pelo brilho de uma lua em estado crescente.



Depois de uma noite de sono embalada pelo barulho do vento na vegetação, acordei com a bateria devidamente recarregada e animada para desbravar os últimos seis quilômetros da travessia. Antes de colocar o pé na trilha, entretanto, aproveitei a proximidade do camping com o rio para mais um mergulho, com direito à massagem gratuita oferecida pelas quedas d'água. O cronograma do segundo dia, pela quilometragem menor, permitia uma certa folga para desfrutar dos atrativos e eu não hesitei em usá-la debaixo da cachoeira.

Com a bota pendurada na cargueira, caminhei os cerca de 300 metros que separavam o acampamento do trecho em que atravessaríamos o rio pela segunda e última ocasião. Alternei os passos descalços nas pedras com pegadas submersas e cruzei o rio Preto, agora um companheiro conhecido, com mais segurança do que na primeira vez. A mesma sinalização zebreada indicava o caminho e segui atrás das

barras e setas laranjas. Não sem antes me despedir do curso d'água, claro, e aproveitar para abastecer as garrafas e garantir a hidratação do resto da trilha, pois seguiríamos agora em direção oposta ao rio.

O segundo dia de caminhada, ao contrário do primeiro basicamente plano, possui trechos de subida. Ao longo do percurso, ganhamos cerca de 200 metros de altitude, conforme a medição do GPS. Nada muito assustador para as panturrilhas de um montanhista. Afinal de contas, estamos no Planalto Central do Brasil.

Aos poucos a paisagem ganhou contornos inesperados com a presença de rochas nos mais variados formatos no entorno da trilha. Com alguma imaginação, foi possível ver rostos, objetos e até animais. Me peguei em devaneios sobre que tipos de acasos ou de erosões aconteceram ali para esculpir



A vastidão da paisagem do Cerrado



O visual do Cerradão típico

formas tão diversas. Como estávamos na Chapada dos Veadeiros, não demorou para alguém sugerir a hipótese de intervenção alienígena, uma vez que essa conexão extraterrestre faz parte da mística da região.

Ao final deste museu rochoso à céu aberto, os visuais do Cerrado rupestre retornaram e a caminhada virou um passeio cinematográfico. Nos últimos 3 quilômetros, a trilha virou uma pequena estrada de terra batida que permitiu nosso andar despreocupado enquanto contemplávamos os arredores. A imensidão se estendia por todas as direções até onde a vista alcançava e era quebrada apenas por imponentes chapadões e montanhas que se erguiam no horizonte distante. Uma delas era a Montanha da Baleia – nome dado pela sua semelhança ao animal – que está no território recém-incorporado ao parque através da ampliação assinada em 2017, poucos dias depois da nossa caminhada por lá.

Sorrateiramente, um veado-campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*) nos surpreendeu ao sair da camuflagem dos arbustos e

## A AMPLIAÇÃO DO PARQUE

No dia 5 de junho de 2017, o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros teve o seu território original quase quadruplicado. Dos 65 mil hectares anteriores, passou a ocupar uma área de 240 mil hectares. Entre os locais que foram incluídos no parque com a ampliação estão o Morro da Baleia, o Sertão Zen, a Chapada Alta e o Mirante da Janela. Este último já é um atrativo famoso, de onde é possível ver os Saltos, um visual incrível e que agora está dentro da área protegida.

cruzar a estradinha a poucos metros na nossa frente. Um raro desfile da fauna nativa que foi acompanhado por sorrisos, sussurros e cliques até que ele saltitou de volta ao abrigo da vegetação.

Apesar do Cerrado típico ser um campo aberto, o que torna a observação de animais mais fácil do que em uma floresta tropical, a fauna nativa é esquiva e aprendeu a não confiar na aproximação dos humanos. Sem falar que espécies



típicas do bioma como o tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*) e o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) tiveram suas populações originais reduzidas e estão atualmente sob o risco de extinção.

Avistar um mamífero de grande porte como o veado-campeiro foi, portanto, um verdadeiro presente que corou o último quilômetro da travessia, quando já podíamos ver à distância a rodovia onde terminaria a nossa jornada, e reforçou o sentimento de encanto com o Cerrado.

O traçado oficial da travessia termina às margens da rodovia GO-239, mas para quem acha que os 23 quilômetros atuais da Travessia das Sete Quedas são pouco, é possível estender o passeio até a Fazenda Volta da Serra. A propriedade privada está a cerca de 1,5 quilômetro do final da travessia e lá é possível conhecer atrativos como a Cachoeira do Cordovil e o Poço das Esmeraldas. Futuramente, há planos para ampliar a caminhada e fazer o traçado incluir o retorno até a vila de São Jorge, além de criar um novo ponto de pernoite no trajeto.

Para nós, entretanto, o portão que marcava os limites do parque à beira da rodovia significava a linha de chegada. Quando cruzei o portal, por volta do meio-dia, sabia que alguma parte da Chapada dos Veadeiros vinha comigo. De fato, voltei para casa com mais de mil fotos da viagem, ricos registros de uma vastidão que, entretanto, não coube em nenhuma foto, apenas na memória de quem por dois dias foi uma pequena parte dessa imensidão.



As cachoeiras das Sete Quedas, localizadas próximas ao camping



Um veado-campeiro cruza a estrada de terra na reta final da travessia

# PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DOS VEADEIROS



## SOBRE O PARQUE

O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros foi criado em 11 de janeiro de 1961 e ocupa uma área total de 240.000 hectares entre os municípios de São Jorge, Alto Paraíso de Goiás e Cocalzante, no estado de Goiás. O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros é reconhecido pela UNESCO como Patrimônio Natural Mundial da Humanidade.

Entre os principais atrativos do parque estão os Saltos, grandes quedas d'água de 120 e 80 metros acessíveis através de uma trilha de 4km. Outra opção são as Corredeiras, acessíveis para pessoas com dificuldade de locomoção e em cadeira de rodas graças a uma plataforma de madeira que conduz o visitante da estrada ao atrativo, onde é possível se banhar nas águas do rio. Atualmente não há cobrança pela entrada no parque para passar o dia. Para quem faz a travessia é cobrado R\$18,00 por pessoa por pernoite e a reserva deve ser feita antecipadamente.



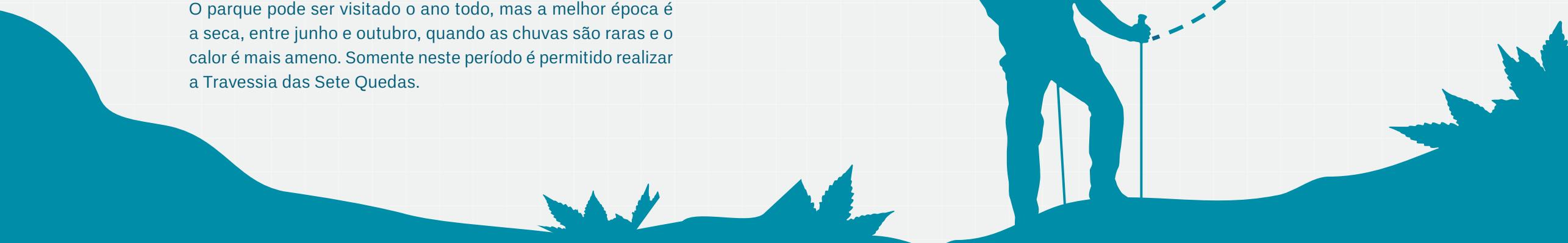
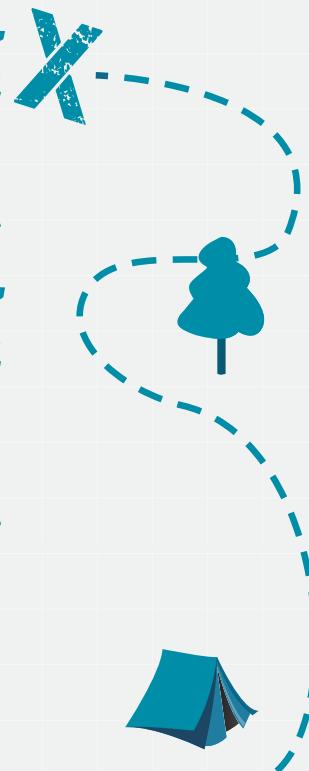
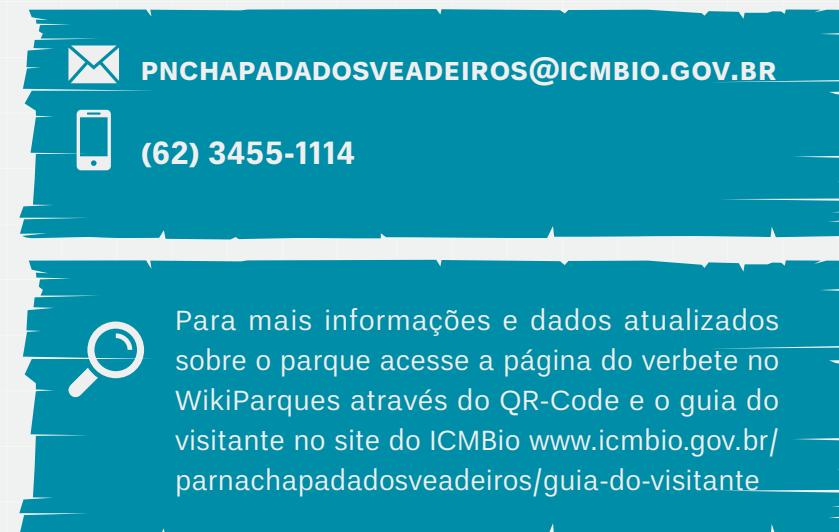
## COMO CHEGAR

A entrada do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros está no povoado de São Jorge, no município Alto Paraíso de Goiás, a aproximadamente 260 quilômetros de Brasília, onde está o aeroporto mais próximo. Vindo do Distrito Federal, é possível chegar no parque de carro através da rodovia BR-010.



## MELHOR ÉPOCA PARA VISITAR

O parque pode ser visitado o ano todo, mas a melhor época é a seca, entre junho e outubro, quando as chuvas são raras e o calor é mais ameno. Somente neste período é permitido realizar a Travessia das Sete Quedas.



2

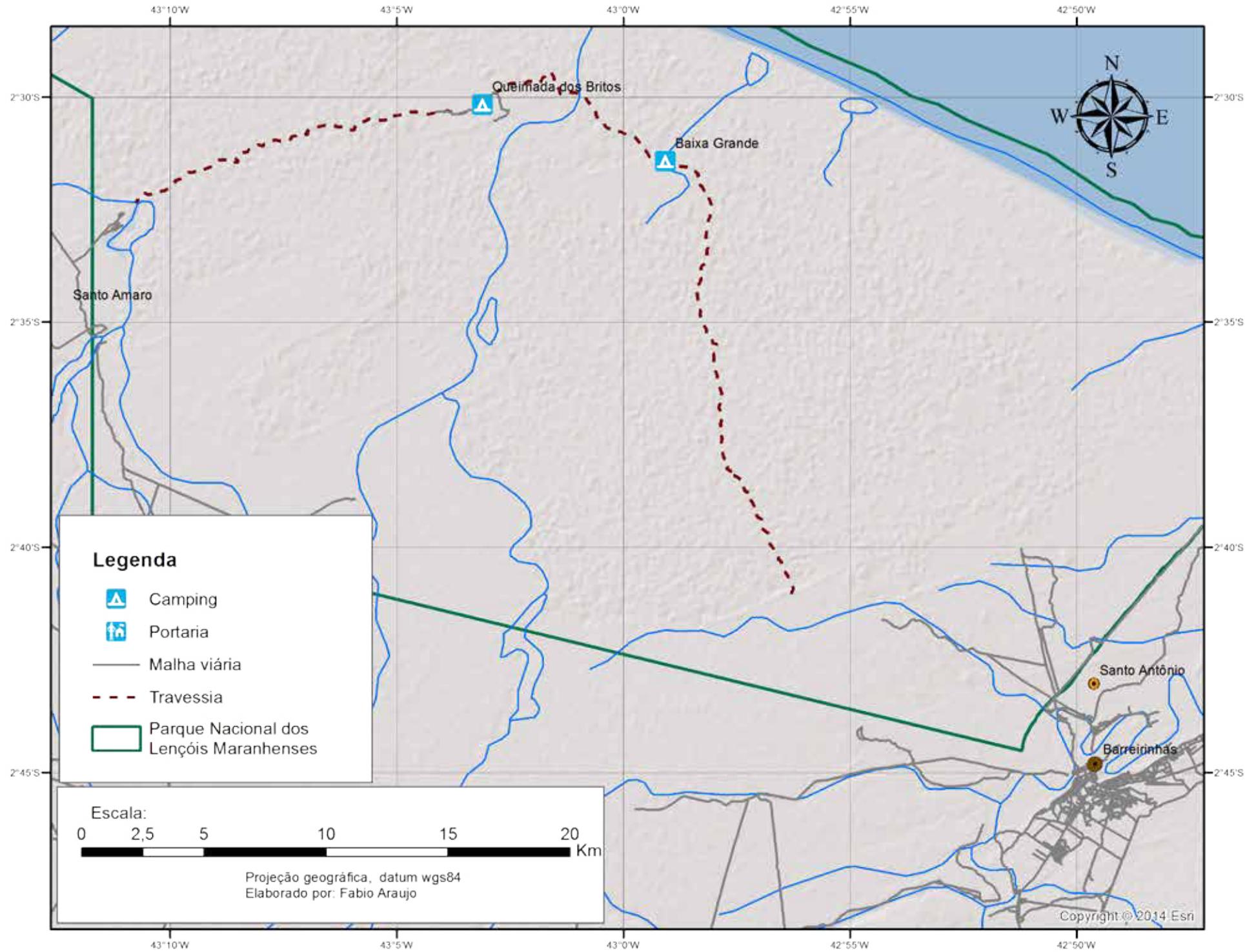


## TRAVESSIA DOS LENÇÓIS MARANHENSES

um caminho por  
entre as dunas

Parque Nacional dos  
Lençóis Maranhenses (MA)

# TRAVESSIA DOS LENÇÓIS MARANHENSES





Eram quase 4h da manhã. O breu era quebrado apenas pela meia luz de uma lua em estado minguante. No horizonte dos quatro pontos cardinais tudo que se via era areia, entremeada aqui e ali por uma lagoa. Nenhuma placa, nem seta, nada. Ainda assim, os passos do guia que liderava o grupo de 20 pessoas não hesitavam. De vez em quando, ele levantava a cabeça e olhava de um lado para o outro, mas o fazia sem parar de andar. Era como se, diferente do resto de nós, cujas pegadas desapareciam sob ação do vento, seus passos fizessem marcas permanentes toda vez que ele caminhava por ali e não houvesse dúvida sobre qual direção seguir.

Patrício é um dos guias credenciados de trekking no Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses e há 5 anos percorre quase diariamente os caminhos por entre as dunas. Naquela madrugada do dia 17 de junho, ele guiava, como sempre, mas o grupo que seguia seus passos confiantes estava ali em uma missão para além do turismo. A travessia, que duraria três dias e percorreria cerca de 50 quilômetros por entre as dunas e lagoas dos Lençóis, era um evento comemorativo aos 10 anos do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e aos 36 anos do parque.

Os Lençóis Maranhenses são o maior campo de dunas do Brasil e representam dois terços da área total do parque. Os visitantes que se deparam com o cenário desértico não imaginam que apesar de estarem dentro de uma unidade de conservação oficialmente registrada como Marinha Costeira estão também em uma zona de Cerrado, com influência da Caatinga e da Amazônia. Um rico encontro entre biomas que se reflete na fauna, que possui espécies únicas, como a pininha (*Trachemys adiutrix*), uma tartaruga do deserto endêmica dos Lençóis e atualmente ameaçada de extinção.



As cores do amanhecer iluminam os Lençóis

## TARTARUGA PININGA

A tartaruga pininha é uma espécie endêmica que ocorre apenas em áreas de vegetação de restinga, campos abertos e dunas vegetadas próximas de pontos de água permanente. Além de encontrada nos Lençóis Maranhenses, onde é mais comum, também há registros da espécie no litoral norte do Piauí, na região conhecida como Delta do Parnaíba.



Poucas pessoas sabem que os famosos Lençóis Maranhenses estão dentro de um parque nacional. Menos ainda sabem que é possível fazer uma travessia por lá. E mais do que comemorar, o objetivo do evento foi também divulgar a caminhada de longa duração como uma das opções para quem quer conhecer o interior dos Lençóis. A demanda para essa atividade ainda é pouca, apesar do potencial ser gigantesco. Atrativos não faltam e mesmo nosso roteiro de três dias não iria contemplar todos os destinos fantásticos que existem dentro do parque nacional.

A Grande Travessia dos Lençóis Maranhenses, como foi chamada, é diferente da maioria dos trekkings. A começar pelo fato de que ela inteira pode ser feita em alternância dos chinelo com os pés descalços. Nada de botas, é preciso sentir a areia entre os dedos. Em segundo, o horário ideal para começá-la é de madrugada. A decisão se justifica para evitar o sol à pino, uma vez que não existem sombras no meio do percurso. O bônus da saída em plena escuridão é que é possível conhecer as múltiplas cores dos Lençóis. Desde as lagoas prateadas, quando a única fonte de luz são as estrelas e a lua; aos tons de rosa e laranja que surgem no horizonte com o nascer do sol e colorem as dunas; até o clássico cenário de areias branquinhas e lagoas cristalinas, quando o sol já está a postos.

Saímos antes das 2 horas da manhã do município de Barreirinhas, o mais turístico e badalado do entorno do parque. Fomos em um carro credenciado e atravessamos de balsa o rio Preguiças, que marca de forma aproximada o início da unidade de conservação. Antes das 4 horas estávamos no sopé da primeira duna que iríamos precisar encarar na nossa aventura e, logo de cara, era a maior e mais íngreme de todas, com aproximadamente 40 metros de altura. Uma corda ajudou a amparar a subida cansativa, mas quando chegamos



A travessia cruza também lagoas já secas, porém ainda belas



As águas cristalinas das lagoas de água de chuva

no topo, a visão panorâmica dos Lençóis nos lembrou que ainda precisávamos vencer os 22 quilômetros que nos separavam de Baixa Grande, povoado tradicional onde iríamos pernoitar e onde nos aguardava o almoço. Os pontos de apoio nessas comunidades, com alimentação e redes para passar a noite, permitem aos caminhantes viajarem mais leves, sem a necessidade de carregar uma mochila cagueira. A leveza ajuda e deve ser aproveitada porque, acreditem, caminhar na areia não é fácil.

Entre as pessoas que compuseram a expedição que partiu de Barreirinhas, estavam guias e condutores voluntários, como Patrício; o coordenador-geral de Uso Público e Negócios (CGEUP) do ICMBio, Pedro da Cunha e Menezes; o gestor do parque, Adriano Damato; e outros servidores do órgão ambiental federal. Além deles, cerca de dez turistas se juntaram à jornada, a maioria com pouca experiência em caminhadas de longa duração. Para garantir o suporte ao grupo, dois quadriciclos e uma enfermeira ficaram à disposição ao longo de todo trajeto.

De volta a Patrício e seus passos, eu, que ia logo atrás, não resisti a perguntar “como você sabe para onde ir?”. Ao que ele respondeu simplesmente “é só marcar os pontos”. Naquela imensidão de areia, a resposta parecia um insulto à minha capacidade de orientação e não me dei por satisfeita. “Mas as dunas mudam, as lagoas enchem e secam. Como você consegue ter pontos de referência?”. Com igual simplicidade, ele replicou “É verdade, a paisagem muda, mas eu estou aqui quase todo dia, vou mudando com ela”. Mais tarde ele explicou que o processo de formação das dunas, criadas pela ação dos ventos que vêm do mar e carregam aquela areia fina, ajuda a indicar em que direção está o oceano e serve como uma bússola natural. De fato, mesmo sem conseguir enxergar o mar, era possível perceber um certo padrão nas dunas e na direção dos seus “facões”, como são chamadas as partes onde ela “desaba” e é mais vertical.

Havíamos caminhado por mais de duas horas no escuro da noite quando finalmente fizemos uma parada, com um motivo mais nobre do que apenas descansar as panturrilhas: assistir o nascer do sol. O espetáculo do amanhecer revelou o cenário paradisíaco que até então se escondia por detrás da noite. Estávamos dentro do cartão-postal. O nível alto das lagoas foi uma grata surpresa. A época seca já havia começado, mas as chuvas foram particularmente generosas durante a estação e abasteceram os Lençóis de piscinas.

Aproximadamente 5 horas e mais de 10 quilômetros depois, fizemos nosso primeiro mergulho nas águas de chuva do parque. A maioria das lagoas nos Lençóis não tem nome, principalmente as mais remotas, localizadas no interior do parque. Primeiro, por seu caráter temporário - algumas nem sempre estão lá -, segundo, porque são muitas. Diante da frustração jornalística de não poder documentar propriamente qual é qual, decidi nomeá-las, com nomes inventados ao



meu bel-prazer. Lagoa do Cristalino foi a alcunha que dei a esta, por razões autoexplicativas.

A caminhada seguiu com paradas cada vez mais frequentes. À medida que o relógio avançava em direção ao meio-dia, aumentava a força do sol e diminuía a das panturrihas. É indispensável levar um bom chapéu e protetor solar, mas mesmo com eles, caminhar com o sol a pino é um desafio. Quando o verde surgiu no horizonte, um indício de que estávamos próximos do oásis em que fica Baixa Grande, o alívio foi geral. Vinte e dois quilômetros e muito suor depois, havíamos concluído o primeiro dia de trekking.

Baixa Grande é um pequeno oásis verde no meio do deserto maranhense. Lá existem apenas seis casas, uma delas pertence à Dona Odete e Seu Moacir, casados há 37 anos. Os dois construíram um redário (espaço de redes) para receber os turistas que optam pela caminhada e disponibilizam banheiros, chuveiros e refeições que incluem até um quase utópico refrigerante geladinho. Por entre as estruturas de palha, circulavam livremente galinhas, bodes, cabritos e porcos. Uma oportunidade de imersão no estilo de vida caiçara que enriqueceu ainda mais a experiência da travessia.

Dentro do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses moram mais de 5 mil pessoas, mas a maioria está fora da zona de dunas. Dentro, de acordo com o gestor, moram menos de 100, divididas entre pequenos povoados. Em Baixa Grande, conforme explica Dona Odete “é todo mundo aparentado”.

O destino no nosso segundo dia de caminhada é outro desses povoados: Queimada dos Britos. O nome faz referência ao processo de colonização dos Lençóis, que começou antes da criação do parque nacional (em 1981), quando a família dos Britos, pioneira por ali, se instalou e tratou de fazer queimadas

para abrir espaço para pastagens e agricultura. Até hoje o sobrenome Brito é um dos mais comuns por lá, rivalizando com os Garcias, que juntas são as principais famílias dos Lençóis. Segundo um dos guias, em Queimada dos Britos moram atualmente 12 famílias.

Nosso caminho até lá é mais fácil do que o da véspera. São 11 quilômetros, metade da distância anterior. Saímos junto com o sol dessa vez e durante o percurso a paisagem ganhou novos elementos. O oceano apareceu, ainda que tímido, apenas como uma linha azul a se misturar com o céu. E, em contraste com o resto, o rio Negro nos surpreendeu com suas águas avermelhadas (um efeito da presença de minerais, principalmente o ferro). Para adicionar ainda mais cor na aquarela do dia, presenciamos uma revoada de guarás que pontilhou o céu de vermelho.

O trecho entre os oásis talvez seja o mais belo da travessia. As camadas dos Lençóis, cobertas de areia e água de chuva, constroem os horizontes como colcha, em retalhos de beleza. As dunas parecem desenhos esculpidos com solidão e não milhões de minúsculos grãos de areia empilhados pelo vento.

A aparição de um coqueiro solitário, em desacordo com a vegetação típica da restinga, indicava que estávamos perto. “Onde você vê um coqueiro, é porque alguém plantou, ou seja, é sinal de um povoado”, explicou um dos guias. De fato, foi possível distinguir de longe o oásis: uma abundância de verde ladeada por um farto rio. Um cenário que a maioria das pessoas jamais associaria aos Lençóis Maranhenses. Dos 155 mil hectares do parque, 60 mil correspondem à cobertura vegetal de restinga. O “deserto brasileiro” também é verde, afinal.

Cerca de 5 horas depois de deixar Baixa Grande, havíamos



chegado em Queimada dos Britos. Ali encontramos o grupo de guias voluntários que saiu de Santo Amaro do Maranhão, município limítrofe ao parque e uma das principais portas de entrada dos visitantes. Os oito guias e a mãe de um deles, uma senhora de 60 anos cheia de disposição, iriam se unir a nós na etapa final da travessia. Éramos 30 agora e o grupo estava completo para celebrar. Afinal de contas, era um evento comemorativo. Ao redor de uma fogueira e ao som da banda Filhos da Areia, composta por músicos locais, me peguei cantando o refrão “É quintal de casa, a visão dessa lagoa, é quintal de casa”. O verso traduz bem o espírito caiçara de quem mora dentro ou mesmo nos arredores dos Lençóis.

O Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) não prevê a possibilidade de moradores dentro de parques. A maioria dos parques brasileiros, entretanto, possui problemas

com a regularização fundiária. Diante de uma experiência de caminhada de longa duração enriquecida pela imersão no estilo de vida caiçara, foi inevitável me questionar sobre possíveis alternativas para legitimar a presença desses moradores dentro dos Lençóis. Alguns deles possuem vocação para o turismo e recebem o visitante de maneira mais

### **POVOADO DO MANGUE OUTRAS ALTERNATIVAS DE TREKKING**

A experiência de caminhar nos Lençóis não possui um roteiro único. Além de Baixa Grande e de Queimada dos Britos, o visitante pode optar por incluir outros destinos como o Canto do Atins, um começo alternativo para o trekking.

O oásis do povoado de Baixa Grande, primeiro local de pernoite





Os paredões de dunas imensos fazem o caminhante parecer minúsculo

interessante e legítima do que qualquer serviço concessionado poderia oferecer.

Como explicou o próprio gestor do parque, “O SNUC é complicado, mas ao mesmo tempo ele nos fornece ferramentas adaptáveis a qualquer situação, seja através de recategorização ou de zoneamentos. Mas tudo precisa ser estudado caso a caso. Seria um desperdício desvincular uma família como a da Dona Odete dos Lençóis. Porque o visitante se encanta com essa vivência”.

A vivência também é gastronômica. No cardápio das famílias caiçaras ironicamente, o que menos tem é peixe. Um ensopado de cabrito ou uma galinha caipira são as opções mais tradicionais. Entre o almoço e o jantar em Queimada dos Britos, alguns aproveitaram para tomar banho de rio outros para tirar uma soneca na rede. A vida caiçara não exige pressa.

Contrariando essa lógica, eu tinha um compromisso com hora marcada: o pôr-do-sol. Escolhemos uma das dunas mais altas das redondezas, estrategicamente localizada próxima de uma grande lagoa, e vimos o céu se inundar de laranja e transformar as águas cristalinas em uma superfície dourada e reluzente enquanto a outrora branca areia se convertia em um manto rosado. O sol, uma bola de fogo que reinava soberana no céu azul, parecia ter o poder de deixar ainda mais linda a paisagem deslumbrante dos Lençóis Maranhenses.

“Filhos da areia, filhos dessa selva, somos caiçaras desbravando todos os limites dessa terra”. O trecho é de outra música da banda maranhense que leva o mesmo nome do grupo, “Filhos da areia”. Com o verso na cabeça, parti com o grupo, novamente de madrugada, para o terceiro e último dia da travessia. Dessa vez, seriam 17 quilômetros até a Lagoa da Betânia, ponto final da expedição.

Mais uma vez, valeu a regra de apressar o passo enquanto o sol não aparecia. Saímos às 3 horas da manhã e às 6 já havíamos percorrido mais da metade do trajeto. A despedida do parque não poderia ser melhor do que com o espetáculo das luzes do amanhecer transformando os Lençóis em espelhos do céu.

Graças aos olhos aguçados do Chacal, apelido de um dos guias que acompanhava o grupo, vimos no caminho um diminuto sapo branco, que segundo ele é uma raridade dos Lençóis; filhotes de um trinta-réis-grande (*Phaetusa simplex*), uma espécie de gaivota; e até rastros de uma raposa. Chacal também é voluntário do parque e uma das atividades do voluntariado é monitorar a fauna, através de registros georeferenciados feitos no aplicativo Wikiloc. Seus olhos estão acostumados a achar ninhos de aves e identificar animais através das pegadas que eles deixam na areia.



O percurso até Betânia dá as costas ao oceano e segue em direção sudoeste, no sentido da formação das dunas. Ou seja, foi um trecho de muitas subidas e descidas acentuadas pelos tais “facões”. Esse sobe e desce constante impõe um nível de dificuldade moderado aos caminhantes com as pernas já fatigadas dos outros dois dias. Alguns participantes do grupo, com pouca experiência em trilhas de longa duração, precisaram recorrer a uma carona nos quadriciclos de apoio para completar o desafio.

Após seis horas de trekking, chegávamos ao final da nossa jornada. De olho no relógio por causa do horário do meu voo, tive pouco tempo para comemorar a chegada, mas o sentimento de missão cumprida dispensava brindes. Depois de três dias, 50 quilômetros e a travessia concluída com êxito, não posso negar que foi uma mordomia pegar uma carona num quadriciclo até Santo Amaro e percorrer mais de 10 quilômetros em poucos minutos na garupa, com o vento no rosto e as panturrilhas relaxadas. Mas não trocaria a minha caminhada por um passeio motorizado. Os Lençóis marcam o tempo em grãos de areia, como uma grande ampulheta, e isso só percebe quem anda por lá. Com a vagareza dos passos que penam para subir as dunas, com a sensação da areia por entre os dedos dos pés e com a visão das suas próprias pegadas desaparecendo atrás de si. Esse é o movimento dos Lençóis e só nota quem se move com eles. Como diriam os guias locais de trekking, os que mais andam e que sabem caminhos nunca marcados, “as dunas mudam, mas nós mudamos com elas”.



O pôr-do-sol colore as dunas e lagoas em um espetáculo à parte



A paisagem paradisíaca dos Lençóis Maranhenses

# PARQUE NACIONAL DOS LENÇÓIS MARANHENSES



## SOBRE O PARQUE

O Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses foi criado em 2 de junho de 1981 e ocupa uma área total de 155.000 hectares entre os municípios de Barreirinhas, Santo Amaro do Maranhão e Primeira Cruz, no litoral do estado do Maranhão.

O parque está inserido no Cerrado mas apresenta forte influência da Caatinga e da Amazônia, e abriga ecossistemas diversos e frágeis, como a restinga, o manguezal, e um campo de dunas que ocupa 2/3 da área total da unidade de conservação, sendo o principal atrativo do Parque Nacional devido as lagoas que se formam entre as dunas no período chuvoso da região.

Os principais atrativos do parque são as lagoas, dunas e mangues. Há diversas opções de roteiro que incluem passeios de barco, de bicicleta ou a pé – como os trekkings realizados no interior dos Lençóis. Não há cobrança pela entrada no parque. No caso dos visitantes que optarem por realizar a travessia, os pernoites nos povoados são pagos às famílias e é necessário se informar com o guia antes sobre os valores.



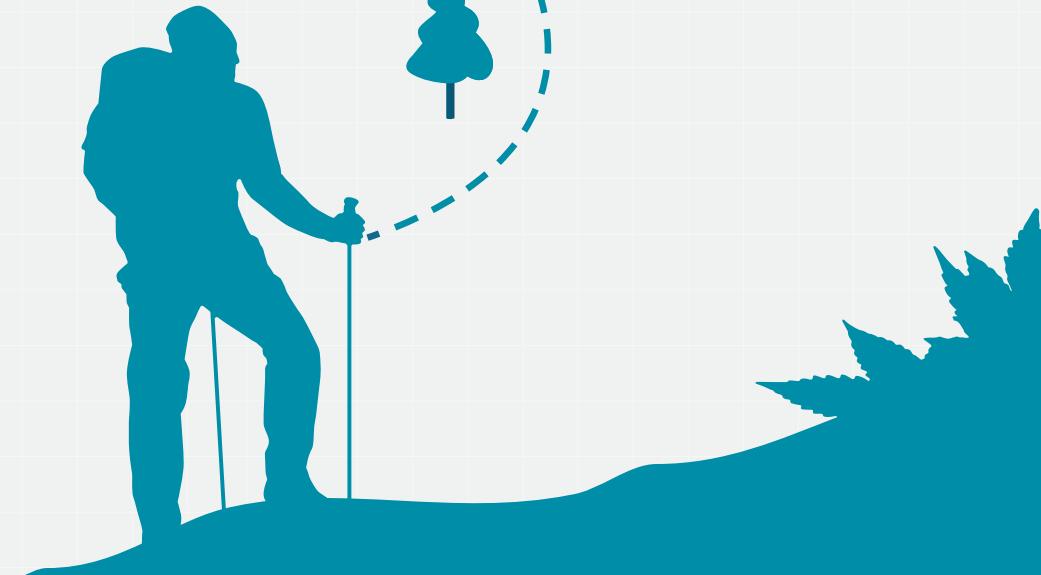
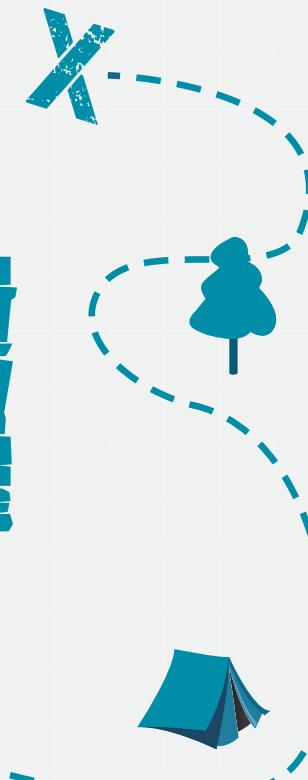
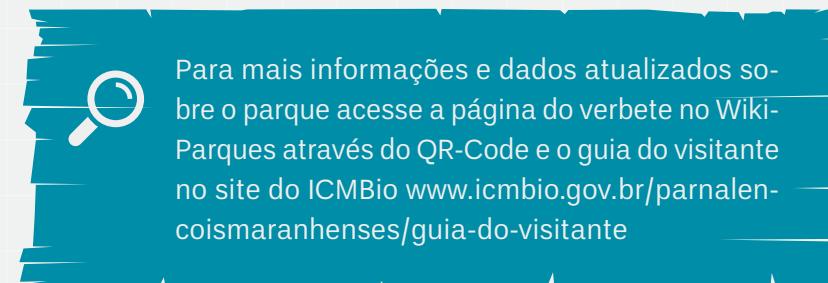
## COMO CHEGAR

As principais cidades que dão acesso ao Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses são Barreirinhas e Santo Amaro do Maranhão, a cerca de 250 km e 225 km da capital São Luís, respectivamente. O acesso ao parque a partir de Barreirinhas começa com a travessia do rio Preguiças de balsa e só pode ser feito em veículos 4x4 credenciados. A partir de Santo Amaro, o acesso ao parque pode ser feito a pé ou com veículos credenciados.



## MELHOR ÉPOCA PARA VISITAR

O parque pode ser visitado o ano todo, mas a melhor época é entre maio e setembro, quando as lagoas estão cheias após a estação das chuvas e o clima é mais seco.



3

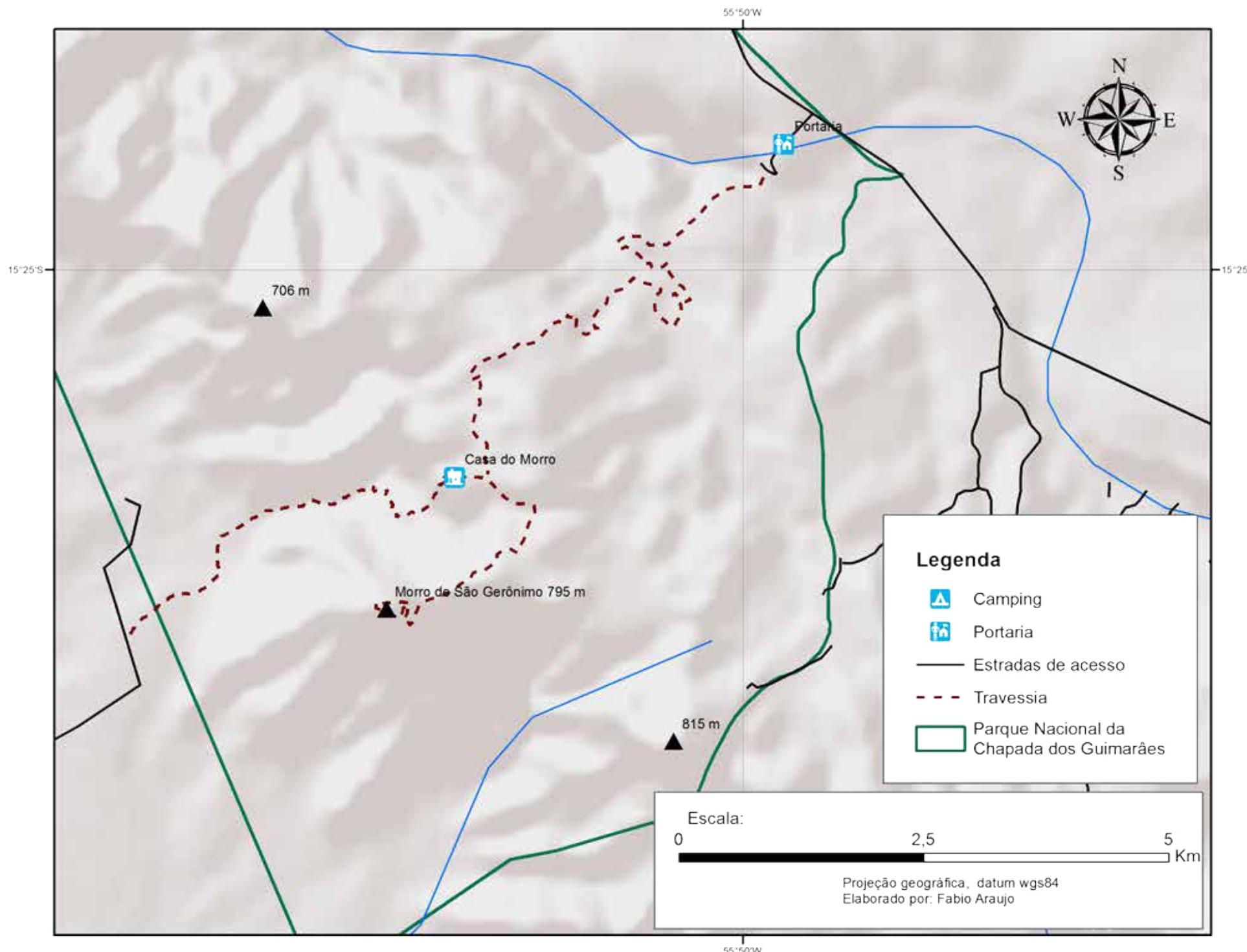
## TRAVESSIA DA CASA DO MORRO

uma viagem no  
tempo pela Chapada  
dos Guimarães



Parque Nacional da  
Chapada dos Guimarães (MT)

# TRAVESSIA CASA DO MORRO





**E**u estava estrategicamente sentada na poltrona da janela, no ônibus que faz o trajeto entre Cuiabá e o município de Chapada dos Guimarães, quando um mundo ancião se revelou diante dos meus olhos. Formações rochosas dos mais diferentes contornos, idades e histórias se impunham ali mesmo, na beira da estrada. Dentro do ônibus, vendo aquela paisagem passar a 70km/h diante de uma janela empoeirada, eu só conseguia pensar no que sentiria quando caminhasse, pequenina, por dentro dessa imensidão pré-histórica. Felizmente, minha visita ao Parque Nacional da Chapada dos Guimarães era exatamente para isso.

A Travessia da Casa do Morro, com 23 quilômetros, foi criada há dois anos, mas ainda é um atrativo desconhecido para maioria dos milhares de visitantes que a unidade de conservação recebe anualmente. A trilha de dois dias é uma verdadeira viagem no tempo que começa cerca de 500 milhões de anos atrás, quando a Chapada surgia, muito diferente do que é hoje. O cenário multifacetado do Cerrado, que se apresenta no parque em 11 variações de vegetação, já foi território de mar e deserto. Transformados ao longo de uma ou outra era geológica, permaneceu a riqueza cênica e a biodiversidade que se manifesta para além do Cerrado, com ocorrência de espécies de charco, típicas do Pantanal, e também de espécies amazônicas.

A travessia é uma oportunidade de conhecer melhor este rico patrimônio natural da Chapada dos Guimarães e perceber que ela possui mais paisagens de tirar o fôlego do que apenas o cartão-postal da cachoeira do Véu de Noiva – o atrativo mais visitado do parque. Nos dias 8 e 9 de junho, os caminhos milenares da área protegida foram o destaque do evento “10 picos e 10 travessias” realizado em comemoração ao aniversário do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). Dez pessoas realizaram a caminhada,



A Cachoeira das Andorinhas, um dos atrativos da parte inicial da travessia

entre elas a gestora, Cintia Brazão; a coordenadora de uso público, Carolina Pötter; e amigos do parque, pessoas que apesar de não serem oficialmente voluntárias, apoiam a unidade.

Antes de começar a travessia, cuja largada seria dada na sede administrativa do parque, aproveitei a proximidade com o Véu de Noiva para conhecer o atrativo mais popular da Chapada. O mirante que leva ao visual mais icônico da área protegida está localizado a poucos metros da administração. Além da beleza inquestionável, o fácil acesso impulsiona a popularidade do Véu de Noiva entre os visitantes.

Depois de tirar minhas próprias fotos de cartão-postal,



reencontrei o grupo já completo para dar início à travessia. A caminhada começou com o ritmo lento de quem aproveitava os pontos de banho incluídos no roteiro para aliviar o calor mato-grossense. E os primeiros 4 quilômetros da caminhada fazem parte, estrategicamente, do Circuito das Cachoeiras, composto por 6 quedas d'água formadas a partir do córrego Independência: Andorinhas, Prainha, Pulo, Degraus, 7 de Setembro e Independência.

Dividíamos as cachoeiras com outros turistas, afinal, o circuito é um dos roteiros mais procurados do parque, principalmente nos finais de semana ensolarados. Guia da Chapada dos Guimarães há 20 anos, Noam contou que antigamente os carros podiam ir até a beira das cachoeiras e que não havia nenhum controle. Hoje, o acesso é feito apenas por trilha, o fluxo é controlado por um limite diário de visitantes e a presença de um guia credenciado é obrigatória em todos os atrativos (inclusive na Travessia da Casa do Morro), com exceção do Véu de Noiva e da Cachoeira dos Namorados. Os agendamentos e a relação dos guias estão disponíveis online na página do Ecobooking. A evolução do ecoturismo, de acordo com Noam, foi uma conquista da própria conservação. “A solução não é proibir, é manejar”, resumiu.

Com boas conversas e belas cachoeiras, seguimos sem pressa pelo circuito de águas que, indiferentes à alta temperatura, permaneciam geladas. Apenas por volta das 14 horas, depois de um lanche disfarçado de almoço, saímos do roteiro das cachoeiras rodeadas de verde e repletas de turistas e entramos na rota pouco conhecida da travessia. De agora em diante, a água deixaria de ser um elemento comum, pelo contrário, alertou Noam, não haveria mais nenhum ponto de hidratação até alcançarmos o abrigo de pernoite, a 7 quilômetros de distância.



O Morro de São Jerônimo se destaca na paisagem

O trecho, conhecido como Morraria, marca uma grande mudança na paisagem da trilha. Na medida em que nos afastávamos dos corpos hídricos, o cenário se transformava, pouco a pouco, naquele mais seco e típico de Cerrado, de vegetação baixa com ares de savana. De repente, uma bióloga que acompanhava o grupo, fez uma descoberta: a pegada de um felino! Prontamente ela tirou uma espécie de escalímetro portátil – o tipo de equipamento que apenas biólogos levam numa caminhada –, fez as medições, e deu o veredito: com cerca de seis centímetros de largura, se tratava de uma onça-parda (*Puma concolor*) jovem. A areia fofa tornava visível o rastro e, depois de ver a primeira, foi possível seguir os passos da onça, que trilhava o mesmo caminho que nós. Diante da dificuldade – e potencial risco – de esbarrar com um animal desses cara a cara, acompanhar apenas suas pegadas e saber que ela estava por ali, foi o suficiente para alegria geral.

Quanto aos nossos próprios rastros, subímos os morros do outro lado do vale quando percebemos que estávamos diante de um horizonte de chapadões e vales de tirar o fôlego. Os

campos abertos davam ainda mais destaque às formações rochosas e as suas histórias. Na caminhada passamos por algumas rochas nas quais eram visíveis camadas de diferentes tonalidades. Cada estrato possui uma cor e uma característica que remete a um período remoto, uma espécie de diário decifrado por geólogos para entender a idade e o contexto de desenvolvimento daquela rocha.

Estima-se que o processo de formação da Chapada dos Guimarães começou há cerca de 500 milhões de anos. Lá coexistem três formações distintas: Botucatu, Ponta Grossa e Furnas; que revelam que antes de se tornar a paisagem atual, esta região já foi um deserto (Botucatu), e – pasmem – até mar (Furnas). Os resquícios deste passado marinho inesperado em pleno centro-oeste brasileiro podem ser comprovados através das conchas fossilizadas encontradas por lá. Os braquiópodes descobertos, para ser cientificamente preciso, são datados do período Devoniano, que fez parte da era Paleozóica, entre 416 e 359 milhões de anos atrás. Uma viagem no tempo que com um pequeno exercício de imaginação permite fantasiar até sobre a presença de dinossauros por ali.

De volta ao presente e à caminhada, na nossa frente despontava a imponente silhueta do Morro de São Jerônimo e, num morro menor à frente, um minúsculo ponto branco que era o nosso destino e ponto de pernoite: a Casa do Morro. Era o sinal de que estávamos na reta final do primeiro dia de travessia.

Enquanto nos aproximávamos do abrigo, percebemos no horizonte, em contraste com o céu sem nuvens, um elemento infelizmente familiar da paisagem mato-grossense: fumaça. Um, dois, três... pelo menos seis focos de incêndio de acordo com os olhos treinados do bombeiro Paulo Barroso,



que acompanhava o grupo. Estavam distantes, próximos da capital, Cuiabá, mas serviram de lembrete sobre um dos principais problemas enfrentados no parque: os incêndios florestais. “O Mato Grosso é o estado que mais queima no Brasil e um dos que mais queima no mundo. E aqui nós estamos queimando três biomas: a Amazônia, que é supersensível ao fogo; o Cerrado que queima, mas consegue se recuperar até certo ponto, e o Pantanal que varia a susceptibilidade de acordo com a zona”, explicou Paulo. Em 2016, 3.832 hectares, pouco mais de 10% da área total do parque, viraram cinzas diante do fogo causado de forma irresponsável e criminosa pelo homem.

Em 2017, o parque adotou pela primeira vez a técnica do Manejo Integrado do Fogo (MIF), posta em prática no começo de junho. A estratégia é realizar a queima de forma controlada antes do período de auge da seca para eliminar o combustível existente e evitar que um possível incêndio se alastre. Combater fogo com fogo, por assim dizer, e criar cordões de proteção próximos às áreas sensíveis, como veredas, e pontos estratégicos como a sede administrativa.

A Casa do Morro, a 670 metros de altitude, é outro desses pontos protegidos pelo manejo do fogo. A estrutura pertence a um antigo proprietário de terras na Chapada. Já foi utilizada como moradia de servidores do parque e ficou abandonada por meses antes de ser reformada e transformada em abrigo para receber os caminhantes. Fogo, só dentro da lajeira que a casa ganhou de herança do velho dono. Uma das poucas “mobílias” restantes da casa, que perdeu os móveis convencionais, mas ganhou um banheiro seco, estratégia de saneamento em locais remotos.

A manutenção e limpeza da casa foi feita pela Associação dos Guias e Condutores de Chapada dos Guimarães em

conjunto com brigadistas e voluntários do parque. O voluntariado da área protegida estava bem representado na travesia com a presença de Franciane, que participa do programa desde 2013 e que, mesmo depois de contratada como terceirizada pela unidade de conservação, continua dedicando suas horas livres como voluntária. Para Franciane, o parque é seu lar e, como ela mesma brincou, “eu só vou em casa para esquentar a cama”.

## PROGRAMA DE VOLUNTARIADO

O Programa de Voluntariado ICMBio é uma oportunidade aberta a todos os interessados em contribuir com as equipes das unidades de conservação, em diversas ações de conservação da natureza tais como pesquisa, visitação, comunicação, educação ambiental e proteção, entre outras. Há desde atividades de um único dia como mutirões, até trabalhos voluntários de longo prazo que podem durar meses. Cada vez mais unidades de conservação federais adotam o voluntariado e abrem a porta para receber o apoio da sociedade civil. Para saber mais consulte a página do ICMBio na seção “Seja um Voluntário”.

A menos de 100 metros do abrigo há um mirante que esclarece os motivos por trás de tanta paixão e dedicação. Diante das cores e contornos protegidos pelo parque, foi fácil entender o encanto que a Chapada dos Guimarães pode despertar nas pessoas. Do lado esquerdo, o imponente Morro de São Jerônimo, um chapadão de coloração alaranjada que se assemelha à uma grande mesa. Do lado direito, morros mais baixos e sinuosos cobertos de verde. E em frente, os destoantes prédios de Cuiabá que se esticam no horizonte para arranhar o céu.

O nome São Jerônimo foi dado pelos bandeirantes que quiseram



homenagear a entidade divina que eles acreditavam que iria protegê-los das tempestades. Mesmo sem raios e trovões, a força do vento na madrugada deu uma noção do medo que os aventureiros deviam sentir ao desbravar os cumes da região. Minha frágil barraca parecia um veleiro, içado pelo sopro da montanha, fortuitamente bem ancorado em terra firme. E, religiões à parte, pensei no tal São Jerônimo e pedi para que ele não permitisse que o vento quebrasse minha tenda.

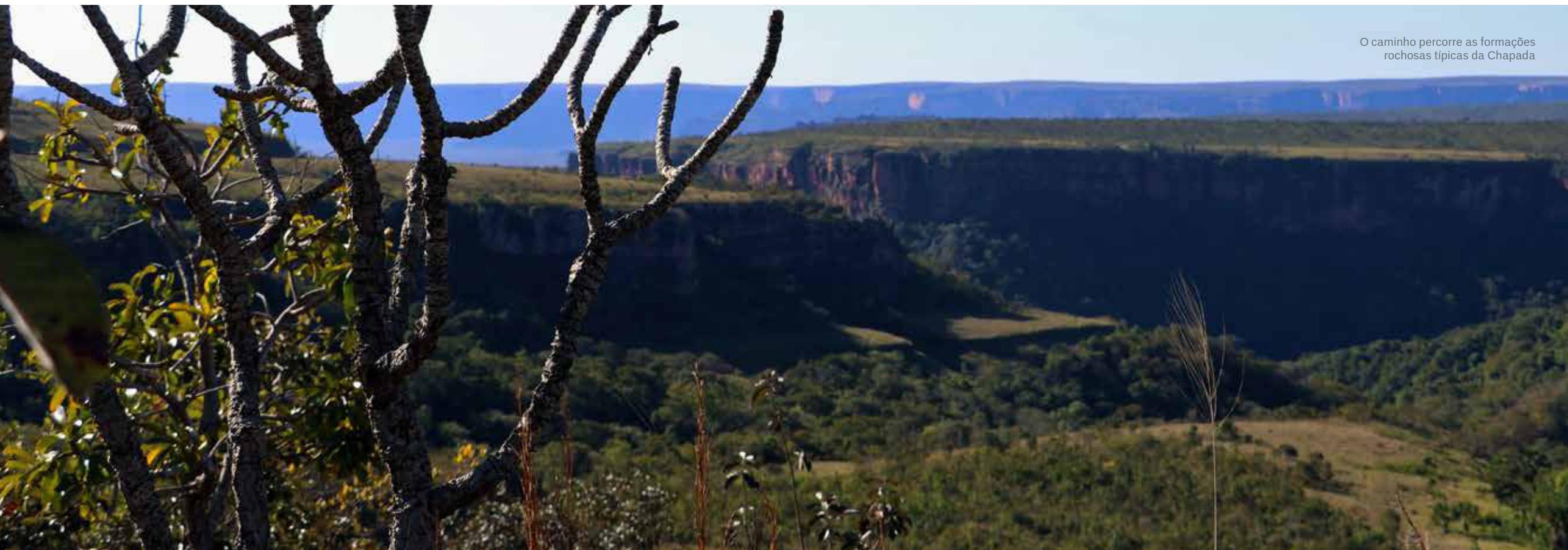
São Jerônimo ouviu meus pedidos e de manhã todas as barracas estavam intactas. Como um agradecimento pessoal à proteção concedida, logo pela manhã saímos em direção ao topo do morro. Fomos com as costas leves, pois a subida seria apenas um bate-volta de aproximadamente 8 quilômetros, e as cargueiras ficariam no abrigo até o nosso retorno.

Encontramos com um segundo grupo aproximadamente 1

quilômetro adiante na trilha, na bifurcação que une os caminhos de quem faz a travessia com os de quem vêm apenas para subir ao topo do Morro de São Jerônimo, um dos pontos mais altos da Chapada. Entre as cerca de 20 pessoas que se juntaram a nós, estavam a representante do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), Cibele Ribeiro, além de mais voluntários e servidores do parque.

Visto de longe, o Morro de São Jerônimo parece uma ampla mesa de rocha, verticalmente impenetrável para qualquer um que não seja escalador. As aparências, entretanto, enganam. Apesar da grandiosidade do platô de pedra que se impõe acima das cabeças dos caminhantes, a 805 metros de altitude, a trilha para alcançar o topo não é tão complicada. São apenas dois trechos de escalaminhada, nos quais é necessária maior atenção e desenvoltura, mas nada que impeça mesmo os

O caminho percorre as formações rochosas típicas da Chapada





Um pica-pau benedito-de-testa-vermelha

montanhistas inexperientes de completar a subida. O gigante de pedra foi generoso ao abrir uma passagem por entre seus paredões para tornar seu cume acessível.

Do alto do platô, há uma visão panorâmica das diferentes tonalidades e facetas do Cerrado mato-grossense, inclusive da metrópole cuiabana, que apesar de estar a menos de 50 quilômetros de distância parece uma outra realidade. Um relógio apressado comparado aos paredões milenares de arenito da Chapada. Apesar de destoante, 65% dos 33 mil hectares do parque nacional estão efetivamente dentro do território da capital. Lá embaixo, enxergávamos a Casa do Morro, de onde havíamos saído. Invertidos os pontos de vista, o abrigo parecia um pequenino ponto branco perdido na imensidão da paisagem. Estábamos no topo da Chapada.

Nas alturas de São Jerônimo, a comemoração pela primeira década de vida do órgão gestor das unidades de conservação reuniu sua bandeira com a do Instituto Brasileiro do Meio

Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), um encontro simbólico visto que o ICMBio nasceu de dentro dele. Na volta ao abrigo, a celebração virou homenagem, com o plantio de seis ipês para lembrar os servidores de ambos os órgãos ambientais que faleceram recentemente, entre eles os integrantes do IBAMA que estavam no avião que caiu no início de julho de 2017, em Roraima. Partimos com a certeza de que a energia daqueles que dedicaram suas vidas à conservação e proteção da natureza iria fazer florir o topo do morro e daria ainda mais cor à Chapada.

No começo da tarde demos início à etapa final da travessia. Depois de uma manhã nas alturas, era um alívio saber que os últimos 4,5 quilômetros seriam apenas de descida. O trecho, conhecido como Caminho do Carretão, é uma antiga rota dos tropeiros usada historicamente para vencer a distância entre Cuiabá e o município da Chapada dos Guimarães. O uso intenso ao longo das décadas podia ser visto na profunda erosão do leito da trilha em alguns pontos, onde se convertia em um túnel mais de dois metros abaixo do nível do solo.

O terreno irregular e as pedras soltas exigiram atenção dos caminhantes, mas foi impossível não olhar para cima. Este é um dos trechos mais impressionantes de mata de encosta de toda a travessia. As encostas são privilegiadas porque recebem maior acúmulo de sedimentos, mais chuva, além de terem mais sombra ao longo do dia. O resultado são árvores altas e frondosas que poderiam facilmente passar por Mata Atlântica. A coordenadora de uso público do parque conta que, inclusive, já foram descobertas algumas espécies de Mata Atlântica na Chapada dos Guimarães, um mistério que os biólogos de plantão ainda não conseguiram elucidar. Talvez o resquício de uma época ancestral em que os biomas não estavam tão separados. Hoje, Cuiabá está a aproximadamente 1.000 quilômetros de distância da área mais próxima



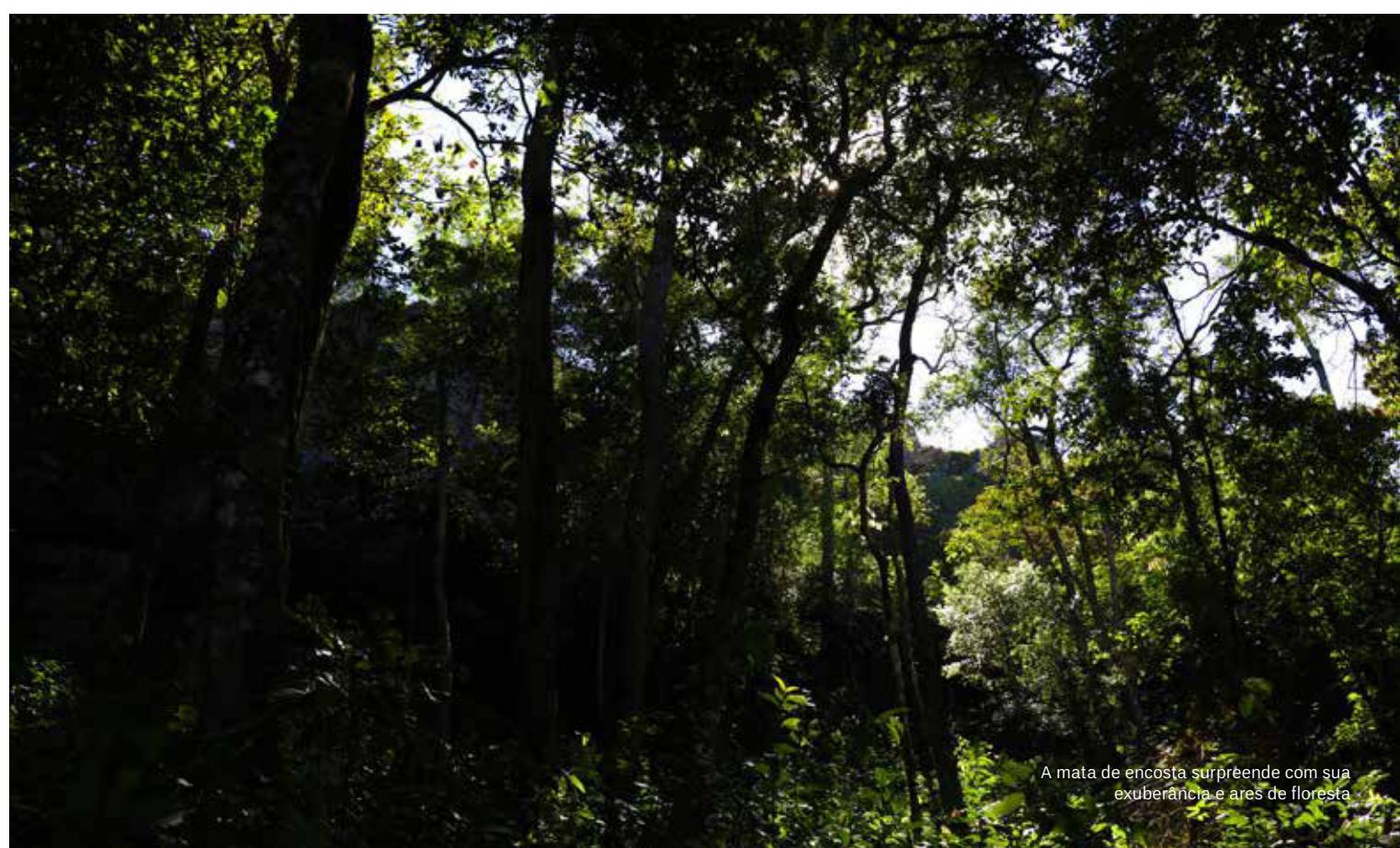
reconhecida como domínio da Mata Atlântica, no interior de São Paulo. Ah, se as rochas pudessem falar!

A biodiversidade da Chapada dos Guimarães para além da riqueza de paisagens, também pode ser traduzida em aves, com registros de aproximadamente 400 espécies. Nos dois dias de caminhada vimos um urubu-rei (*Sarcoramphus papa*); um casal de pica-paus benedito-de-testa-vermelha (*Melanerpes cruentatus*), uma espécie amazônica; diversos soldadinhos (*Antilophia galeata*), espécie que ocorre em matas ciliares da região central do país; as clássicas araras-vermelhas (*Ara chloropterus*); fora as muitas outras que meu parco conhecimento ornitológico não me permitiu identificar.

Nos últimos 3 quilômetros, a travessia vira um agradável passeio no plano enquanto serpenteia ao longo do córrego conhecido como Aricazinho e apresenta a faceta verde e florestal do Cerrado. Terminamos a trilha antes das 17 horas, em uma estradinha localizada a cerca de 1 quilômetro da comunidade quilombola do São Jerônimo, a 30 quilômetros de Cuiabá. A proximidade com a capital assusta depois de uma verdadeira imersão na pré-história e na natureza de um gigante como a Chapada dos Guimarães. A marcha da urbanização vinda da metrópole avança em direção ao parque e desafia a força de uma Chapada que resistiu à erosão por milhões de anos, que viu seu oceano esvaziar, seu deserto rebrotar, e permanece, impassível e imponente, como testemunha da história. E por ironia, nós, tão efêmeros no planeta, somos a maior ameaça a este patrimônio construído ao longo dos milênios, mas também a melhor chance de o conservar.



As múltiplas facetas da vegetação e relevo da Chapada dos Guimarães



A mata de encosta surpreende com sua exuberância e ares de floresta

# PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DOS GUIMARÃES



## SOBRE O PARQUE

O Parque Nacional da Chapada dos Guimarães foi criado em 12 de abril de 1989 e ocupa uma área total de 33.000 hectares na região central do estado de Mato Grosso. O parque está dividido entre dois municípios, Chapada dos Guimarães e a capital Cuiabá.

O parque está inserido no Cerrado mas apresenta forte influência do Pantanal e da Amazônia, e abriga espécies de fauna e flora dos três biomas. Além de ser marcado pela diversidade de relevo, o parque faz parte da bacia hidrográfica do Alto Paraguai, protegendo cabeceiras do rio Cuiabá, um dos principais formadores do Pantanal Mato-grossense.

O atrativo mais famoso da Chapada dos Guimarães é a Cachoeira do Véu de Noiva, de fácil acesso a partir da entrada principal do parque. Este é um dos únicos atrativos que dispensa a presença de um guia credenciado, o outro é a Cachoeira dos Namorados. Para aproveitar o Circuito das Cachoeiras, conhecer a Cidade de Pedras ou percorrer a Travessia da Casa do Morro, é obrigatório o acompanhamento de um guia. A relação de condutores de turismo disponíveis para o agendamento de cada atrativo está disponível na página do Ecobooking.



## COMO CHEGAR

O acesso ao parque é feito pela Rodovia Emanuel Pinheiro – MT 251, que margeia e corta a unidade de conservação. De Cuiabá até a entrada principal do parque são 50 km. Se o ponto de partida for a cidade de Chapada dos Guimarães, a entrada está a 11 km de distância.

Também é possível pegar um ônibus na rodoviária de Cuiabá para Chapada dos Guimarães. Há ônibus praticamente a cada 1 hora e trinta minutos, e é preciso confirmar os horários de saída e se o ônibus é direto (sem paradas no percurso) ou para no Véu de Noiva (referência da entrada no parque nacional).



## MELHOR ÉPOCA PARA VISITAR

O parque pode ser visitado o ano todo. De dezembro a março há maior incidência de chuvas. De julho a outubro é época de seca, com altas temperaturas e maior possibilidade de queimadas.



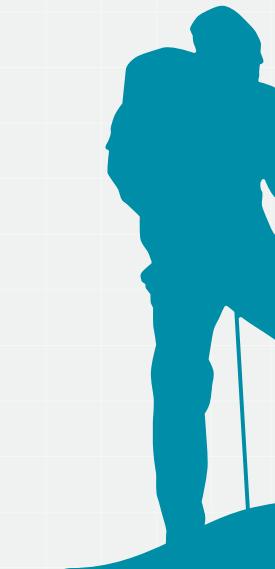
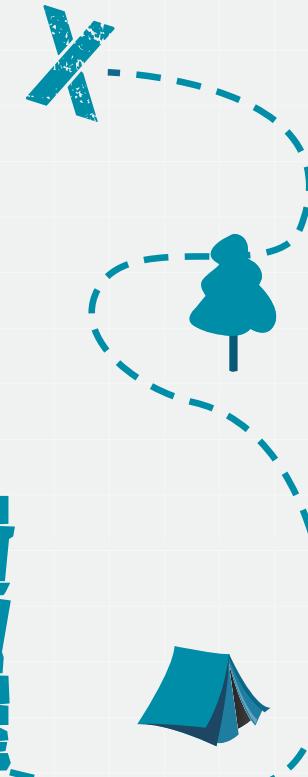
PNCG@ICMBIO.GOV.BR



(65) 3301-1133



Para mais informações e dados atualizados sobre o parque acesse a página do verbete no WikiParques através do QR-Code e o guia do visitante no site do ICMBio [www.icmbio.gov.br/parnaguimaraes/guia-do-visitante](http://www.icmbio.gov.br/parnaguimaraes/guia-do-visitante)



# 4

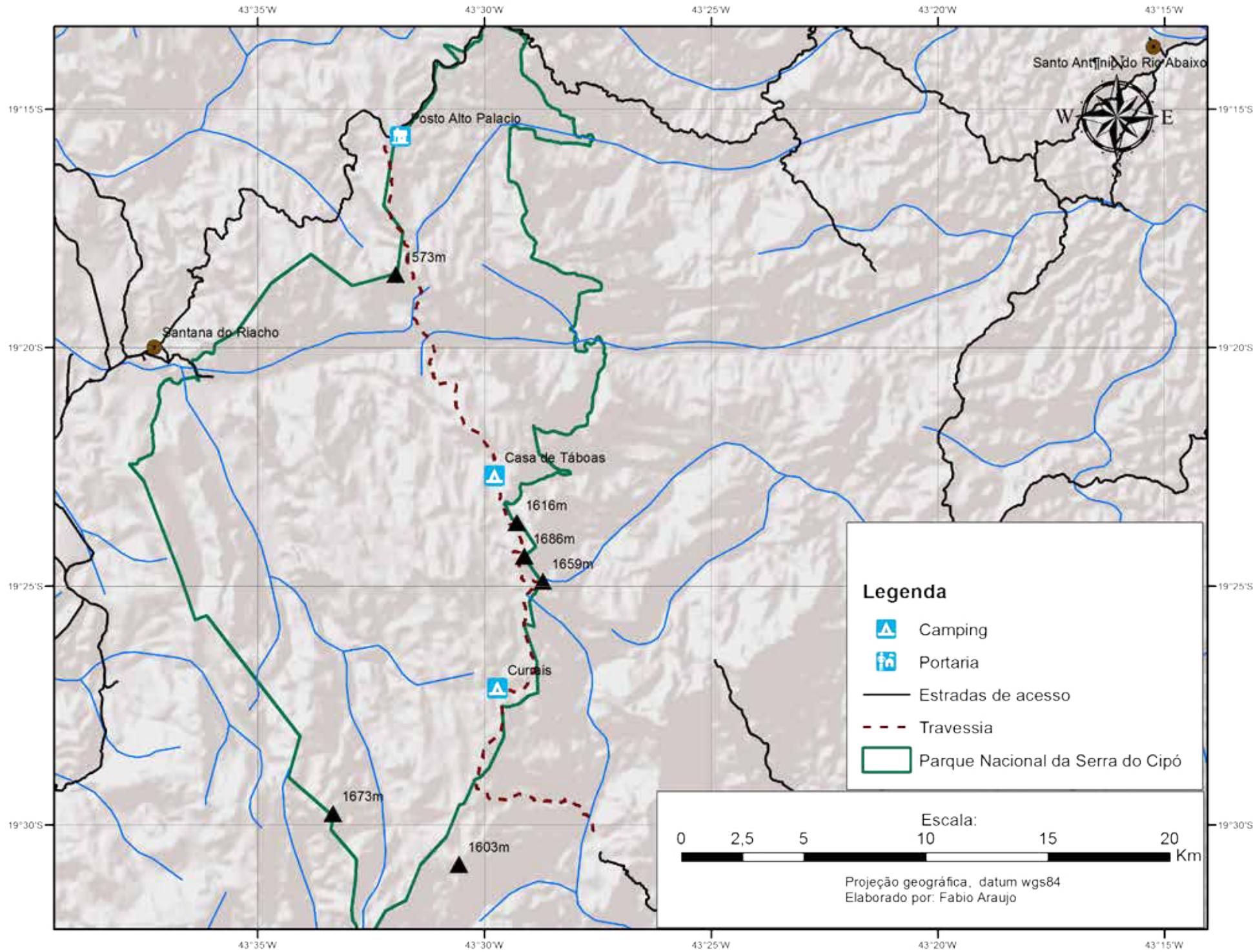
## TRAVESSIA ALTO PALÁCIO X SERRA DOS ALVES

uma jornada nas  
alturas da Serra  
do Cipó



Parque Nacional da Serra do  
Cipó (MG)

# TRAVESSIA ALTO PALÁCIO X SERRA DOS ALVES



A palavra de ordem no Parque Nacional da Serra do Cipó, em Minas Gerais, é andar. Para chegar em alguma das cachoeiras da unidade, por exemplo, o visitante é obrigado a encarar no mínimo 7 quilômetros de caminhada. A vocação não poderia estar mais clara com a implementação de uma trilha de longo curso. O trekking de 40 quilômetros tem como companhia constante as nuvens, o céu e as montanhas. Para onde quer que se olhe, lá estão esses três personagens: os protagonistas da travessia. E os montanhistas não são mais que coadjuvantes privilegiados da imensidão mineira.

Os caminhos de horizontes vastos foram o palco para a quarta travessia comemorativa do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) em meados de julho de 2017. O aniversário de 10 anos do órgão ambiental foi celebrado por um grupo de aproximadamente 30 pessoas. Entre elas estavam o coordenador geral de Uso Público e Negócios (CGEUP) do ICMBio, Pedro da Cunha e Menezes; o gestor do parque, Flávio Cerezzo; além de representantes do Instituto Estadual de Florestas (IEF) de Minas Gerais e das prefeituras de Jaboticatubas e Santana do Riacho, municípios do entorno.

A caminhada soma 40 quilômetros e percorre cenários de Cerrado, de campos rupestres e termina com um gostinho de Mata Atlântica, no sopé do povoado de Serra dos Alves, no limite sul do parque. A Serra do Cipó é uma zona de encontro entre os dois biomas, com o bônus da altitude, que transforma a unidade de conservação em uma área com grande incidência de endemismos, ou seja, de espécies que são exclusivas daquele habitat. Além disso, o Cipó é parte da grande cadeia de montanhas da Serra do Espinhaço, considerada a única cordilheira do Brasil e que, em 2005, ganhou o título de Reserva da Biosfera e o reconhecimento



de “berçário das águas”.

Prontos para conhecer de perto a biodiversidade e beleza cênica do parque, iniciamos a travessia na manhã de uma sexta-feira. No roteiro, três dias de trilha nos esperavam. A primeira etapa é a mais longa, com um total de 17 quilômetros. O trekking começa em Alto Palácio, próximo a uma das bases de brigadistas, onde uma placa sinaliza o começo do percurso.

O dia amanheceu com o frio típico da serra, mas rapidamente esquentou quando começamos a movimentar o corpo. A travessia já começa nas alturas, a 1.350 metros de altitude, mas os primeiros 6 quilômetros são de subida, ainda que gradual,



que se encarregam de levar os caminhantes ainda mais alto. Enquanto subíamos, o vento gritava nos nossos ouvidos e nos empurrava, ora pela frente, ora pelos lados, infelizmente nunca pelas costas para nos impulsionar para cima. Guia de ecoturismo na região há 10 anos e voluntário do parque, Bruno estimou a velocidade do vento em aproximadamente 29 nós, algo em torno de 54 km/h. Elemento comum na serra, o vento forte adicionou um charme aventureiro à travessia.

Charme, aliás, não falta no percurso. Como um intrigante círculo de árvores maiores, destoantes e indiferentes à vegetação rasteira do entorno. Provavelmente uma mata de galeria, usufruindo dos privilégios de uma das incontáveis nascentes da Serra do Cipó.

Por volta das 11 horas, depois de 6,5 quilômetros de caminhada, começamos a descida que alcançaria seu ápice, ou melhor, seu sopé, no Vale do Travessão, uma das paisagens mais famosas do parque nacional. No meio do caminho, entretanto, há outro atrativo, menos conhecido entre os visitantes: pinturas rupestres. Em uma solitária e proeminente pedra, que com certeza passaria batida se Bruno não tivesse chamado nossa atenção, havia desenhos de cor alaranjada que retratavam veados e o que parecia ser um canguru (?) ou um cavalo – mas quem sou eu para julgar os talentos artísticos do homem primitivo? Datadas com idades entre 8 e 2 mil anos, as pinturas revelam o passado da região, onde existem registros humanos de cerca de 10 mil anos atrás.

Em um tempo anterior à especulação imobiliária, o homem primitivo com certeza soube escolher bem onde morar. Isso porque, a apenas 1,5 quilômetro dali está o Vale do Travessão. O nome é uma referência ao seu histórico como lugar de passagem por onde era possível atravessar o cânion no sentido norte – sul, como fazíamos agora. O vale também



Pinturas rupestres indicam a presença humana milenar na Serra do Cipó



O impressionante Vale do Travessão

representa um divisor de bacias hidrográficas que separa as águas do rio São Francisco, a oeste, onde predomina o Cerrado; e as do Rio Doce, a leste, zona de domínio da Mata Atlântica.

Nada melhor descreve o Vale do Travessão do que a palavra impressionante. Os paredões de rocha se precipitam sobre o vale, soberanos, enquanto o rio do Peixe serpenteia lá embaixo, minúsculo entre os gigantes de pedra. Impressiona também a vegetação, que não se intimida, e sobe das margens do rio aos cumes, desfazendo com o verde a sobriedade das montanhas.

Depois de descer aos 1.000 metros de altitude para atravessar o vale, era hora de recomeçar a subida e voltar às alturas. Faltavam 7,5 quilômetros para chegarmos no ponto de pernoite, conhecido como Casa de Tábuas. Enquanto subíamos a serra, o dia nublado permitiu frestas de sol e o resultado dos fechos de luz por entre as nuvens iluminando e sombreando aquele cenário montanhoso produziu efeitos similares ao divino.

O poeta Carlos Drummond escreveu que “Minas não é palavra montanhosa, é palavra abissal”. Se não poderia concordar mais com a segunda afirmação, ela me faz questionar a primeira, porque os tais espantos causados pelas paisagens de Minas Gerais são sim, bem montanhosos. E na Serra do Cipó isso se escancara com horizontes construídos de infinitos morros. Para todos os lados e nos mais variados formatos e alturas, eles dão a verdadeira dimensão do que é uma cordilheira. A Serra do Espinhaço se estende por mais de 1.000 quilômetros e vai do norte de Minas Gerais ao sul da Bahia, na Chapada Diamantina, em uma linha praticamente reta, como uma espinha, o que originou seu nome. A Serra do Cipó equivale a parte sul da cadeia, com altitudes que variam entre 650 e 1.670 metros.

Calcula-se que o surgimento da Serra do Espinhaço começou há cerca de 2 bilhões de anos, quando a região ainda era um oceano, através do choque entre placas tectônicas. No encontro das placas, houve o soerguimento de uma por cima da outra. O resultado foi o surgimento de uma crista rochosa onde todas as pedras se inclinam na mesma direção. É visualmente impressionante perceber como as rochas se projetam diagonalmente com força e certa brutalidade como se, de fato, tivessem acabado de romper o ventre da terra. Quem pensa que as pedras não se movem não conhece o Espinhaço. A peculiaridade também funciona como bússola natural que aponta o Oeste.

Chegamos na Casa de Tábuas no final da tarde. O abrigo é uma pequena casa construída rusticamente com tábuas de madeira, porém seu fogão à lenha garante um ambiente acolhedor na noite fria mineira. Junto aos últimos raios de luz solar, todos montaram suas barracas nos arredores do abrigo, que funciona como ponto de apoio dos brigadistas do parque. Durante a noite, uma espessa neblina se formou e



fez com que mesmo as barracas nas cores mais vibrantes se perdessem em meio à bruma, um prelúdio para chuva forte que viria de madrugada.

Pela manhã, a neblina persistia e se confundia com as fumaças das nossas respirações. A temperatura fez mineiros, paulistas e cariocas baterem queixo lado a lado, sem distinção, e obrigou todos a deixarem o acampamento devidamente agasalhados. O percurso do segundo dia é de 12 quilômetros e no caminho estava o trecho mais alto de toda travessia, a 1.614 metros de altitude.

Partimos em meio às brumas, com uma visibilidade baixa que não permitia que enxergássemos nem 20 metros à frente. Estávamos dentro da nuvem e vez ou outra sentíamos as gotículas de uma garoa exclusiva das alturas. No caminho, enxergamos o suficiente para nos maravilharmos com uma canela-de-ema-gigante (*Vellozia gigantea*), uma das peculiaridades da Serra do Cipó, com idade estimada de mais de 500 anos. O indivíduo mais velho da planta encontrado no parque foi datado com aproximadamente 900 anos.

A neblina intensa escondia o entorno e, combinada com a vegetação rasteira, virou um desafio de orientação. O próprio guia se confundiu e, quando vimos, não sabíamos por onde ir. Durante talvez 10 minutos vagamos com nada além da intuição para nos orientar e, felizmente, conseguimos recuperar o rumo certo. A experiência – ainda que curta – de se perder, provou que ainda é preciso investir na sinalização e manejo da trilha. A profusão de caminhos devido à vegetação baixa faz com que mesmo montanhistas mais experientes possam se perder por ali. Por ocasião da nossa travessia, a única sinalização existente eram algumas estacas com a parte superior pintada de amarelo. Apesar do parque não obrigar a contratação de guias para o percurso, é recomendável

(e prudente) a companhia de alguém que conheça bem os caminhos da unidade da conservação.

A travessia foi oficialmente inaugurada em outubro de 2015 e o trabalho de sinalização e manejo ainda está em andamento, com apoio dos voluntários e dos brigadistas - uma vez que a trilha também funciona como via de acesso para combater incêndios no interior do parque.

Diante da neblina e do frio, o clima parece inóspito, mas a Serra do Cipó surpreende com flores e cores que brotam na paisagem como se ali reinasse uma primavera particular. De acordo com Bruno, a melhor época para conhecer o “jardim do Brasil”, como descreveu o próprio Burle Marx, é no verão. Quando o capim-estrela (*Rynchospora speciosa*), espécie de gramínea com flor em formato estelar na ponta, transforma os campos em verdadeiras constelações terrestres; e quando as sempre-vivas (*Paepalanthus spp.*) estão todas em flor. Assim como as orquídeas, as bromélias e as canelas-de-ema, além de outras pequenas flores das mais variadas cores e formatos que juntas enfeitam o relevo acidentado das alturas. O parque já registrou, inclusive, espécies micro endêmicas

## CAMPOS RUPESTRES

O campo rupestre é um tipo de vegetação arbustiva que pode ocorrer em diferentes biomas, como Cerrado, Mata Atlântica e Caatinga, geralmente em altitudes superiores a 900 metros em áreas onde há ventos constantes e grandes variações de temperatura. Apesar das características inóspitas, uma das principais características dos campos rupestres é a riqueza da sua flora que pode variar muito em poucos metros de distância e apresenta alto número de espécies endêmicas, ou seja, restritas àquele habitat.



de flora, ou seja, que só acontecem em um determinado e restrito lugar, como a *Coccoloba cereifera*, cuja área de ocorrência é inferior à 30 km<sup>2</sup>. Um atrativo à parte da travessia é descobrir a riqueza dos campos rupestres e ver como, mesmo sob condições extremas, num solo sob rochas de quartzito, raso e ácido, a vegetação consegue florir.

Quando começávamos a descida final para alcançar o abrigo de pernoite, por volta das 13 horas, o tempo abriu e revelou os cenários escondidos até então pelas nuvens. Foi como se o visual da serra nos tomasse de supetão e, de repente, caísse a ficha de onde estávamos, para garantir mais um “uau” antes de encerrar o dia. Os últimos 2 quilômetros com os horizontes descortinados em contornos de montanhas foram um presente sob medida. Pouco depois de chegarmos nos Currais, nosso ponto de pernoite, as nuvens novamente invadiram os céus e nublaram a paisagem.

Os Currais também são ponto de apoio dos brigadistas. Durante a época seca, quando os incêndios são mais comuns e perigosos, eles fazem plantão dentro do parque. Naquela noite de sábado, cinco deles estavam na casa. Ao todo, a unidade conta com uma equipe de 36 brigadistas. A estrutura do abrigo é simples: uma fossa séptica, um fogão à lenha e, o luxo, a possibilidade de conseguir um banho morno com água esquentada direto no balde. Dispensei a mordomia para me banhar no rio próximo ao camping para renovar as energias e sentir na pele as águas límpidas – e congelantes, confesso – que nascem no Cipó.

O terceiro e último dia de caminhada começou às 9:30. Faltavam apenas 11 quilômetros para concluirmos a travessia e, como um presente de despedida da serra, o dia amanheceu aberto, com pedaços de céu azul. O tempo limpo foi especialmente generoso quando estávamos em meio a uma

A Casa de Tábuas, primeiro ponto de pernoite, envolta de neblina





espécie de planície cercada de morros na qual, mais uma vez, a imensidão mineira exibiu sua natureza abissal, como diria Drummond.

Depois de 5 quilômetros praticamente planos, uma leve subida nos coloca no topo da Serra dos Alves. “Agora é só descida”, adianta o gestor. De fato, sairemos dos 1.400 metros de altitude para menos de 800 metros no nosso ponto de chegada. Próximo ao sexto quilômetro, uma placa sinaliza os limites do parque. De agora em diante a travessia seguiria no território da Área de Proteção Ambiental (APA) Morro da Pedreira que, com seus quase 100 mil hectares de extensão, envolve o parque nacional, com 33 mil. Ambas são unidades de conservação federais e atuam de forma integrada pela preservação da natureza na região.

Futuramente, há a possibilidade de que uma parte deste território na reta final da travessia seja anexada ao parque, que ganharia com isso cerca de 1.600 hectares. Conforme explicou o gestor, a ampliação seria possível a partir de uma compensação ambiental da empresa Vale e a expectativa dele é de que até o final de 2018 ocorra a regularização fundiária e o repasse das terras pela Vale à União.

A trilha serpenteia morro abaixo até que, numa curva, o cenário se expande em forma de cânion. Lá embaixo, corre o rio Boca da Mata e, em cima, uma pedra forma um pequeno morro que se posiciona como um mirante estratégico, na beira do precipício. Do alto, é inevitável se impressionar ainda mais com o visual de infinitudes da Serra do Cipó. Mais adiante, com localização igualmente privilegiada, estava uma casa abandonada. Localizada entre as paredes rochosas do cânion, ela parece se precipitar em direção ao horizonte. Atualmente desocupada, com a ampliação ela pode se tornar um futuro abrigo para travessia, como adianta o gestor.



Trecho final do 2º dia, antes da chegada nos Currais



Por cima do cânion do rio Boca da Mata



Na medida em que descíamos, o ambiente ia mudando e a vegetação rasteira ia se transformando em floresta. Eram as influências da Mata Atlântica, que predomina na parte leste do parque. Na descida, aproveitamos ainda para fazer um rápido desvio e conhecer a Cachoeira dos Cristais, próxima ao nono quilômetro da travessia. Afinal de contas, a Serra do Cipó é famosa pela sua riqueza hídrica e belas cachoeiras. As águas geladas mineiras foram irresistíveis e o rápido mergulho foi revigorante. Os últimos 2 quilômetros continuaram em descida pelo vale cada vez mais verde.

Antes da chegada estava um derradeiro obstáculo: uma pinguela, nome informal dado a uma ponte banguela, neste caso composta de tábuas de madeira rusticamente presas por cabos de aço enferrujados pelo tempo. Terminamos a travessia no começo da tarde, a tempo de um almoço de comida caseira na comunidade de Serra dos Alves. Os 40 quilômetros podem parecer muito comparado a outras trilhas de longa duração, mas é só o começo para o Parque Nacional da Serra do Cipó. De acordo com Flávio, “a nossa perspectiva é ampliar o percurso para cerca de 70 quilômetros, com diferentes opções de composição de trajeto”. Afinal de contas, a palavra de ordem por aqui é andar - e cada passo vale a pena.



A Cachoeira dos Cristais, uma das diversas quedas d'água da Serra do Cipó

# PARQUE NACIONAL DA SERRA DO CIPÓ

## SOBRE O PARQUE

O Parque Nacional da Serra do Cipó foi criado em 25 de setembro de 1984 e ocupa uma área total de 33.800 hectares no nordeste do estado de Minas Gerais. O parque está dividido entre quatro municípios Jaboticatubas, Santana do Riacho, Morro do Pilar e Itambé do Mato Dentro.

O Cerrado é o principal bioma encontrado no parque, mas também há remanescentes de Mata Atlântica, além de extensas áreas de campos rupestres, um ecossistema que apresenta rica biodiversidade de flora. A Serra do Cipó faz parte da Serra do Espinhaço, considerada a única cordilheira do Brasil, e o relevo acidentado das montanhas é uma das características mais marcantes da paisagem no parque nacional.

Existem duas portarias para acessar os roteiros turísticos do parque, a de Areias e a do Retiro, cada uma leva à diferentes destinos. Os principais atrativos da Serra do Cipó são as trilhas, cachoeiras e mirantes. Alguns dos mais famosos são: o Cânion das Bandeirinhas, a Cachoeira da Farofa, o Mirante do Bem, o Circuito de Lagoas, a Cachoeira das Andorinhas e a Cachoeira do Tombador. A travessia Alto Palácio x Serra dos Alves, normalmente realizada em três dias, também é um dos roteiros possíveis para conhecer e contemplar a beleza da unidade de conservação, para percorrê-la é necessário agendamento prévio na página do Ecobooking. A companhia de um guia local é recomendada. Não há cobrança de ingresso para entrada no parque.

## COMO CHEGAR

O parque está a cerca de 100 km de Belo Horizonte. O acesso pode ser realizado pelas rodovias MG-10 e MG-424. A entrada para a sede do Parque Nacional da Serra do Cipó é feita no Km 94 da rodovia MG-10 e dista do asfalto aproximadamente 3 km.



## MELHOR ÉPOCA PARA VISITAR

O parque pode ser visitado durante o ano todo. A época seca vai de maio a setembro, quando há menos probabilidade de chuvas.



**PARNA.SERRADOCIPO@ICMBIO.GOV.BR**



**(31) 3718 7151 / 7475**



Para mais informações e dados atualizados sobre o parque acesse a página do verbete no WikiParques através do QR-Code e o guia do visitante no site do ICMBio [www.icmbio.gov.br/parnaserradocipo/guia-do-visitante](http://www.icmbio.gov.br/parnaserradocipo/guia-do-visitante)



5

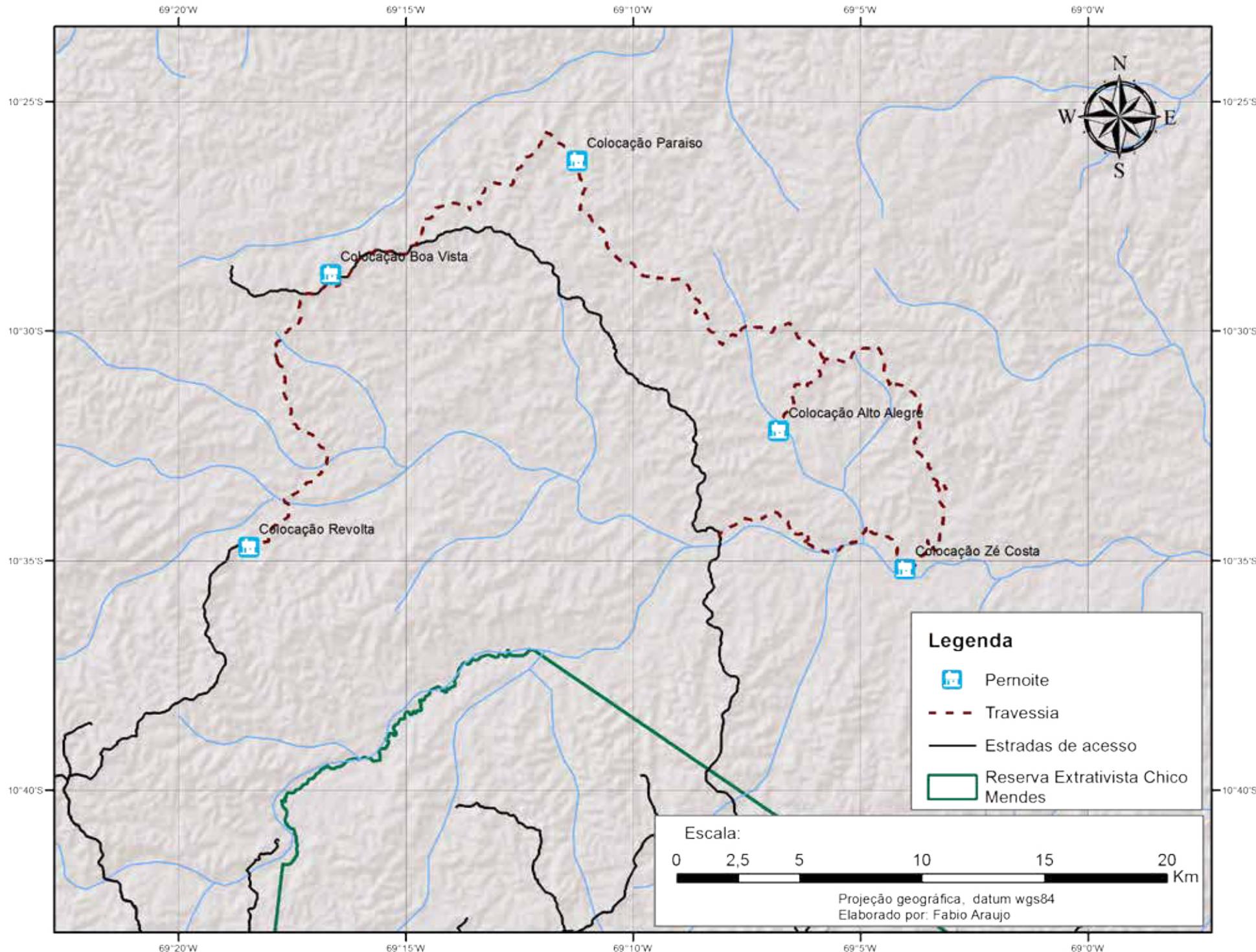


## TRILHA CHICO MENDES

um caminho pelos  
significados da palavra  
socioambiental na  
Amazônia

Reserva Extrativista  
Chico Mendes (AC)

# TRILHA CHICO MENDES





**A** Floresta Amazônica ocupa o imaginário coletivo de todos os brasileiros e possui um acervo próprio de personagens. Esta, entretanto, não é uma história clichê sobre a Amazônia. Todos os elementos clássicos estão presentes, mas o ponto de vista é, minimamente, original. É a floresta vista de baixo e a pé. É o relato de quem trilhou durante cinco dias por dentro da Reserva Extrativista Chico Mendes, no Acre. De quem se viu miúda na sombra de árvores gigantescas e tristemente exposta ao ver tantas outras no chão, em áreas desmatadas para virar pasto. Ao longo dos seus 90 quilômetros, a Trilha Chico Mendes não tenta maquiar a realidade. O percurso mostra a exuberância da floresta, mas também expõe a velocidade com a qual ela vai abaixo por causa da mão do homem.

Acompanhei a caminhada inaugural da trilha, realizada entre os dias 17 e 21 de agosto de 2017, como parte das comemorações de aniversário do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). A coincidência de nomes reflete a importância simbólica da reserva extrativista (resex) para o instituto. Chico Mendes é um herói no Acre, apesar desta ser uma história menos conhecida Brasil afora. Na criação do órgão ambiental, em 2007, o seringueiro acreano que se tornou mártir e símbolo da luta pela proteção das florestas e de seu povo foi eternizado. Seu nome serve como um lembrete da missão socioambiental, em que as necessidades humanas respeitam os limites da natureza. Um ideal refletido na divisão de categorias das unidades de conservação (UCs) brasileiras: as de proteção integral e as de uso sustentável – como a resex. A jornada por essa reserva com 970 mil hectares de Floresta Amazônica onde vivem cerca de 2.300 famílias revelou um pouco do tamanho do desafio gigantesco que é conciliar interesses sociais e ambientais.

A criação da reserva extrativista, em 1990, foi pioneira. Na



A sinalização da Trilha Chico Mendes com as marcas da seringa

época, não havia ICMBio, tampouco o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC, criado em 2000). Havia apenas o desejo dos moradores da floresta de mantê-la em pé porque a sobrevivência deles dependia disso. Dependia da seringueira e da extração da borracha; dos animais e da caça para subsistência. Através da luta deles, da qual Chico Mendes se tornou símbolo, surgiu a ideia da primeira área protegida onde a conservação não excluía o extrativismo e a moradia. Hoje, o principal extrativismo na reserva é a castanha, produto em alta no mercado. Uma única lata vale entre 100 e 150 reais.

Analista ambiental da resex há mais de 9 anos, Fernando Maia acompanhou de perto algumas dessas transformações



e apostou no turismo como aliado para combater os recentes avanços da pecuária dentro da unidade. Principal responsável por tirar a Trilha Chico Mendes do papel, Fernando liderou nossa equipe de seis pessoas no percurso de 5 dias. Além dele, a expedição contava com um representante do governo do Acre, um servidor da Secretaria de Turismo e Lazer do Estado (SETUL), um membro do Exército Brasileiro e uma voluntária da unidade – além da jornalista que vos escreve. No apoio logístico de transporte, outro voluntário deu assistência ao grupo.

A primeira etapa da travessia foi feita de carro para vencer os 270 quilômetros que separam Rio Branco do ramal 89, uma estrada de terra que leva ao interior da Resex Chico Mendes. O traslado a partir do ramal exige veículo apropriado e às 14 horas subimos na traseira do caminhão do Seu André, um dos moradores da reserva, para prosseguir nossa viagem.

André tem 67 anos. Ele veio do Ceará com os pais quando tinha 17 e é um seringueiro conhecido na região, mas admite que hoje quase não realiza mais o ofício porque “o valor da borracha está baixo, mesmo com os subsídios [do governo do Acre]”. Para substituir a atividade, começou o serviço de transporte e frete com o caminhão. Apesar dos ramais serem completamente irregulares, Seu André garante que eles ficam muito piores na época das chuvas, quando viram um lamaçal. Esse é um dos motivos pelos quais a recomendação é realizar a trilha apenas durante a estação seca, entre junho e outubro quando, em vez da lama, há apenas poeira.

Fizemos uma única pausa no percurso de cerca de 30 quilômetros de estrada batida até o ponto onde de fato começa a Trilha Chico Mendes e o motivo não poderia ser mais nobre: comer. Almoçamos já dentro da resex, na casa de uma moradora que preparou uma farta refeição, na qual não faltou mandioca.



As castanhas, principal produto do extrativismo na Resex



A seringueira com o corte  
típico para extração

No final da tarde chegamos enfim na casa do Seu André, uma construção toda feita de madeira, simplicidade e aconchego, onde jantamos e pernoitamos para apenas no dia seguinte dar início a nossa caminhada. Todos os pernoites são feitos em casas de moradores, assim como os jantares e até alguns almoços. A estrutura de apoio ao turista oferecida pelas próprias famílias que moram lá é uma das maiores esperanças para que a Trilha Chico Mendes se torne um vetor de geração de emprego e renda na unidade.

Antes das 8 horas da manhã, já estávamos com o pé na trilha, de olho na marca registrada do percurso: uma pegada amarela estilizada com o desenho do corte característico da seringueira. A sinalização, entretanto, não dispensa a obrigatoriedade do guia no trajeto como me avisou Fernando. Ela serve apenas como ferramenta de institucionalização e reconhecimento do atrativo – e também para ajudar na orientação dos próprios condutores.

Estávamos enfim caminhando dentro da maior floresta tropical do mundo e no meio da manhã, a umidade se converteu

em chuva sobre nossas cabeças, como um batismo amazônico. Com a câmera fotográfica guardada, somente os olhos e a memória puderam registrar este trecho e a forma como o cenário se transformou regado pelos céus. Memorizei o cheiro da chuva, a aparência da terra úmida, as folhas molhadas e a neblina que baixou na mata.

Ao longo da trilha, passamos por árvores gigantes, como a sumaúma (*Ceiba pentandra*), mas também por áreas recém-desmatadas. Os pastos fazem uma triste fronteira com a floresta. “Não queremos esconder a realidade da reserva, nem criar visitantes alienados sobre o que está acontecendo aqui. A pastagem é para fazer com que as pessoas pensem no que a reserva está se transformando e o que será dela se não fizermos algo”, pontuou Fernando.

Durante os quase 17 quilômetros de caminhada do dia, foi inevitável me preocupar com o futuro da Amazônia enquanto me encantava cada vez mais com ela. Quando chegamos na Colocação Boa Vista, por volta das 16:00, esses pensamentos ainda me acompanhavam enquanto era apresentada ao Seu Anacleto, sua mulher e seus filhos. O nome “colocação” foi herdado da época em que cada seringueiro era “colocado” em um terreno para explorar a seringa. Hoje, como no passado, cada família habita uma colocação.

Depois do jantar, sob a luz de uma única lâmpada incandescente, permaneci à mesa para ouvir Anacleto contar histórias da luta dos seringueiros na região, da qual ele é parte desde os 11 anos. No sindicato, conheceu e conviveu com Chico Mendes. Poeta e repentista, declamou um poema que compôs sobre o dia em que anunciaram a morte do companheiro de resistência. Os versos lamentam a perda do herói, mas lembram que a luta continuou em seu nome: “o sangue jorrou no chão, a carne a terra comeu, nós choramos tanto,



mas ninguém esmoreceu. Que dali por diante, muita coisa aconteceu. As reservas extrativistas, os projetos de assentamento, onde o homem lava a terra e dela tira o sustento”.

Conhecer as histórias do movimento socioambiental no Acre pela voz direta de seus protagonistas que, não raro, estão apenas no plano de fundo da narrativa oficial, transforma a Trilha Chico Mendes em algo a mais do que “só” uma caminhada pela Amazônia. É também um mergulho na história de uma região e de um povo.

No dia seguinte, antes de sairmos para caminhada, tomamos um café-da-manhã com direito a uma iguaria local: o leite de jatobá, tão doce que recebeu o apelido de “Nescau da floresta”. A surpresa do dia, entretanto, foi um atrativo extra apresentado por Seu Anacleto: um apuí (*Ficus spp.*) imenso e milenar, com raízes espalhadas por um diâmetro de, no mínimo, 300 metros – segundo ele próprio mediu. A árvore está localizada a cerca de 800 metros de sua propriedade e o desvio vale a pena para conhecer esse gigante da natureza.

Cada vez mais na empreitada Amazônia adentro me admirava em como a floresta é linda, cheia de vida, de cheiros e, principalmente, de sons. A densidade da vegetação nos impede de enxergar claramente e é com os ouvidos que percebemos a abundância, riqueza e diversidade do bioma. Em uma das sinfonias, o canto dos cricriós (*Lipaugus vociferans*), pássaros localmente chamados de seringueiros, se misturava com o som desafinado dos bugios-vermelho (*Alouatta seniculus*). Aqui o primata é chamado de capelão exatamente em razão do alarde que provoca com sua “cantoria”. Também nos deram as boas-vindas araras, beija-flores e pica-paus.

Os barulhos feitos por nós enquanto caminhamos também dificultam a observação da fauna, que se esconde com a

nossa aproximação. Quando damos sorte, conseguimos flagrar o vulto de uma cutia ou de um quatipuru (*Sciurus igniventris*). Menos assustados diante da presença humana, talvez pela proximidade familiar, no meio da manhã conseguimos admirar um bando de macacos-prego (*Cebus apella*).

Se apenas a exuberância da natureza já seria motivo suficiente para perder o fôlego, no caminho ainda havia vários trechos de subida, contrariando a ideia de que a Amazônia é uma grande planície. Os desniveis não passavam da faixa de 300 metros, é verdade, mas ainda assim, subir e descer repetidas vezes ao longo dos 16 quilômetros de trilha não foi exatamente moleza – ainda mais com o peso da mochila cargueira.

A vantagem de trilhar dentro de uma reserva extrativista onde podíamos contar com a hospitalidade dos acreanos é que comida não era uma preocupação, como eu percebi quando paramos para almoçar na Colocação São Domingos após vencer os primeiros 9 quilômetros do dia. Além da regalia de ter uma refeição quente no meio da caminhada, provei outra iguaria amazônica: o suco de açaí. Colhido diretamente da palmeira para mesa e bem diferente da versão que eu estava acostumada a consumir no Rio de Janeiro, onde ele é servido gelado e pastoso. Na Amazônia, toma-se açaí como suco e na temperatura ambiente, misturado com açúcar e/ou farinha. A energia do fruto ditou o ritmo do resto da caminhada e chegamos no nosso local de pernoite, a Colocação Paraíso, por volta das 16:30. Bem a tempo de assistir ao céu virar uma aquarela de cores com o pôr-do-sol em contraste com o manto verde monocromático da floresta.

O terceiro dia começou em um varadouro, ramal menor e mais fechado, pelo qual seguimos por cerca de 1 quilômetro até entrarmos, de fato, na floresta. A trilha passa em meio a



um tabocal, o equivalente a um bambuzal, porém formado por uma espécie nativa conhecida como taboca (*Guadua weberbaueri*). O percurso havia sido sinalizado em um mutirão voluntário na semana anterior à inauguração, e ainda assim, algumas das pegadas pintadas estavam vandalizadas, arrancadas com facão. “Isso é gente que não quer que ninguém veja o que está acontecendo na propriedade dele. Ou seja, está fazendo coisa errada”, deduziu Fernando.

Suas palavras não tardaram a se mostrar verdadeiras. Um pouco adiante na trilha, nos deparamos com um trecho desmatado seguido por uma área recém-queimada. Sair da floresta tão verde e pisar naquele descampado coberto de cinzas foi avassalador. No chão queimado, a espinha de uma cobra que não escapou do fogo parecia fazer gritar ainda

mais o tamanho do crime ambiental que é deixar a Amazônia queimar daquela forma.

O terceiro dia foi o mais longo de toda a Trilha Chico Mendes e os 23 quilômetros já seriam naturalmente desafiadores, mas se tornaram ainda mais pelo constante sobe e desce associado ao calor e ao peso da mochila. Quando chegamos na Colocação Alto Alegre, devidamente exaustos, o sol já estendia seus últimos raios de luz do dia.

Pernoitamos na casa do Seu Lacerda, um contador de histórias nato que relatou com entusiasmo seus encontros com onças, antas e queixadas; e se orgulhou da velocidade com que era capaz de subir em árvore – “pode ser a árvore mais lisa que for, se precisar eu subo num pulo”. Durante sua vida

O grupo na trilha em plena Floresta Amazônica





A fauna amazônica enriquece a experiência da caminhada

na reserva já viveu todo tipo de aventura. Para o jantar, foi servida a carne de um veado caçado na véspera que ainda iria alimentar ele, sua mulher e seus 5 filhos por uns 20 dias, conforme ele calculou.

O começo do quarto dia refaz os últimos 4 quilômetros que percorremos para chegar na casa do Seu Lacerda. No futuro, a ideia é mudar o traçado e abrir uma trilha alternativa para evitar que o caminhante passe duas vezes pelo mesmo lugar. A floresta, entretanto, nunca é a mesma e na volta fomos surpreendidos por uma cobra vermelha e roxa que se assemelhava a uma salamandra (*Epicrates cenchria*). Quando paramos para observá-la, ela “correu” floresta adentro em uma velocidade impressionante.

Não tão rápidos quanto a cobra, seguimos nosso caminho com passo ligeiro já que ainda precisávamos percorrer 18 quilômetros até o nosso destino de pernoite. De forma quase

rotineira, passamos por outra grande área de derrubada. O choque, porém, era inevitável toda vez que saímos debaixo do dossel da floresta e dávamos de cara com um pasto ou zona de desmatamento. O impacto era tanto visual quanto térmico. Sem a proteção da copa das árvores, o sol brilhava forte e impiedoso, como se castigasse a terra por ter perdido sua cobertura florestal, sem saber que a culpa era do homem, e não do solo.

No começo da tarde, o céu aberto se cobriu de nuvens carregadas e nos abrigamos para esperar a chuva e o vento diminuírem. O maior risco de caminhar dentro da floresta debaixo de um temporal é menos a chuva e mais a força do vento que pode derrubar galhos em quem estiver embaixo.

Neste trecho, a sinalização ainda estava inconsistente. Um problema não tão grande se enfrentado por futuros caminhantes, uma vez que a presença de um guia será obrigatória. Nossa grupo, entretanto, caminhava sem guia e, como ninguém conhecia essa parte do percurso, vivemos a adrenalina de, em plena selva amazônica e com menos de duas horas de luz, não sabermos qual o caminho correto. Salvos pelo GPS, conseguimos alcançar a Colocação Zé Costa, local do nosso último pernoite. Exaustos depois de mais de 21 quilômetros de caminhada, estendemos nossas redes e sacos de dormir para recuperar nossas energias para o dia final de caminhada.

Saímos bem cedo e fomos recompensados com a movimentação intensa dos animais, desde aves até micos. De repente, entretanto, ouvimos o barulho provocado por um bicho grande na mata. Paramos e silenciamos. A floresta nos devolveu o silêncio. Recomeçamos a caminhada da forma mais quieta possível e, menos de dez passos depois, ouvimos um pesado farfalhar de asas. Não é exagero quando eu comparo o



som ao de um helicóptero. A poucos metros de nós, consegui enxergar o vulto de uma única – e enorme – asa. Apesar de ninguém ter conseguido uma identificação visual que permitisse ter certeza, diante de tamanha envergadura, força e peso daquela ave, nossos palpites foram unâimes: era uma harpia (*Harpia harpyja*).

Voltei a caminhar sorrindo, como quem sabe que ganhou uma história para contar tais as do Seu Lacerda, sobre meu poderoso encontro com a maior ave de rapina do Brasil em plena Amazônia.

O último trecho, com cerca de 12 quilômetros, ainda não havia sido sinalizado porque o trajeto, de acordo com Fernando, iria sofrer alterações. A trilha, entretanto, estava bem marcada no chão por ser amplamente utilizada pelos moradores. O caminho seguia o rio Xapuri e quando a floresta abriu uma janela por entre as folhas, conseguimos apreciar a beleza do vasto curso d'água rodeado de verde. Uma paisagem prazerosamente distinta do que havíamos visto na travessia até então.

Quando saímos da trilha para o ramal 59, entramos oficialmente na reta final Trilha Chico Mendes. Em questão de minutos, alcançamos a linha de chegada: a ponte sobre o rio Xapuri. A caminhada de cinco dias estava concluída com êxito, após 90 quilômetros onde vimos e vivemos de tudo um pouco. A bagagem, para além da mochila cargueira que, com alívio tirei dos ombros, era imensa. Recheada desde vivências mais simples como descobrir o trabalho que dá extrair a castanha; provar frutos como o ingá, o açaí e o jatobá; tomar banho de balde no igarapé; ver e escutar diversos animais; acordar na rede com um coro de bugios. Até as experiências que vão demorar a serem processadas como entender a dimensão e velocidade do desmatamento que não respeita nem mesmo os limites e regras de uma área protegida.



O sol se põe por detrás das árvores



A ponte sobre o rio Xapuri marca a linha de chegada da Trilha Chico Mendes

Neste sentido, o turismo é uma esperança para reforçar o quanto valiosa a floresta é em pé. Além da geração de renda e de benefícios indiretos aos moradores da resex, como a melhoria dos ramais, os visitantes poderão ser aliados que irão cobrar do poder público que se cumpra o que está previsto no plano de utilização da reserva. “Hoje quem faz essa cobrança é apenas o ICMBio e somos uma voz gritando sozinha. Em coro, quem sabe não conseguimos ser ouvidos para não apenas barrar as ilegalidades, mas também reverter os estragos causados”, pontuou Fernando. O analista sentenciou ainda

que essa pode ser uma forma de “resgatar o sentimento de pertencimento à Reserva Chico Mendes. Porque a ‘pecuariização’ não acaba apenas com a floresta, destrói também a identidade de um povo”.

A identidade que personagens como Seu Anacleto ainda exibem com orgulho. Como declamou o poeta seringueiro “A natureza é grande, planeja, produz, retrata, pega, puxa, prende, solta, pega e solta, junta e cata, cresce, manda, forma, gira, gera forma, cria e mata. A castanheira e a seringueira são as rainhas da mata”.

### AMPLIAÇÃO DA TRILHA CHICO MENDES

Apesar de já ter impressionantes 90 quilômetros de extensão, o objetivo é estender a Trilha Chico Mendes até a marca dos 300 quilômetros, quando conectará os municípios de Assis Brasil com Xapuri. A ampliação da trilha ainda será mapeada pela equipe da reserva extrativista.

# RESERVA EXTRATIVISTA CHICO MENDES



## SOBRE A RESERVA

A Reserva Extrativista Chico Mendes foi criada em 13 de março de 1990 e abrange uma área total de 970.570 hectares. A criação da resex foi pioneira no conceito de unidade de conservação de uso sustentável, onde as populações tradicionais têm a permissão de, não apenas manter sua moradia, mas também de manter seu modo de vida tradicional, com o extrativismo de bens naturais, como a castanha, a borracha e o açaí, e a caça de subsistência.

Dentro da resex moram aproximadamente 2.300 famílias distribuídas em colocações. Algumas delas recebem visitantes interessados em conhecer os atrativos naturais da região e também o modo de vida tradicional e história dos seringueiros. Além disso, o turismo religioso atrai milhares de pessoas todo ano para dentro da reserva, como na peregrinação de Santa Raimunda do Bonsucceso, que acontece em agosto no município de Assis Brasil; e a de São João do Guarani, que acontece em junho na Colocação Guarani.

A Trilha Chico Mendes deverá se consolidar como o principal atrativo turístico da resex e, em outubro de 2017, foi eleita por um portal de turismo de aventura (Blog de Escalada) como um dos 10 trekkings mais interessantes do mundo.



## COMO CHEGAR

Para acessar o ponto inicial da Trilha Chico Mendes a partir de Rio Branco, o deslocamento é realizado pela BR-317 por cerca de 320 km até o ramal 84 no município de Brasiléia. De lá são mais 36 km em estrada de terra até a Colocação Revolta (local do primeiro pernoite). Vindo de Assis Brasil, são 26 km até a entrada do ramal.



## MELHOR ÉPOCA PARA VISITAR

A Reserva Extrativista Chico Mendes fica aberta o ano inteiro, mas a melhor época para visitar e, especialmente, realizar a Trilha Chico Mendes, é de junho a outubro.



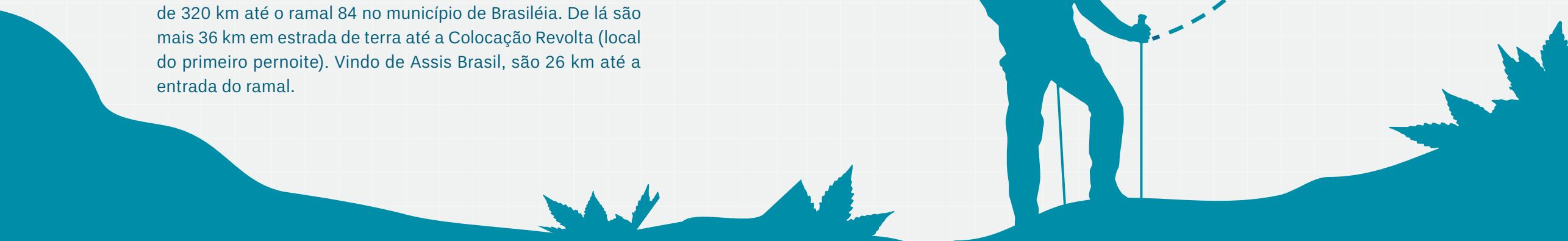
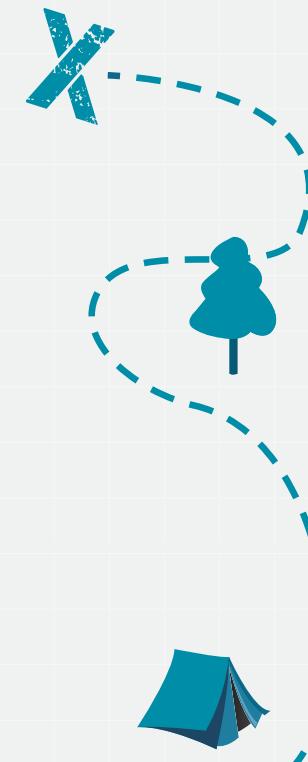
[CHICOMENDES.RESEX@ICMBIO.GOV.BR](mailto:CHICOMENDES.RESEX@ICMBIO.GOV.BR)



(68) 3224-3749



Para mais informações e dados atualizados sobre o parque acesse a página do verbete no WikiParques através do QR-Code!



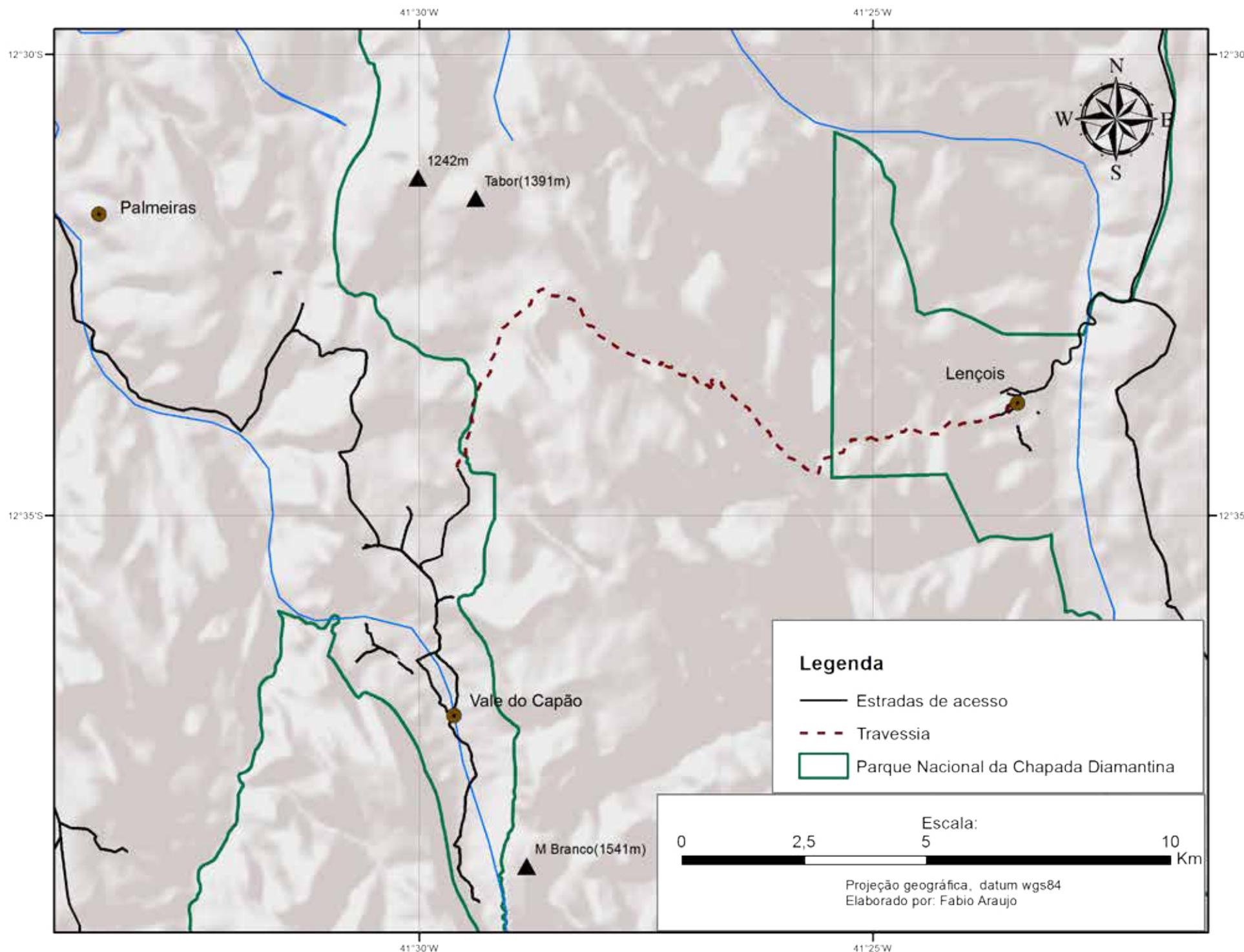


## TRAVESSIA CAPÃO X LENÇÓIS

os muitos caminhos  
do Parque Nacional da  
Chapada Diamantina

Parque Nacional da  
Chapada Diamantina (BA)

# TRAVESSIA CAPÃO X LENÇÓIS





O nome Diamantina reflete riqueza, preciosidade, um adjetivo que o Parque Nacional da Chapada Diamantina carrega com justiça. Porém, se outrora o que reluzia era o ouro e o diamante, hoje o bem precioso é diferente: o turismo. A atividade turística transformou a visão e a vida dos moradores do entorno: do extrativismo, que era principalmente baseado no garimpo, à proteção da natureza, que atrai os visitantes e se tornou a principal fonte de renda local. E a joia desse tesouro são as trilhas. São 46 percursos que juntos somam uma rede com 287 quilômetros de trilhas. Um número para lá de expressivo entre os parques brasileiros.

Nada mais apropriado, portanto, do que a Chapada Diamantina ser um dos palcos escolhidos para receber uma das dez travessias organizadas pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) no ano de comemoração do seu décimo aniversário. O trajeto selecionado para o evento foi a travessia entre o povoado de Capão, no município de Palmeiras, e a cidade de Lençóis. O caminho possui 17 quilômetros de extensão percorridos em um único dia e cruza o Vale do Serrano, uma paisagem menos conhecida que o vale vizinho, o do Pati, e foi apenas uma amostra do grande cardápio de trilhas do parque.

## O VALE DO PATI E AS OUTRAS TRAVESSIAS DA CHAPADA DIAMANTINA

Um dos destinos mais famosos entre os visitantes que buscam trilhas na Chapada Diamantina é o Vale do Pati. Somente nesta região existem três opções de travessias: Vale do Capão, Guiné e Andaraí. A mais procurada é a do Vale do Capão, com distância aproximada de 70 quilômetros, considerada de nível moderado a difícil, apesar de ser o trajeto menos íngreme. Existem também opções de roteiros de dois dias de travessia, feitas em um percurso menor, e até roteiros de 5 dias de caminhada pelo parque nacional.



O visual do Vale Serrano envolto em neblina

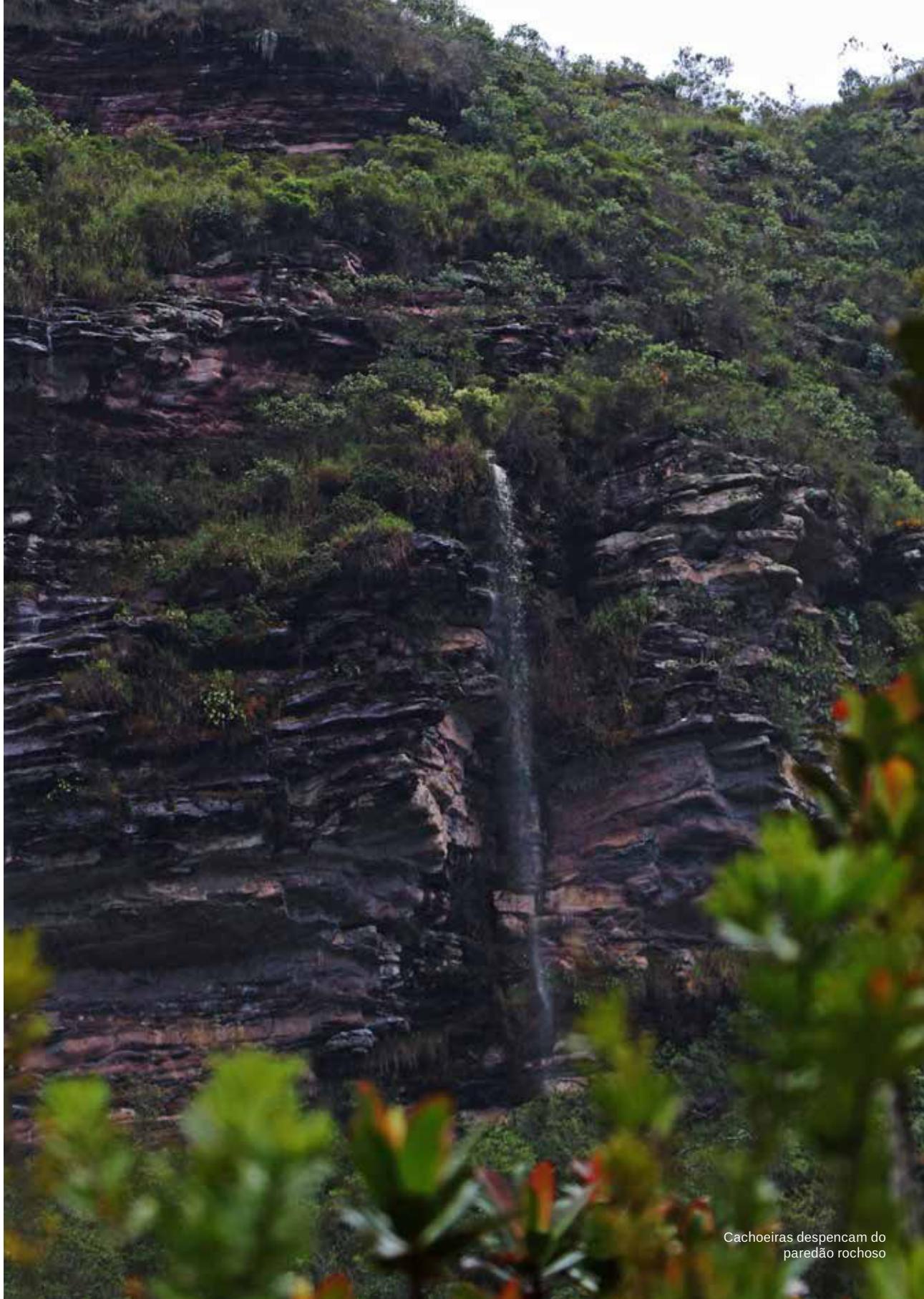
A realização da travessia, no dia 17 de setembro de 2017, foi também uma comemoração ao aniversário de 32 anos do parque, criado nesta exata data, em 1985. No grupo, formado por aproximadamente 30 pessoas, estavam a gestora da unidade, Soraya Martins, além de servidores, conselheiros, brigadistas e voluntários do parque, e guias da região.

Nós nos reunimos na cidade de Palmeiras, onde iniciamos o deslocamento feito de carro até o início da trilha. No caminho, passamos pelo povoado de Capão Seco, onde ainda é possível identificar a vegetação de Caatinga arbórea. Um lembrete de que estamos em zona de domínio do bioma, apesar do parque ser um oásis em pleno sertão baiano, com fortes influências do Cerrado e de campos rupestres.



Essa mistura de biomas e diferentes tipos de vegetação, somada às montanhas e chapadões milenares da Serra do Espinhaço, fazem da Chapada Diamantina única. Isso se traduz em endemismo, ou seja, espécies que ocorrem apenas naquela região. Ainda em um dos primeiros quilômetros do trekking, o botânico e analista ambiental da unidade de conservação, Cezar Neubert, avisou “esta é uma espécie endêmica da Chapada”, enquanto apontava para uma pequena flor rosada com as pontas mais claras em formato de estrela, uma crista de galo (*Spigelia pulchella*). O anúncio de Cezar poderia se repetir algumas dezenas de vezes ao longo do caminho, porque há registros de mais de 400 espécies de plantas endêmicas da Chapada Diamantina, como orquídeas e bromélias nas mais variadas cores, formatos e tamanhos. Na fauna, são 70 espécies endêmicas, como o beija-flor-gravatinha-vermelha (*Augastes lumachellus*).

De volta à travessia, o começo da caminhada seguiu uma estradinha de terra por cerca de dois quilômetros até que uma placa avisou que estávamos entrando no território do parque nacional. A partir deste ponto, o percurso se estreitou para as dimensões tradicionais de uma trilha. Essa é uma travessia pouco explorada pelo turismo e alguns trechos estavam mais fechados, o que dificultava a orientação. Como todas as outras trilhas do parque até então, ela não era autoguiada e não possuía nenhuma sinalização além da placa na entrada. Embora recomendada, a contratação de um guia é opcional. O duelo entre os guias e a sinalização é antigo por lá. Se o parque coloca uma placa, alguns dos próprios guias a removem, com medo de que isso acabe com a relevância de seu trabalho e tire sua fonte de renda. Há o receio da visão limitada de que guias são apenas “mostradores de caminho”, sem considerar as outras informações que eles podem agregar à experiência da caminhada.



Cachoeiras despencam do paredão rochoso



Crista-de-galo, uma flor endêmica da Chapada Diamantina

O que não falta no percurso, por sinal, são histórias. Este é um dos antigos caminhos utilizados para o escoamento de mulas e produtos agrícolas entre os povoados, e também utilizado como meio de acesso e abastecimento dos garimpos. De acordo com a coordenadora de Uso Público do parque, Marcela de Marins, a estimativa é de que havia cerca de 500 quilômetros de caminhos como esse. “A malha de trilhas que o parque possui hoje é proveniente dessa época”, contou a coordenadora. Essa herança dá outros contornos ao trekking, como calçamentos centenários, tocas de garimpeiros e corredores de pedra utilizados para facilitar a busca por pedras preciosas. “Eu vejo que percorrer esses caminhos também é uma forma de manter viva esta história da ocupação da região”, pontuou Marcela.

Enquanto a trilha nos conduzia para a entrada do Vale do Serrano, foi impossível não nos impressionar com a paisagem. A 1.038 metros de altitude, o ponto culminante da travessia, tínhamos um visual privilegiado do início do vale, ladeado por um paredão de formações rochosas ainda mais imponentes com o efeito da neblina que fazia com que o céu invadisse a montanha.

Já havíamos andado cerca de 6 quilômetros quando fizemos a primeira parada, por volta de 11 horas. O local foi estratégico, às margens do córrego das Noivas, onde além de um rápido lanche tivemos a oportunidade de beber água direto do rio, que corre límpido em meio às pedras. Apesar do nome, o guia Manuel me garantiu que a água não trazia casamento, no máximo fazia com que o visitante se enamorasse ainda mais da Chapada e “acabe ficando aqui para sempre”.

Em contraste com a aridez do interior da Bahia, na Chapada Diamantina proliferam nascentes e rios. A região abriga cerca de 80% das nascentes que abastecem o estado, entre elas a do Paraguaçu, rio baiano com mais de 600 quilômetros de extensão, e afluentes do São Francisco. Um quilômetro e meio à frente, quando fizemos nova parada, o córrego havia se avolumado em um belíssimo rio. A largura, entretanto, não significava profundidade e o rio corria raso por cima das pedras, como um manto reluzente para rocha que ganhava um tom avermelhado. A exceção era um pequeno poço, fundo o suficiente para que fosse possível mergulhar nas águas translúcidas – e geladas – do córrego.

Do rio, que serpenteia pelo coração do vale, foi possível observar com detalhes o conjunto de formações rochosas que nos rodeava. A Chapada Diamantina está localizada na parte norte da vasta cadeia de montanhas da Serra do Espinhaço, com mais de 1.000 quilômetros de extensão e uma história de aproximadamente 2 bilhões de anos. O formato peculiar das rochas, fruto de longuíssimos processos de erosão por agentes naturais, é um convite à divagações sobre a delicada e paciente obra da natureza.

Pontilhando a rocha, diversas cachoeiras despretensiosamente despencavam do alto dos paredões rochosos na

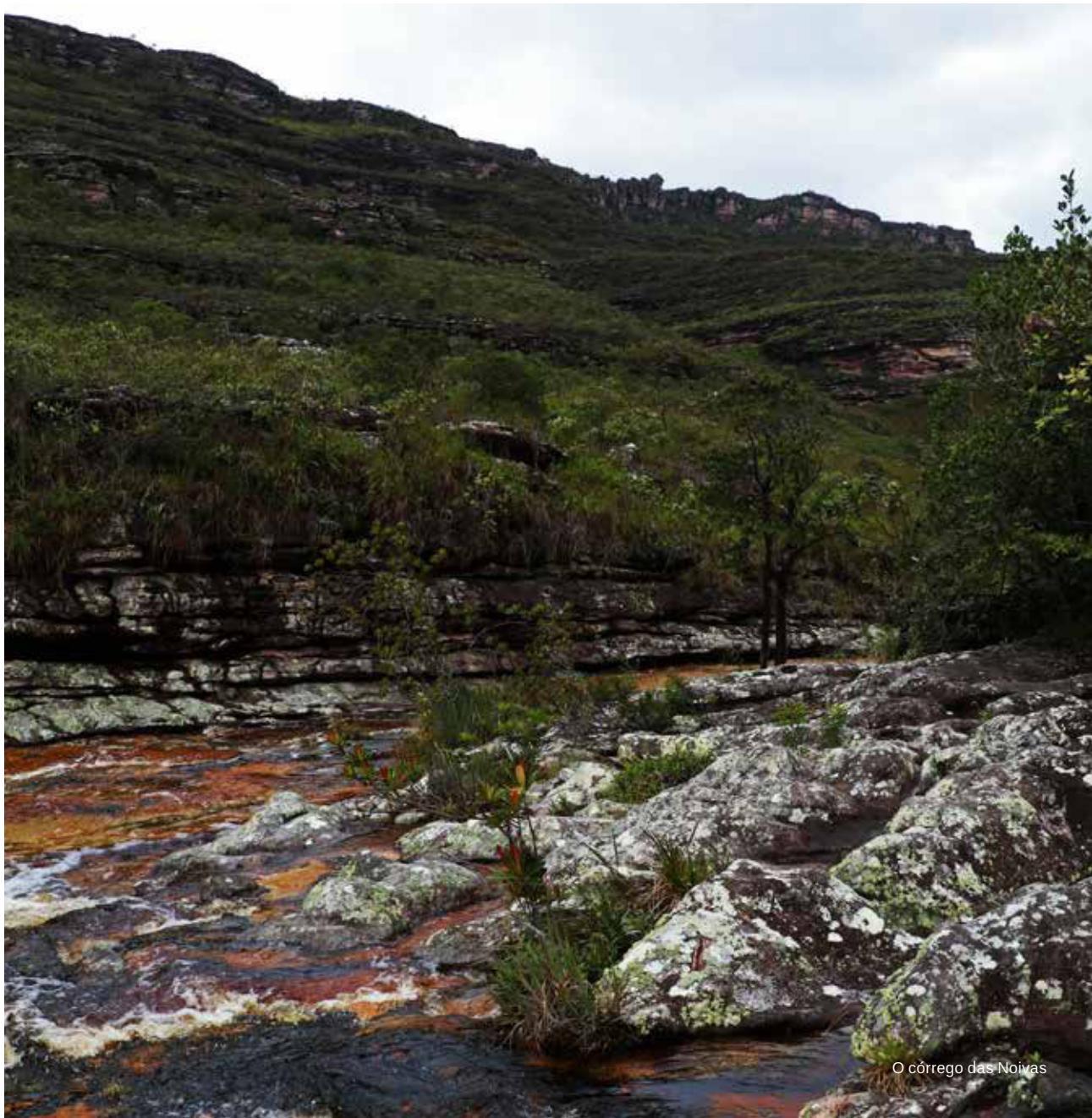


nossa direita até sumirem entre as árvores da encosta no sopé do morro. Uma visão espetacular pontilhada por quedas d'água que ficam ainda mais belas e volumosas durante a época das chuvas. Ao longo de 2017, aliás, o clima estava atípico por lá. Em janeiro, quando as chuvas são mais esperadas, houve secura total. E durante a nossa travessia, em pleno setembro, costumeiro auge da seca, trilhávamos diante de um dia chuvoso, frio e nublado.

O começo do ano extremamente seco, entretanto, fez a administração do parque soar o alarme, com medo de que a falta de chuvas só se agravasse com o passar dos meses, o que colocaria o risco de incêndios nas alturas. Por isso, a unidade de conservação bateu o recorde na contratação de brigadistas, com 48 profissionais. A grande equipe para combater o fogo parece ter assustado as chamas. O parque, que está entre os que mais registra incêndios no país, teve uma época seca inesperadamente úmida. Enquanto outras unidades de conservação estavam literalmente queimando, o clima ajudou a Chapada Diamantina a registrar um dos seus anos com menos incêndios florestais.

As chamas, entretanto, são uma preocupação constante para equipe da unidade e para população dos seis municípios do entorno: Lençóis, Andaraí, Itaetê, Mucugê, Ibicoara e Palmeiras. Além da brigada oficial, os próprios moradores se organizaram para criação de outras 18 brigadas voluntárias espalhadas por toda extensão da Chapada. A vontade de ajudar não se resume aos corajosos que vão enfrentar o fogo de frente. Moradora da região há quase 5 anos, Catarina é uma das voluntárias que atuam no apoio aos brigadistas, seja garantindo a alimentação do grupo ou organizando a logística e limpeza do acampamento-base utilizado durante o combate. Ela entrou no voluntariado em 2015, quando houve o último grande incêndio na Chapada Diamantina que

queimou mais de 50 mil hectares, sendo 15 mil dentro do parque nacional. “É como se estivesse pegando fogo na nossa casa e eu queria ajudar como desse. Se não fosse apagando o fogo diretamente, seria dando assistência a quem apaga”, contou Catarina, que explicou ainda que essa vontade de proteger a Chapada é comum entre os moradores.





Paredões rochosos ladeiam a travessia

De acordo com a gestora, “esse sentimento de pertencimento é o principal legado que os voluntários deixam para as gerações futuras e que eles espalham em suas próprias comunidades. É a percepção de que o parque é nosso”. De fato, além de ser um patrimônio natural, a área protegida é também um patrimônio da população.

Depois de cerca de 10 quilômetros de caminhada pelo alto do vale, alternando entre 900 e 1000 metros de altitude, começamos a descer com a cidade de Lençóis no horizonte, nossa linha de chegada. Ao longo desse trecho despontam muros de pedra que antigamente serviam para demarcar os domínios de exploração de cada garimpeiro, conforme explicou o guia. Os muros, assim como o calçamento de pedras, evidenciam o passado e a história não apenas daquele

caminho, mas de toda a região, uma herança de outros tempos na Chapada, quando o garimpeiro era o protagonista por essas bandas.

Memórias de uma história ainda mais antiga passaram sob nossos pés na forma de conglomerados, rochas compostas por diversas pequenas pedras e cascalhos. Outro trabalho da natureza produzido em uma era geológica distante que mais parecia ter sido feito cuidadosamente por algum artesão habilidoso.

No meio da descida, na marca do quilômetro 14, fizemos um pequenino desvio para contemplar a Cachoeirinha, uma pequena queda d’água, como indica o diminutivo no nome, que desce pela parede de rocha esculpida pela força e persistência do vento e da água. De lá, já conseguímos enxergar a cidade de Lençóis inteira, um punhado de civilização rodeado de verde.

Quando as construções deixaram de ser pontos distantes no horizonte e as perspectivas se inverteram, com o verde agora uma imensidão que havíamos deixado para trás, havíamos chegado em Lençóis. Foi o fim da nossa curta, porém recheada de paisagens e histórias, jornada pela Chapada Diamantina. Apenas uma das mais de 40 opções de trilha que o parque oferece. Como frisa a gestora, “o parque é responsável por uma parte considerável da renda desses municípios por conta do turismo. E o turismo é um ponto de convergência fundamental do parque com os municípios”. Essa relação converte o turismo em uma poderosa ferramenta de conservação, porque dá relevância econômica à preservação e traz aliados, como as prefeituras, os moradores e os próprios visitantes que, inevitavelmente ao percorrer os caminhos da Chapada, se encantam e se apaixonam pelo parque. É preciso, afinal, conhecer para conservar.

# PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DIAMANTINA



## SOBRE O PARQUE

O Parque Nacional da Chapada Diamantina foi criado em 17 de setembro de 1985 e corresponde a um território de 152 mil hectares no interior da Bahia entre os municípios de Lençóis, Palmeiras, Andaraí, Itaetê, Mucugê e Ibicoara. O parque está inserido no sertão baiano e além da Caatinga apresenta influências do Cerrado, de campos rupestres e até da Mata Atlântica.

O parque é famoso pelas suas trilhas e cachoeiras. Entre os principais atrativos estão a Cachoeira da Fumaça, com 360 metros de altura é uma das maiores quedas d'água do Brasil, cujo acesso é feito por trilha por cima (6km) ou por baixo (20km); a Cachoeira do Buracão, com 85 metros de altura situada em um cânion que pode ser acessado por uma trilha de 3 km; e o Morro do Pai Inácio, com 1.120 metros de altitude e de onde é possível ter uma visão panorâmica da região. Além disso, o Vale do Pati também é muito procurado por montanhistas em busca de travessias.

Não há cobrança de ingresso para entrar no parque, mas as trilhas não são sinalizadas e é recomendada a contratação de um guia.



## COMO CHEGAR

A principal porta de entrada para a Chapada Diamantina é o município de Lençóis. Existem ônibus diários que fazem o percurso Salvador-Lençóis, com duração aproximada de 6 horas. De carro a partir de Salvador, são cerca de 425 km, e o acesso é feito pela BR-242. Também há a opção de pegar um voo até o aeroporto de Lençóis, de acordo com a oferta dos voos, que não são diários.



## MELHOR ÉPOCA PARA VISITAR

O parque está aberto o ano inteiro, mas a melhor época para visitar é de abril a outubro, quando há menos chance de chuva. De novembro a março, há mais chuvas o que, em contrapartida, deixa as cachoeiras com maior volume de água.



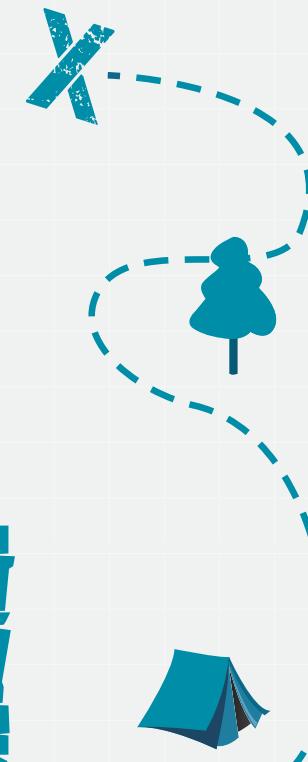
PARNADIAMANTINA@ICMBIO.GOV.BR



(75) 3332 2418 / 2310



Para mais informações e dados atualizados sobre o parque acesse a página do verbete no WikiParques através do QR-Code e o guia do visitante no site do ICMBio <http://bit.ly/paranchapadadiamantina>



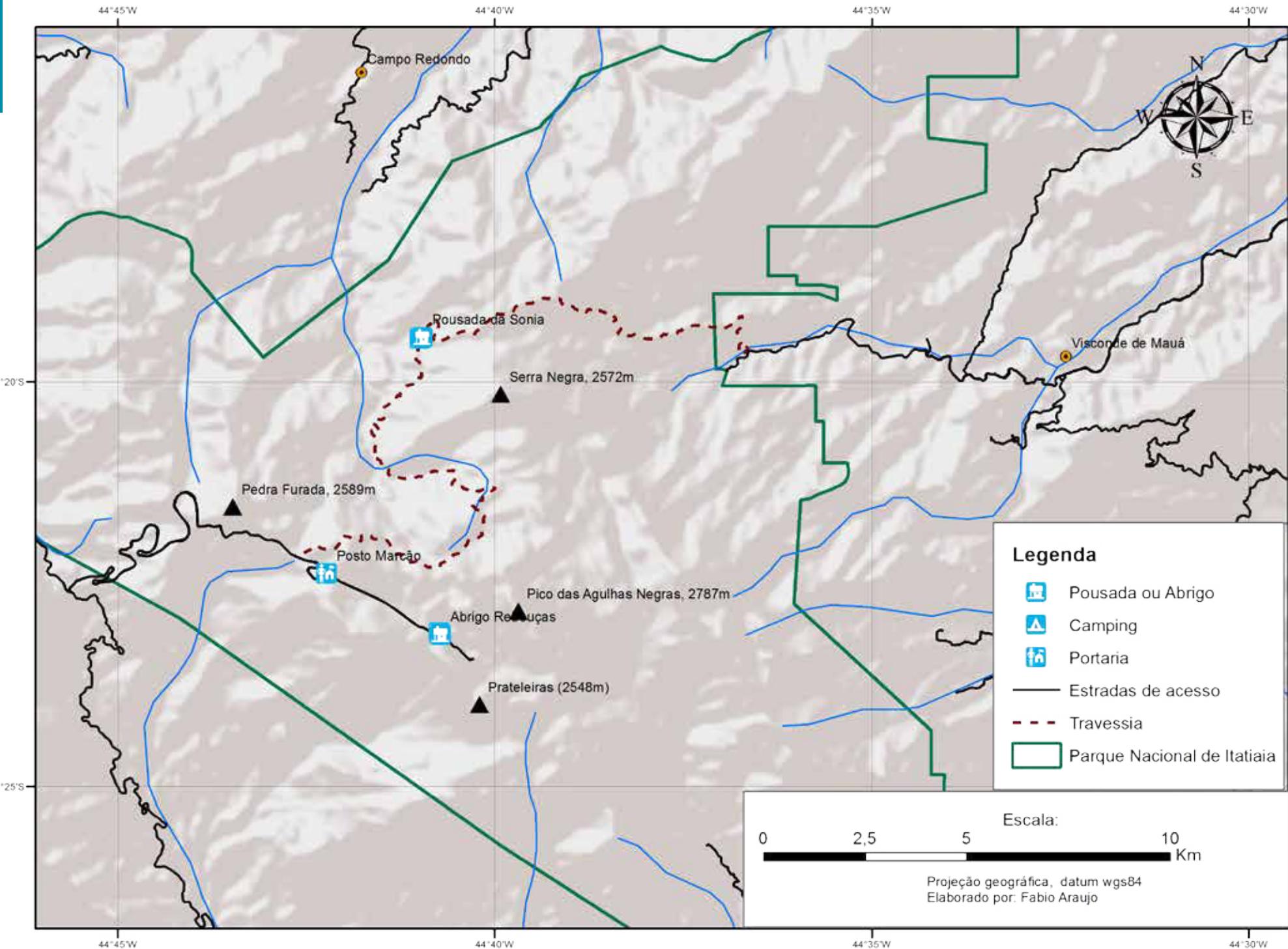


# TRAVESSIA DA SERRA NEGRA

## nos céus na Serra da Mantiqueira

Parque Nacional do Itaiaia (RJ/MG)

# TRAVESSIA DA SERRA NEGRA





A previsão de tempestade não é a notícia mais animadora quando se está às vésperas de embarcar em uma trilha de dois dias. O local da travessia, entretanto, eram as imponentes montanhas da Serra da Mantiqueira, um destino que faz suspirar qualquer montanhista. Como carioca, o Parque Nacional do Itatiaia, a menos de 200 quilômetros de distância do Rio de Janeiro, já era um velho conhecido, porém essa era minha primeira oportunidade de desbravar os caminhos que fizeram – e fazem – do parque um dos berços do montanhismo no Brasil. Independente dos pessimismos meteorológicos, eu estava empolgada.

O percurso em questão, escolhido para ser o sétimo palco das 10 travessias de aniversário do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), foi a Travessia da Serra Negra. Foram dois dias de caminhada que juntos somaram cerca de 31 quilômetros. A distância, entretanto, foi um detalhe ofuscado por outro número, a altitude. Para exemplificar este superlativo, basta dizer que o ponto mais alto do nosso percurso foi a aproximadamente 2.530 metros de altura em relação ao nível do mar. O parque nacional, aliás, não é um estranho às grandes altitudes uma vez que é o lar do Pico das Agulhas Negras, com 2.791 metros, o ponto mais alto do estado do Rio de Janeiro e o quinto do Brasil.

Quando saímos em um micro-ônibus na manhã do dia 28 de outubro, em direção à parte alta do parque, as nuvens escondiam o horizonte e boa parte da paisagem. A nebulosidade não seria um problema desde que não chovesse. Uma vez que começássemos a trilha, não teríamos escolha a não ser manter os dedos cruzados para que um temporal não desabasse sobre nós enquanto estivéssemos tão perto dos céus e expostos aos possíveis raios.

O período ideal para fazer trilhas nas montanhas do Itatiaia é



Início da travessia,  
perto do Posto Marcão

durante o inverno, entre maio e setembro, quando as chuvas são mais raras. Infelizmente, o calendário das comemorações acabou perdendo o prazo da temporada de montanhismo, nome dado a esta época, e iríamos caminhar com a ameaça de chuva literalmente sobre nossas cabeças.

O nosso grupo era formado por cerca de 20 pessoas, como o gestor do parque nacional, Gustavo Tomzhinski e outros servidores do ICMBio, entre eles três coordenadores: da Divisão de Fomento a Parcerias, Carla Guaitanele; da Coordenação de Concessões e Negócios, Larissa Moura Diehl; e da Coordenação Geral de Uso Público e Negócios, Pedro da Cunha e Menezes. Montanhistas e condutores da região, assim como voluntários da Trilha Transcarioca também participaram da travessia.

Descemos do ônibus na portaria da parte alta, conhecida



como Posto Marcão, onde é feita a cobrança de ingresso e o controle de entrada dos visitantes. A poucos metros dali começa o Circuito dos 5 Lagos, por onde teve início a nossa caminhada nos céus, ou pelo menos essa era a impressão uma vez que já estávamos a mais de 2.400 metros de altitude – e a jornada mal tinha começado.

Compondo a paisagem, a vegetação se apresentava com as características típicas das alturas: rasteira, arbustiva e monocromática. Em vez de árvores, destacavam-se as formações rochosas. Os campos de altitude são um dos ecossistemas associados à Mata Atlântica, bioma predominante na unidade de conservação, e que como o nome indica, ocorre apenas nas alturas, mais especificamente acima dos 1.500 metros. Apesar das condições inóspitas, são ecossistemas ricos e com alto nível de espécies endêmicas. Um exemplo é o famoso sapo flamenguinho (*Melanophryneiscus moreirae*), animal símbolo do Parque Nacional do Itatiaia, e que ocorre apenas nas áreas de altitude da Serra da Mantiqueira.

Logo no trecho inicial do percurso demos a sorte de encontrar vários flamenguinhos. Quando parados, suas costas escuras se confundem com a rocha, mas basta um movimento para denunciar sua presença por causa das suas patas vermelhas bem chamativas. Encontramos até mesmo um casal em um íntimo momento de acasalamento. Estábamos, afinal, em pleno período reprodutivo da espécie, que vai de setembro a abril, ao longo da época mais úmida. Nos outros meses do ano é praticamente impossível encontrar os sapinhos, que se refugiam em buracos em um estado parecido com o de hibernação.

Os primeiros 4 quilômetros da travessia são sobrepostos ao Circuito 5 Lagos e neste trecho a trilha, que seguia por entre e por cima das pedras, estava sinalizada apenas com



Cachoeira 5 Lagos,  
um dos atrativos  
do percurso



Cachoeira emoldurada por uma araucária, árvore típica na Serra

estacas de madeira pintadas de vermelho na ponta. Após 2 quilômetros de caminhada, chegamos à Cachoeira 5 Lagos, um dos atrativos do roteiro. Apesar da temperatura, tanto fora quanto dentro da água, não a tornar convidativa o suficiente para um mergulho, a paisagem era de tirar o fôlego. Fizemos uma merecida pausa para contemplar como a cachoeira se debruçava na beira da montanha e despencava displicemente morro abaixo, enquanto a sinuosidade da serra se estendia por todas as direções e mostrava a imponência e beleza da Serra da Mantiqueira.

A Serra da Mantiqueira é uma cadeia de montanhas que se estende por cerca de 500 quilômetros e cruza os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, enquanto alterna altitudes que vão de 1.200 a 2.800 metros. Foi deste trajeto nas alturas que nasceu a ideia da trilha de longo curso intitulada Transmantiqueira. O traçado ainda está em fase de implementação, mas a proposta é clara: criar um caminho através das montanhas da serra e aproveitar trilhas já existentes, como a própria Travessia da Serra Negra, para construir um percurso com mais de 700 quilômetros de extensão.

## A TRILHA TRANSMANTIQUEIRA

A Trilha Transmantiqueira nasceu em outubro de 2017 quando formaram-se os primeiros grupos de trabalho voluntário do caminho. Desde então, a própria Travessia da Serra Negra, no Parque Nacional do Itatiaia, já foi sinalizada com as pegadas amarelas e pretas da Transmantiqueira (o traçado sinalizado apresenta algumas diferenças com relação à travessia aqui descrita). A proposta é que o trajeto conecte diversas unidades de conservação que ajudam a proteger a Serra da Mantiqueira, como os parques estaduais da Serra do Papagaio, em Minas Gerais, e de Campos do Jordão, em São Paulo. No total, serão aproximadamente 750 quilômetros de extensão.

Aos poucos, projetos como a Trilha Transmantiqueira começam a sair do papel e dar um novo fôlego – e dimensão – ao montanhismo brasileiro e ao recém implementado Sistema Brasileiro de Trilhas de Longo Curso. Por falar em fôlego, a nossa travessia seguiu por entre as pedras, na beirada da montanha, por um caminho que pode ser considerado vertiginoso por quem não fica confortável com alturas. Felizmente, a chuva se manteve afastada durante essa parte mais exposta da caminhada, quando um escorregão e uma queda poderiam ser perigosos. Estávamos com sorte.

O tempo até mesmo abriu para que pudéssemos contemplar o incrível visual panorâmico de imensidões fluminenses e mineiras que nos rodeava. O parque está bem na divisa entre os dois estados, mas a maior parte do trekking é feito no lado mineiro.

Por volta do quarto quilômetro, já envoltos pela neblina, encontramos a bifurcação que marcava o fim do trecho sobreposto ao Circuito 5 Lagos. Agora nossa direção seria a Cachoeira do Aiuruoca, conforme a placa antecipava. Antes de alcançarmos a cachoeira, entretanto, passamos pela área de nascentes do rio Aiuruoca, que é considerado o rio com a nascente mais alta do Brasil, situada a 2.450 metros. O rio percorre um extenso caminho montanha abaixo ao longo



do qual cria inúmeras cachoeiras, dentre elas a que leva o seu nome.

Descemos gradualmente em direção ao Vale do Aiuruoca, por onde serpenteia o rio, e assistimos a mudança na vegetação, que aos poucos se transformava em floresta. Os arbustos da altitude deram lugar às árvores e o clima mais seco deu lugar à umidade. A paisagem ganhou os contornos e cores mais tradicionais da Mata Atlântica. Passamos próximo da entrada que leva à Cachoeira do Aiuruoca e, mesmo sem vê-la, foi possível ouvir o barulho da queda d'água de 40 metros. Apenas 1 quilômetro depois, de fato enxerguei a cachoeira, uma visão que durou apenas alguns minutos antes que uma nuvem se intrometesse e a fizesse desaparecer por detrás da neblina.

Após aproximadamente 10 quilômetros de caminhada, paramos para descansar em um local estratégico onde existe um pequeno abrigo com visual privilegiado. De lá, enquanto descansava e recarregava as energias com um pedaço de queijo mineiro, contemplava outra cachoeira formada pelo rio Aiuruoca em sua saga montanha abaixo. Ao redor, araucárias (*Araucaria angustifolia*), um dos símbolos da Serra da Mantiqueira, emolduravam a paisagem. Não pelo cansaço, mas pela vontade de curtir aquele cenário um pouco mais, foi difícil levantar e dar às costas para continuar a jornada.

No último quilômetro que nos separava do ponto de pernoite, o caminho se transformou em uma íngreme descida com uma declividade não aconselhada para fins de manejo e conservação da trilha, o que podia ser visto pelo grande nível de erosão do percurso. A condição do terreno estava ainda pior por causa da chuva da véspera, o que transformou a terra em lama e as botas em patins em alguns trechos.

Após oito horas e um total de 16 quilômetros, alcançamos a casa da Dona Sônia, dona de uma pousada e área de camping acostumada a receber os montanhistas que fazem a travessia. A opção de hospedagem no chalé foi puro luxo depois de um dia intenso de caminhada, com direito à banho de água quente. Existem três chalés, cada qual equipado com vários beliches e camas. A pousada conta também com um refeitório, no qual recarregamos as energias com uma deliciosa truta e um inesperado – e muito bem-recebido – pudim de sobremesa.

O guia de turismo Rodolfo Guedes, especializado em trilhas na Serra da Mantiqueira, é um frequentador antigo da pousada. Ele lembrou que há 12 anos, quando começou a trazer grupos para realizarem a travessia, os moradores tinham medo de apoiar os montanhistas por causa do impasse da regularização fundiária, “mas a Sônia comprou a ideia, acreditou no turismo e conseguiu aumentar sua renda. Como resultado construiu três chalés e hoje é uma das defensoras da trilha”, conta Rodolfo.

A propriedade de Sônia ainda não foi regularizada, mas seu papel como ponto de apoio ao turismo pode favorecer o acordo de um Termo de Compromisso que permita que ela e sua família continuem ali. “Essas questões dependem de uma análise técnica e jurídica, mas nós enxergamos de forma positiva que a gente possa ter a comunidade sem impactar o parque, obviamente, se beneficiando e estimulando um turismo sustentável”, explicou o gestor. A regularização fundiária é um dos principais desafios da unidade de conservação que, apesar de ser a mais antiga do país, com 80 anos de existência, possui apenas 52% da sua área regularizada.

Depois de uma longa noite de sono, aproveitamos a última regalia da pousada: um bom café-da-manhã antes de



partirmos para a última etapa da caminhada. O segundo dia começou com um trecho que recebe a alcunha de “Subida da Misericórdia”. O motivo do nome logo ficou evidente enquanto penávamos e pedíamos misericórdia pelas nossas panturrihas. Foram 3 quilômetros nada misericordiosos praticamente só de subida, ao longo dos quais saímos de uma altitude de 1.700 para 2.194 metros.

Subir, entretanto, valeu a pena e fomos premiados com uma visão panorâmica. Para todos os lados as montanhas reina-vam soberanas a perder de vista. Entre elas algumas icônicas da região como o Pico do Papagaio, no lado mineiro, e a Pedra Selada, no lado fluminense. Havíamos alcançado o cume do segundo dia de travessia e, a partir de agora, a trilha seguiria pela cumeeira em uma descida gradual que nos levaria em direção ao nosso destino, a cidade de Maringá.

No caminho, cruzamos uma pequena área de floresta aonde ouvimos a vocalização de uma ave conhecida como saudade (*Lipauggus ater*). A origem do nome, inspirada no seu canto melancólico, serviu como um prenúncio do sentimento que não tardaria em sentir quando lembrasse destes dias que passei imersa nas vastidões da Serra da Mantiqueira.

Enquanto eu andava lentamente para apreciar o cenário montanhoso que me rodeava e registrá-lo em fotografias, o pelotão da frente encontrou um grupo de 10 motoqueiros subindo. O motocross é proibido nas trilhas do parque, uma vez que a prática cria valas, erode o solo, gera proliferação de caminhos, alargamento do leito e degrada a vegetação. O encontro com caminhantes surpreendeu os motoqueiros que foram orientados a retornar e, intimidados pelo tamanho do nosso grupo, deram meia volta. O alto impacto de atividades

No ponto mais alto da travessia,  
a sensação é de  
caminhar nos céus





como o motocross podia ser visto no resto do percurso, extremamente erodida, onde as marcas dos pneus das motos ainda estavam visíveis.

É difícil fiscalizar uma unidade de conservação com 28 mil hectares e uma rede de 120 quilômetros de trilhas abertas ao público com uma equipe de apenas 18 servidores, como é o caso do Parque Nacional do Itatiaia. Por isso, visitantes podem e devem ser aliados que multipliquem os olhos dentro da área protegida. “No caso específico das trilhas, quando elas são utilizadas com frequência pelos visitantes, a própria presença deles ajuda a inibir ilícitos como caça, desmatamento, ou mesmo o motocross”, comentou o gestor.

Por volta de meio-dia, os primeiros pingos anunciaram que a chuva prometida pela previsão do tempo e da qual até então havíamos escapado, nos pegara. Em questão de minutos, uma pesada chuva desabou sobre nós e nos obrigou

a apressar o passo. Seguimos em ritmo acelerado apesar da lama e do vento forte que às vezes nos atingia em cheio. Por cerca de uma hora, a paisagem virou um borrão e tudo que eu conseguia me concentrar era no chão e em não escorregar, além de torcer para que o vento não derrubasse nenhum galho sobre nós.

Felizmente, quando a chuva virou garoa, tudo indicava que havíamos escapados ilesos e, um a um, cada integrante do grupo se apresentou sã e salvo. A esta altura a trilha havia se transformado em uma estrada de terra, um sinal de que cruzáramos a fronteira do parque com a zona rural do entorno. Descemos pela estrada de terra por cerca de 2 quilômetros rodeados por pastos e eucaliptos até que chegamos em uma bifurcação que indicava o último atrativo da nossa travessia: a Cachoeira Santa Clara.

A cachoeira forma um pequeno e raso poço, mas não resiste a dar um mergulho, junto com outros cinco corajosos que enfrentaram a água congelante da Mantiqueira. Revitalizada para percorrer o trecho final, andamos por mais aproximadamente 2 quilômetros até chegarmos ao município de Maringá, nossa linha de chegada no lado do estado fluminense. Após 15 quilômetros de caminhada envolvidos pelos céus, estávamos de volta ao nível terreno. A profusão de pousadas, restaurantes e agências mostrava uma cidade que pulsa pelo turismo dos atrativos naturais do entorno. Aproveitar a vocação turística das áreas naturais pode ser uma poderosa ferramenta de conservação. E, em especial nos parques, sua principal missão. Como ressaltou o gestor, Gustavo, “as pessoas frequentam e gostam do parque, cobram de nós, servidores, e do ICMBio, e defendem a unidade de conservação. Esse é o maior tesouro deste e de todos os outros parques: a capacidade de cativar as pessoas”.

# PARQUE NACIONAL DO ITATIAIA



## SOBRE O PARQUE

Criado em junho de 1937, o Parque Nacional do Itatiaia é o mais antigo do país. O parque está localizado na divisa entre os estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais, próximo ao estado de São Paulo, na Serra da Mantiqueira e abrange uma área de 28 mil hectares. A unidade de conservação foi reconhecida pela UNESCO como parte da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica.

Os atrativos da área protegida estão divididos em dois setores: a parte alta, onde estão os cumes das montanhas e por onde cruzam as travessias da Serra Negra e do Rancho Caído; e a parte baixa, onde estão cachoeiras do Complexo Maromba, lagos e mirantes. Dentro do parque está o ponto mais alto do estado do Rio de Janeiro, o Pico das Agulhas Negras, com 2.791 metros, e o Maciço das Prateleiras, um destino muito procurado por escaladores.

O parque também é um dos mais tradicionais entre os montanhistas e está aberto para o público todos os dias do ano. Há cobrança de ingressos com valores diferenciados para brasileiros (50% de desconto), moradores do entorno (90% de desconto) e membros do Mercosul (25% de desconto). A hospedagem nos abrigos também é cobrada.



## COMO CHEGAR

O parque é dividido em duas partes, baixa e alta. Para acessar a parte baixa, onde está localizada a sede do parque, o acesso é feito pela rodovia Presidente Dutra (BR-116). Vindo do Rio de Janeiro são cerca de 180 km até o posto 1, entrada da parte baixa do parque.

Para acessar a parte alta, o acesso é feito a partir da BR-354 até o local conhecido como Garganta do Registro, de lá começa uma subida por 14km até o Posto Marcão, portaria oficial do parque.

Há ônibus que saem regularmente do município de Itatiaia com destino ao parque nacional.



## MELHOR ÉPOCA PARA VISITAR

O parque pode ser visitado todo o ano, mas a melhor época para conhecer a parte alta é durante o inverno (junho a setembro). A parte baixa também pode ser desfrutada durante todo ano, mesmo no verão, porém há grande incidência de chuva.



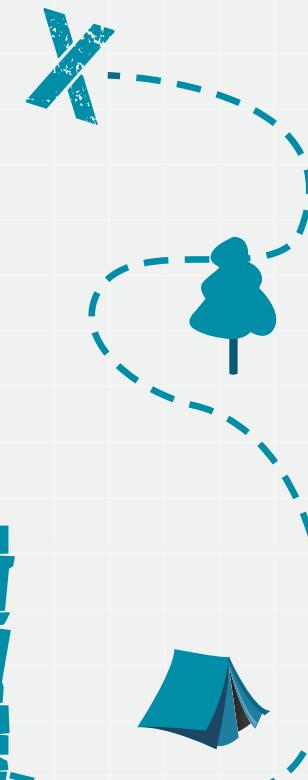
**PARNAITATIAIA.RJ@ICMBIO.GOV.BR**



**(24) 3352 1292 / 2288 / 6894**



Para mais informações e dados atualizados sobre o parque acesse a página do verbete no WikiParques através do QR-Code e o guia do visitante no site do ICMBio [www.icmbio.gov.br/parnatitatiaia/guia-do-visitante](http://www.icmbio.gov.br/parnatitatiaia/guia-do-visitante)



# 8

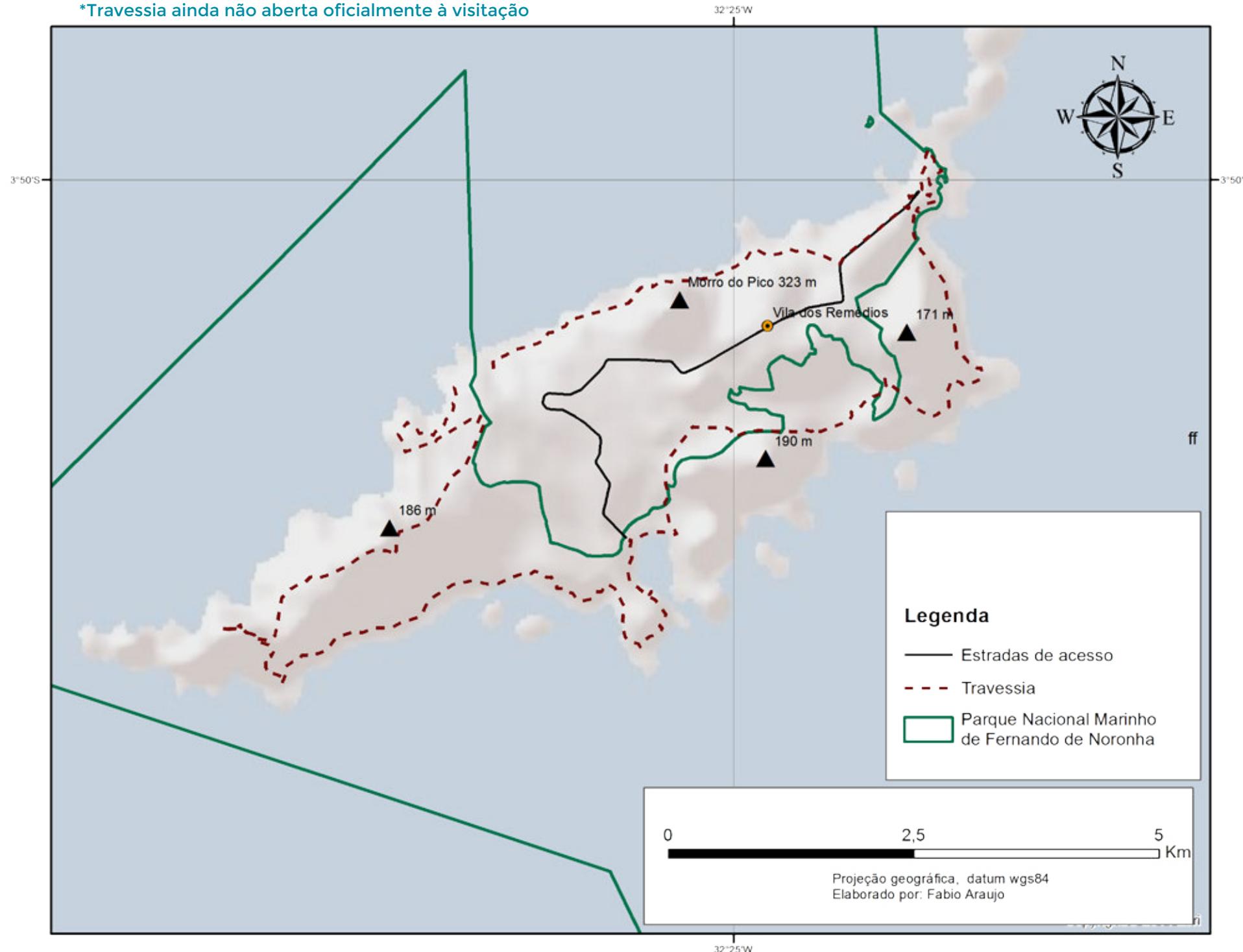


## A VOLTA À ILHA a pé no paraíso

Parque Nacional Marinho de  
Fernando de Noronha (PE)

# VOLTA À ILHA

\*Travessia ainda não aberta oficialmente à visitação



**A** simples menção ao nome Fernando de Noronha é capaz de causar furor entre viajantes. O destino com fama de paraíso habita o imaginário coletivo com suas praias desertas e águas cristalinas. A possibilidade de dar uma volta na ilha e percorrer este paraíso de uma ponta a outra a pé, entretanto, pode parecer loucura até para o turista mais empolgado. Nos dias 11 e 12 de dezembro de 2017, porém, foi exatamente o que fizemos: uma travessia de 32 km ao redor da ilha de Fernando de Noronha.

Éramos dez pessoas e apesar de eu ser a única forasteira, ninguém havia feito esse percurso inteiro antes. A Volta à Ilha, como foi chamada, foi realizada de forma inédita como parte das comemorações de aniversário de 10 anos do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). O percurso conecta trilhas consolidadas dentro do Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha com trechos recém-abertos.

A travessia começou no sábado de manhã, com a largada simbólica na Baía dos Porcos, ao lado do Morro Dois Irmãos, cartão-postal de Noronha. No grupo estava o atual chefe do Núcleo de Gestão Integrada de Fernando de Noronha, Felipe Mendonça, responsável pela administração conjunta do parque nacional com a Área de Proteção Ambiental (APA) de Fernando de Noronha, Rocas, São Pedro e São Paulo; o coordenador de uso público, Ricardo Araújo; voluntários; guias credenciados da Associação dos Condutores de Noronha (Acitur - FN); e um dos guarda-parques da área protegida.

A Volta à Ilha começou nas praias da APA, normalmente as preferidas dos visitantes pelo livre acesso e pela presença de quiosques. A área de uso sustentável corresponde a 30% da ilha principal, a única habitada e que leva o nome de Fernando de Noronha. Os 70% restantes e as 20 ilhotas secundárias



que compõem o arquipélago são parque nacional desde 1988.

Apesar de ser um dia ensolarado, as areias das praias Cacimba do Padre, Bode, Americano e Boldró estavam vazias. A principal razão estava no mar que, ao contrário da calmaria tradicional, quebrava agitado em ininterruptas ondas. Nessa época do ano, o “mar de dentro”, como é chamada a costa ocidental da ilha, recebe o fenômeno do swell. O nome vem da língua inglesa e significa aumento. Aplicado ao mar o conceito se traduz em muitas – e grandes – ondas, para alegria dos surfistas locais.

Percorremos as cinco praias e os trechos de pedras entre elas até chegarmos na praia do Meio, a última da sequência.



De lá, subimos em direção à Vila dos Remédios, a parte histórica da ilha. Uma enorme gameleira (*Ficus noronhae*), subespécie endêmica de Noronha, fazia uma generosa sombra e chamava atenção com seus cipós que caíam como madeixas em direção ao solo. Uma das características dessa espécie é que, quando os cipós se fixam no chão, se convertem em raízes para árvore.

Aqui a trilha dá lugar ao calçamento de pedras feito durante o período colonial, quando a ilha era um lugar de exílio para homens julgados criminosos pela Coroa Portuguesa. No passado, Fernando de Noronha foi ponto estratégico de defesa do Exército brasileiro e até presídio político durante a ditadura militar. Parte dessa herança pode ser vista nas ruínas dos 11 fortés que um dia ocuparam a ilha. O Forte de Nossa Senhora dos Remédios é o melhor conservado e um ponto privilegiado para ver o litoral do mar de dentro em toda sua extensão, o que mais que justifica o pequeno desvio do caminho principal para ir conhecê-lo.

Ao sair da Vila, o passado vai de encontro com o presente em uma abrupta mudança marcada pela asfaltada BR-363, a principal estrada da ilha. Seguimos pela calçada, às margens da rodovia, por um trecho de 1,4 quilômetro marcado pela vista do horizonte oceânico que nos lembrava que estávamos em uma ilha a 360 quilômetros do continente.

Ladeamos a rodovia até chegarmos na zona portuária, no trecho final da APA, e quando alcançamos a ponta ocidental da ilha, na Enseada dos Tubarões, cruzamos a linha invisível que separa a área de proteção ambiental do parque. Apesar de imaginária, ela representa o fim de pontos de apoio e de reabastecimento. Estaríamos por conta própria daqui para frente. O próximo ponto de apoio, nosso local de pernoite, situado a 8 quilômetros de caminhada a frente. Mas antes





Uma maria-farinha,  
personagem comum nas  
areias de Noronha

de prosseguir, precisávamos esperar 40 minutos até a maré baixar o suficiente para nos dar passagem. Conhecer a tábua das marés é um saber indispensável para fazer uma travessia às margens do oceano. Pontualmente às 12:40 retomamos a caminhada a partir da praia de Caieira.

Este trecho corresponde à trilha Pontinha x Pedra Alta, apesar de feita no sentido contrário ao da Volta à Ilha. O caminho percorre uma parte do litoral rochoso da ilha e, acreditem, não é fácil andar sobre pedras. O desafio não é evitar pisar em pedras soltas – porque isso é inevitável – mas evitar que isso te leve ao chão. Uma queda potencialmente perigosa não apenas para mim, mas para minha câmera pendurada ao redor do pescoço. Apesar de ser uma ilha famosa por suas praias, o litoral possui mais trechos de rocha do que de areia e é indispensável um bom calçado para trilha para aguentar a caminhada rochosa.

Perto do final da praia de pedras, após quase 2 quilômetros de caminhada ininterrupta e com o sol das 13 horas sob nossas cabeças, fizemos uma pausa para dar um mergulho. O mar agitado não facilitou a observação da vida marinha,

mas o banho de mar foi bem-vindo para afastar o calor. A maior parte da travessia é exposta, sem sombra, e o chapéu é item obrigatório.

O percurso então dá as costas ao litoral ocidental e sobe um pequeno morro, em direção ao mar de fora, que corresponde ao outro lado ilha. No topo, conhecido como Mirante da Pedra Alta, descontina-se uma visão panorâmica espetacular que se estende pelos dois mares de Noronha. Enquanto o mar de dentro reverberava ao ritmo do swell, no lado oriental da ilha as águas estavam calmas, como as duas facetas de um oceano bipolar. A vegetação desta parte de Noronha é marcada pela aridez e pela abundância de capim, rochas e cactos xique-xique (*Pilocereus gounellei*). Aqui, o litoral é um paredão rochoso e escarpado, de cor enegrecida e aspecto bruto. Uma paisagem que conta um pouco da história de formação da ilha, de origem vulcânica.

O processo de formação do arquipélago de Fernando de Noronha começou há cerca de 12 milhões de anos, a partir de uma sequência de erupções vulcânicas que trouxeram à superfície o que hoje são as 22 ilhas do arquipélago. Apesar de separadas no nível do mar, todas estão conectadas à mesma formação rochosa, atualmente submersa, com base a 4 mil metros de profundidade, no solo do oceano.

Uma ilha vulcânica nasce, por assim dizer, nua. Tanto de flora quanto de fauna. O processo de colonização desses territórios oceânicos varia, mas via de regra começa com espécies estrangeiras que chegam e se adaptam às condições e nichos do novo território e, aos poucos, ganham traços locais até que se tornam uma nova espécie, nativa dali. Por isso, a maioria das ilhas é rica em espécies e subespécies endêmicas. Em Noronha, as aves cocoruta (*Elaenia ridleyana*) e sebito (*Vireo gracilirostris*) são dois exemplos,



ambas ameaçadas de extinção. Animais endêmicos de ilhas costumam ser extremamente susceptíveis às alterações no ambiente, como a introdução de espécies exóticas (ratos, cães e gatos são o principal exemplo).

Acredita-se, inclusive, que o arquipélago já teve um roedor endêmico, o *Noronhomys vespuccii*, descrito por Vespuício em 1503, quando as ilhas foram descobertas e extinto provavelmente no próprio século 16, antes que alguém pudesse se dedicar a estudá-lo. Restaram apenas fósseis para provar a existência do roedor, possivelmente o único mamífero terrestre nativo de Fernando de Noronha. O que provocou sua extinção ainda é um mistério, mas as apostas, como sempre, passam direta ou indiretamente pelas mãos humanas.

A travessia segue pelo litoral escarpado ao lado da belíssima Ilha do Frade, até chegar na Praia do Atalaia, uma grande piscina natural protegida das ondas. O local ideal para colocar a máscara de snorkel e mergulhar para ver a vida marinha. Este é um dos principais atrativos do parque e requer agendamento devido à capacidade máxima de 96 visitantes por dia. Linguados (*Bothus sp.*), donzelinhos (*Stegastes rosaceensis*) e guarajubas (*Carangoides sp.*) foram alguns dos peixes que avistei em meio a uma multidão de diferentes cores e formatos que iam e viam ao redor dos corais. Por serem ecossistemas extremamente frágeis, monitores do parque orientam os turistas sobre os cuidados especiais de visitação.

Poderia ficar horas boiando nas águas calmas e cristalinas do Atalaia entretida com o vaivém dos peixes, mas a trilha me chamava. Às 16 horas nos despedimos deste pequeno paraíso e seguimos em direção ao interior da ilha por uma larga estrada de terra que ladeia o aeroporto. A transição do litoral para o centro de Noronha é acompanhada pela mudança na vegetação, que deixa de ser rasteira e passa a

ter árvores, com tons de verde e ares de floresta. São cerca de 2 quilômetros de caminhada pela estradinha até a reentrada na trilha, em um trecho recém-aberto exclusivamente para a Volta à Ilha. Vamos mata adentro, novamente rumo ao litoral. As árvores agora dão lugar à restinga e, em seguida, à areia e ao mar. Após 17 quilômetros de caminhada, já no final da tarde chegamos à Baía do Sueste, local programado para o pernoite.

No Sueste há uma estrutura do ICMBio para recepção dos visitantes que inclui banheiros, chuveiro, lanchonete e lojinha; feita através de uma das contrapartidas da concessão de serviços para a Econoronha. O atrativo fica aberto à visitação das 9 às 16 horas. Excepcionalmente em função da travessia temos a permissão – e o privilégio – de acampar na areia fofa da baía.

Montei minha barraca com a sensação de quem entra em um quarto de hotel cinco estrelas. Posso garantir que de noite mais de cinco delas iluminaram o céu. Uma constelação sobre minha cabeça, o mar em frente e, alguns metros atrás da minha tenda, o único mangue de ilhas oceânicas do Atlântico Sul. Definitivamente um hotel de luxo.

Ainda que tentador, o banho de mar fora do horário de funcionamento do atrativo não é recomendado. Isso porquê as primeiras horas da manhã e o final da tarde são as horas em que os tubarões se alimentam por ali. As espécies mais comuns em Noronha são o tubarão-lixa (*Ginglymostoma cirratum*), o limão (*Negaprion acutidens*) e o tigre (*Galeocerdo cuvier*). Apesar de serem vistos como animais perigosos, nenhuma destas espécies possui um comportamento naturalmente agressivo, mas são animais selvagens que podem atacar caso se sintam ameaçados ou confundam o ser humano com alimento.



A Volta à Ilha ainda não é oficialmente um produto turístico, mas de acordo com o coordenador de uso público, este será o local ideal para a realização do pernoite, pelas estruturas que possui e por estar próximo da BR-363, o que facilitaria um possível resgate, se necessário. E possibilita pedir uma pizza e economizar o peso do fogareiro na mochila – que foi o que fizemos.

O segundo dia da travessia começou com o espetáculo do sol nascente e antes das 8 horas estávamos todos de volta à trilha e ao litoral de pedras. Seguimos à beira-mar por 700 metros e subimos uma pequena encosta rumo ao Mirante da Praia do Sueste, de onde há um visual 360° da baía e de suas águas azul turquesa. A trilha passou pelas ruínas do Forte São Joaquim do Sueste e seguiu pela encosta, com

momentos de escalaminhada para descer pelas pedras, até que chegamos a uma espécie de platô rochoso erodido pelo constante vaivém das ondas. O risco aqui é escorregar nas pedras molhadas enquanto procura o melhor caminho por entre os buracos, todos preenchidos com água e vida, de corais à pequenos peixes. Mesmo o menor dos buracos tem seu próprio – e fascinante – micro ecossistema.

Uma das cavidades formava uma pequena piscina natural protegida das ondas, mas grande o suficiente para usufruirmos de um mergulho. O céu estava quase sem nuvens e mesmo às 9 horas o calor já era grande. Após meia hora de descanso e observação subaquática, retomamos a caminhada pelas rochas costeiras que aos poucos se converteram em estreitas passarelas às margens de um mar agitado.

O litoral do mar de fora da ilha





A belíssima praia  
do Leão

Um lembrete de que a maré estava subindo. Precisávamos acelerar o passo para garantir nosso caminho até a Praia do Leão. Em Noronha, quem te diz a hora é o mar e não o relógio.

Nosso timing, infelizmente, não foi dos melhores e no final da passarela de pedra fomos obrigados a improvisar um contorno por um caminho tortuoso através da íngreme encosta do morro. Andar se tornou um desafio enquanto eu me segurava no capim, evitava pedras soltas e sentia o solo arenoso deslizar com o peso do meu corpo. Apesar de ter sido um percurso de menos de cem metros, não faltou adrenalina.

Um a um, lentamente conseguimos vencer a encosta e alcançar a pequena praia rochosa sem nome. Eu a chamaria de “praia da conquista” por motivos óbvios. Mas quando todos se reuniram, vivos e inteiros, não houve tempo para

comemorações. Estávamos correndo contra a maré. Sem mais delongas, portanto, voltamos para trilha de pedras e escalaminhadas. Mesmo com o esforço e risco do percurso, era inevitável sorrir ao olhar para cima. No horizonte, nos tons do famoso azul caribenho de Noronha estava a Praia do Leão, nosso destino.

Este trecho não existe no mapa de trilhas do parque e foi feito pela primeira vez durante a nossa Volta à Ilha. Sua execução complicada exige atenção aos movimentos do mar, que podem inviabilizar a passagem. “O ideal é fazer este trecho durante o 0/0, o ponto mais baixo da maré”, explicou Ricardo. “E nesta travessia o guia será obrigatório para poder orientar os visitantes e conduzi-los em segurança”, completou. Por volta das 11 horas finalmente chegamos ao Mirante do Leão, onde nos permitimos um indulgente e merecido descanso e almoço.

A Praia do Leão é um dos atrativos mais populares do parque porque dispensa guias e é de fácil acesso. Além disso, a praia é linda e convidativa ao mergulho e contemplação. Infelizmente, a maré e o sol nos apressavam. No final da praia começa a trilha Capim-Açu, na qual caminharíamos mais 5 quilômetros sobre – adivinhem – pedras. Infinitas pedras, de todos os tamanhos e formatos amontoadas litoral acima até o final da face oriental da ilha. Pela sua dificuldade, a Capim-Açu é pouco procurada pelos turistas e, para os que fazem, um guia é obrigatório.

A dificuldade do terreno somada ao forte calor e exposição total ao sol fez com que a distância parecesse ainda maior. Quando finalmente chegamos ao fim do litoral de pedras após uma marcha ininterrupta, já eram 13 horas e estavam todos suados e com os pés castigados. A recompensa veio na forma de uma rasa piscina natural, cuja água batia na altura do peito.



Sem necessidade de máscaras dessa vez para observar os peixes que, por sua vez, nos observavam de perto. Ou melhor, degustavam, já que uma tropa de soldadinhos (*Holacanthus tricolor*) – literalmente – se deliciava com nossos calos e peles mortas, dando mordidas sem cerimônia nem pudor de gula. No que diz respeito aos calos, éramos mesmo um banquete.

Dos céus, outros animais nos observavam: os rabo-de-junco (*Phaethon lepturus*), ave marinha símbolo do parque. Em duplas ou trios, as aves sobrevoavam nossas cabeças para assegurar que não éramos ameaças aos seus ninhos, construídos no paredão rochoso.

O descanso na piscina foi quebrado pelo alerta de que ainda faltavam 8 quilômetros para completarmos a travessia. O consolo era saber que não haveria mais trilha por cima das pedras. Em contrapartida, precisávamos enfrentar uma íngreme ladeira ironicamente apelidada de Generosa. A única bem-feitoria era uma corda colocada lá que nos ajudou a vencer os cerca de 130 metros de subida pela encosta. No topo, o visual dos dois mares de Noronha renovou nosso fôlego para continuar a caminhada que seguiu morro acima e floresta adentro.

Este é o trecho dos mirantes. São quatro no total. Dois deles próximos a um antigo farol ainda em funcionamento. Para acessá-los é preciso fazer um desvio de 1 quilômetro (ida e volta), a partir de uma bifurcação bem sinalizada com uma placa que aponta “Trilha do Farol”. A quilometragem extra foi mais do que justificada para aproveitar o visual do mar de dentro, de onde foi possível enxergar até mesmo um dos irmãos da formação rochosa que representava nossa linha de chegada. Os outros dois mirantes estavam localizados ao longo da trilha principal e eram virados para o mar de fora, e nos deram a dimensão do quanto já havíamos caminhado pela costa da ilha.

A trilha sinalizada, manejada e sombreada pelas árvores foi um verdadeiro passeio depois da saga penosa pelas pedras. A paisagem tinha uma beleza diferente do que havíamos visto até então, com muito verde e árvores secas cobertas por cipó que formavam silhuetas diversas e curiosas.

Às 16 horas chegamos no posto do ICMBio que controla a entrada dos visitantes na Baía do Sancho e dos Golfinhos. O local oferece banheiros, armários e lojinha. Sem tempo para desfrutar das benesses da civilização, fomos direto em direção à Baía dos Golfinhos por uma trilha suspensa, construída com material reciclado, que permite o acesso de pessoas com dificuldade de locomoção ao atrativo. Como o nome sugere, a baía é um point entre os golfinhos, mais especificamente os rotadores (*Stenella longirostris*). Fernando de Noronha é uma área prioritária para conservação da espécie, que é monitorada diariamente pela ONG Golfinho Rotador.

## PROJETOS DE CONSERVAÇÃO EM FERNANDO DE NORONHA

Em Fernando de Noronha, estão presentes dois grandes projetos que atuam na frente de conservação marinha de espécies-chave. O Projeto Golfinho Rotador, criado em 1990, que desenvolve ações de pesquisa, conservação e manejo do golfinho rotador. O Projeto Tamar, que iniciou suas atividades no arquipélago em 1984, e atua na conservação das 5 espécies de tartarugas marinhas que ocorrem nas águas brasileiras. Ambos desenvolvem diversas atividades de educação ambiental e estão abertos à visitação para quem quiser conhecer melhor.



No trecho final da travessia, seguimos em direção à Baía do Sancho. A praia está entre as mais bonitas do Brasil e do mundo. Para que os visitantes possam confirmar isso de todos os ângulos possíveis, o percurso até lá é recheado de pequenos mirantes. A praia, protegida por um paredão rochoso, é acessada através de uma escada vertical que desce por uma fenda na pedra. O destino paradisíaco, entretanto, não está no nosso roteiro.

Nossa linha de chegada era outra e estava bem próxima, a 282 metros para ser exata: o Mirante dos Dois Irmãos. Lá completamos a volta na ilha diante do cartão-postal do parque, onde havíamos começado nossa expedição, 32 km atrás. Uma travessia em Fernando de Noronha é um atrativo talvez inesperado, mas muito bem-vindo. Como frisa Ricardo, o coordenador de uso público: “Noronha é mais do que apenas sol, mar e festa, é um destino de ecoturismo. E queremos atrair para cá os visitantes que têm essa consciência”. Afinal, só é um paraíso enquanto nós o protegemos.



A Praia do Sancho, mundialmente famosa pela sua beleza



Os Dois Irmãos, principal cartão-postal de Fernando de Noronha

# PARQUE NACIONAL MARINHO DE FERNANDO DE NORONHA



## SOBRE O PARQUE

O Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha foi criado em 14 de setembro de 1988 e ocupa uma área total de 11.270 hectares, o que corresponde a 70% da ilha principal (Fernando de Noronha) e as demais ilhas (20 ao todo) do Arquipélago de Fernando de Noronha. A única regularmente aberta à visitação é a principal, que também é a única habitada. Além das trilhas e praias, existem diversas operadoras de mergulho para quem quiser explorar as águas cristalinas do arquipélago. Há atrativos do parque que exigem agendamento prévio, devido à capacidade limite, e o acompanhamento de um guia credenciado. Fique atento às regras de visitação de cada atrativo! Além disso, o parque cobra um ingresso, válido por 10 dias.

O Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha é reconhecido e tombado pela UNESCO como Patrimônio Natural Mundial da Humanidade juntamente com a Reserva Biológica do Atol das Rocas. E também é reconhecido como um Sítio Ramsar, título dado às áreas úmidas mais representativas do planeta.

## COMO CHEGAR



Fernando de Noronha está a 545 km de Recife e para chegar lá, o principal transporte é o avião. Duas companhias aéreas (Azul e Gol) fazem a rota até a ilha, saindo de Recife (PE) ou de Natal (RN), e há voos diários de ambas as companhias.



## MELHOR ÉPOCA PARA VISITAR

Não existe uma época ruim para conhecer Fernando de Noronha, mas a melhor época é durante a estação seca, que vai de setembro a março, quando a chance de chuvas é menor.

\*Para entrar em Fernando de Noronha, o visitante precisa pagar a Taxa de Preservação Ambiental (TPA), um tributo cobrado pelo Governo do Estado de Pernambuco por dia de permanência. Consulte os valores quando for planejar sua viagem.



[ATENDIMENTO@PARNANORONHA.COM.BR](mailto:ATENDIMENTO@PARNANORONHA.COM.BR)



(81) 99453-2674



Para mais informações e dados atualizados sobre o parque acesse a página do verbete no Wiki-Parques através do QR-Code e o guia do visitante no site [www.parnanoronha.com.br](http://www.parnanoronha.com.br)



9

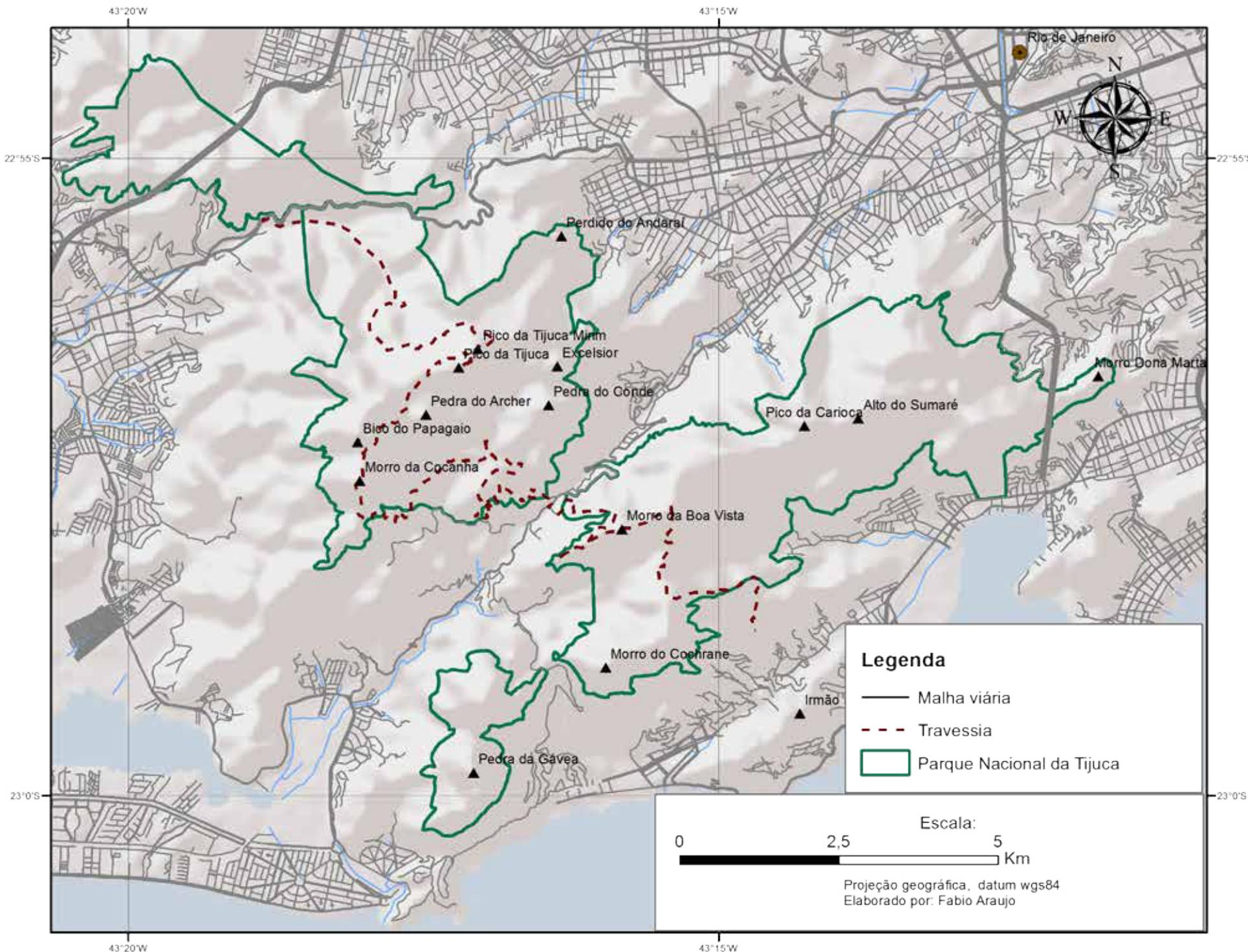
## TRILHA TRANSCARIOCA

no meio da metrópole  
tinha  
uma trilha



Parque Nacional da Tijuca (RJ)

# TRILHA TRANSCARIOCA



Caminhar por dois dias dentro da floresta pode não parecer nada de mais, exceto quando a floresta em questão está dentro de uma metrópole com mais de 6 milhões de habitantes. Esta é a magia das trilhas no Parque Nacional da Tijuca, localizado no coração de uma das maiores cidades do mundo, o Rio de Janeiro. Um encanto potencializado pela criação da Trilha Transcarioca que cruza a cidade de uma ponta a outra ao longo de 183 km e nove unidades de conservação. Para realização da nona travessia comemorativa do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), caminharíamos apenas por um trecho de 31 quilômetros.

Sou carioca e, mais especificamente, tijucana. O parque foi o quintal da minha infância. Um baita quintal, diga-se de passagem, com quase 4 mil hectares de Mata Atlântica. Um território verde que aos olhos de uma criança parecia infinito. Ter uma área protegida dessa dimensão inserida no contexto urbano é um privilégio. Quando ela abriga locais como a Pedra da Gávea e o Corcovado esse privilégio se traduz também na alcunha de Cidade Maravilhosa. Os 3 milhões de visitantes anuais e o título de parque mais visitado do país não me deixam mentir.

“O carioca convive diuturnamente com esse parque, um canto do Rio que não chega a ser canto, uma vez que o Rio é que está ao seu redor”, escreveu Pedro da Cunha e Menezes em um livro sobre a Floresta da Tijuca. E continuou, “na verdade, cantos são os outros lugares, a Floresta é o enchimento, o miolo, o coração” para concluir que “a Floresta é o Rio”. As palavras do atual coordenador-geral de uso público do ICMBio não poderiam descrever melhor a simbiose que existe entre a cidade e sua imensidão verde. Íntimo do parque, do qual já foi gestor, Pedro foi um dos participantes da travessia, que reuniu cerca de 20 pessoas, entre elas o coordenador do



Movimento Trilha Transcarioca, Horacio Ragucci.

Nossa caminhada começou às 8:40 acompanhada de moradores locais que se preparavam para aproveitar o sábado de sol em uma das cachoeiras na área da Represa dos Ciganos. O traçado da travessia tijucana corresponde aos seis primeiros trechos da Trilha Transcarioca dentro do parque nacional. Aos pés da estrada Grajaú-Jacarepaguá, este é o começo do trecho 11, que tem como destino o largo do Bom Retiro, a exatos 9,4 quilômetros de distância.

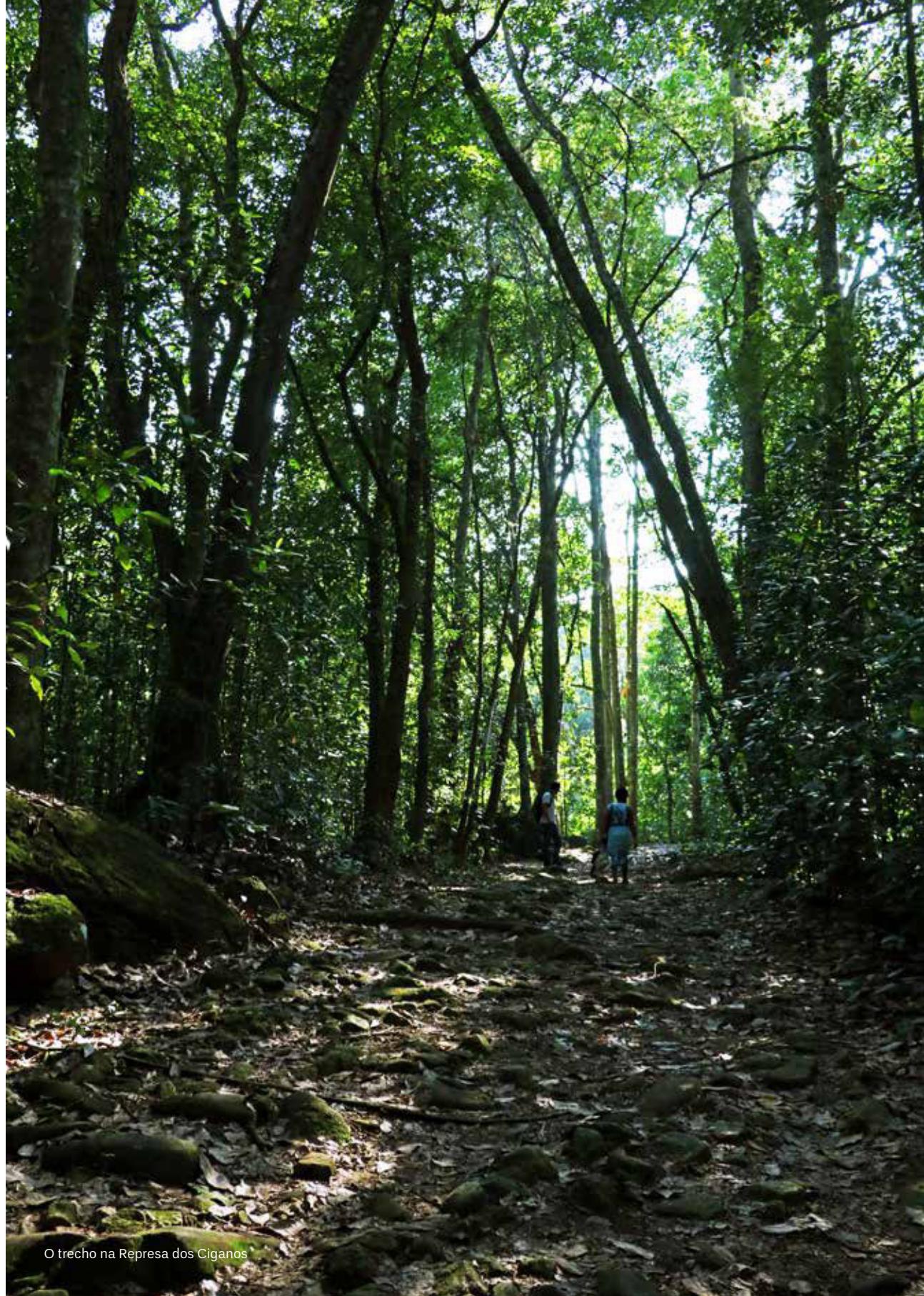
O início do percurso segue por uma antiga estrada de pedras, hoje usada apenas por pedestres. Após cerca de 2 quilômetros chegamos na Represa dos Ciganos, alimentada pelo rio que dá nome à região. O reservatório de água foi construído em 1906 e ainda hoje é usado pela Companhia Estadual de



Águas e Esgotos do Rio de Janeiro (CEDAE) para o abastecimento urbano, por isso o banho é proibido. A partir da represa, a trilha se estreita em um percurso que serpenteia junto ao curso d'água e passa pelas cascatas do Assento, Ciganos e do Ramalho, até chegar ao Lajeado, uma grande rocha por onde desce o rio.

Na medida em que seguíamos as pegadas amarelas sobre fundo preto, marca da sinalização no sentido leste, nos distanciávamos dos barulhos da cidade e dos visitantes de final de semana, até que restou apenas a quietude imperturbável da floresta. O denso silêncio da mata incomodou pela ausência de sons de animais. Ao longo dos dois dias de travessia, ouvimos alguns pássaros e avistamos apenas um caxinguelê (*Sciurus aestuans*), um sapo e três espécies de cobra: jararaca (*Bothrops jararaca*), coral-verdadeira (*Micrurus corallinus*) e cipó (*Chironius bicarinatus*). Nenhum macaco-prego (*Sapajus nigritus*), nenhum quati (*Nasua nasua*), nenhum bicho-preguiça (*Bradypus variegatus*) e nenhum tucano (*Ramphastos spp.*). A floresta estava lá, mas estava praticamente vazia. A exceção éramos nós, mamíferos bípedes popularmente conhecidos como caminhantes.

Por volta do quarto quilômetro, a subida até então gradual se acentuou e quanto mais adentrávamos no Vale dos Ciganos, mais densa se tornava a mata ao nosso redor. Entre as incontáveis árvores se destacavam as enormes figueiras (*Ficus spp.*) com mais de 15 metros de altura e com certeza décadas, quiçá séculos de vida. A Mata Atlântica se exibia em todo o seu esplendor. Além da beleza cênica, este trecho guarda parte da memória viva da floresta quando ali predominavam não as árvores, mas os pés de café. A própria trilha se apropriou do traçado de um antigo caminho colonial aberto na época dos engenhos e fazendas. As ruínas da maior delas, a Fazenda da Boa Vista, estão situadas a um pequeno desvio



O trecho na Represa dos Ciganos



de 35 metros da rota principal. Lá ainda foi possível ver os restos dos fogões onde os grãos de café eram torrados e os muros de pedra que dividiam os cômodos, hoje cobertos de raízes e musgo. Uma paisagem impactante que conta um capítulo da história do Rio de Janeiro.

Enquanto avançávamos, deixamos para trás um grupo menor. Três voluntários seguiram em um ritmo mais lento por um motivo nobre: fazer os ajustes e reparos necessários na sinalização. A Transcarioca foi criada com o objetivo ser uma trilha autoguiada e o trabalho para mantê-la assim precisa ser constante. Boa parte desse esforço é feito por mão-de-obra voluntária em conjunto com os servidores das unidades de conservação pelas quais passa o percurso.

### VOLUNTARIADO NA TRILHA TRANSCARIOCA

A Trilha Transcarioca nasceu e se mantém apoiada no trabalho voluntário. Desde os grandes mutirões realizados semestralmente às ações semanais ou mensais lideradas pelos adotantes de cada um dos 25 trechos. A adoção das trilhas é feita por pessoas ou instituições que se encarregam de cuidar daquele trecho. Além disso, toda a estrutura do Movimento Trilha Transcarioca, que gera a trilha, é formada por voluntários.

Após 6 quilômetros, alcançamos uma trifurcação orientada por um conjunto de placas, dentre as quais a que apontava o próximo destino: o Pico da Tijuca. Além das pegadas amarelas ou pretas, de acordo com o sentido, placas indicativas e setas complementam a sinalização no parque.

Enquanto aproveitávamos a pequena clareira para lanchar,



um dos servidores recebeu a notícia de que havia acontecido um assalto na estrada que corta o parque. A ocorrência, infelizmente tão comum ao carioca, veio junto com o lembrete de que, por mais distante que pareça estar da cidade, a floresta não está isenta dos problemas da metrópole. A violência transborda das ruas para dentro das fronteiras da unidade de conservação e esse não é um problema de cunho ambiental, mas de segurança pública.

Continuamos a subida em direção aos picos, primeiro o Tijuca Mirim, o irmão menor com 917 metros de altitude, e depois o Pico da Tijuca, o ponto mais alto do parque, situado a 1.021 metros. Antes de alcançar o cume foi preciso vencer 117 vertiginosos degraus esculpidos diretamente na pedra tendo como único apoio uma pesada corrente de ferro.

Nas alturas e diante de um céu azul, a paisagem panorâmica permitiu ver o Rio de uma ponta a outra entrecortado pelo contorno das montanhas que circundam a cidade, entre



elas a inconfundível silhueta da Pedra da Gávea que, vista do pico, não parecia tão imponente quanto vista do chão.

De lá continuamos no circuito externo, como é conhecido o roteiro pelos cumes da Floresta da Tijuca. O próximo da lista, localizado a cerca de 3 quilômetros do Pico da Tijuca, era o Bico do Papagaio. A trilha até lá é na maior parte fácil, com exceção dos últimos 500 metros quando o percurso se torna extremamente íngreme e exige o apoio das mãos nas pedras e nas raízes para subir. Depois de já ter andado aproximadamente 11 quilômetros, a subida ao cume foi feita em passos lentos e cansados.

Já fui ao Bico do Papagaio mais de meia dúzia de vezes e sei a paisagem quase de cor, mas nunca deixo de me impressionar com ela. De um lado, as montanhas cobertas de verde encobrem completamente as praias da zona sul. Do outro, a zona oeste se estende plana, até que se encontra com as outras montanhas cariocas do Maciço da Pedra Branca, protegido por um parque estadual homônimo desde 1974.

Com o relógio perto das 17 horas, voltamos para a trilha – agora com ajuda da gravidade – e descemos até a bifurcação que levava ao próximo pico da jornada: a Cocanha, situada a menos de um quilômetro de distância do Papagaio. Menos badalado que outros cumes, o visual do Morro da Cocanha é igualmente merecedor de atenção. Após uma curta subida alcançamos o topo, formado por quatro grandes pedras, nas quais subimos para descobrir mais um ângulo maravilha da cidade abençoada pela natureza.

Normalmente este pico é feito em bate-volta pelos visitantes, mas nós seguimos em frente pela trilha apelidada de Coca-nha invertida que vai em direção à área central do parque. A descida íngreme é informalmente apelidada de “ladeira dos

cinco apoios” já que a declividade somada ao solo coberto de folhas é uma combinação propícia à queda. Nada fatal, apenas um possível golpe à honra. Com passos cuidadosos, descemos por cerca de 2 quilômetros até chegarmos a um trecho mais plano, conhecido como Platô do Céu.

Sempre atentos às pegadas amarelas, a trilha nos levou à ponte pênsil, o último atrativo do percurso. Acompanhados do balanço e do rangido da madeira, atravessamos os 27 metros da ponte suspensa até regressarmos ao solo firme. Poucos metros à frente, o chão de terra foi substituído pelo asfalto da estrada que corta o parque e, neste momento, também a trilha. Felizmente foi só cruzar a pista para retornar nosso percurso debaixo da copa das árvores. Tirando proveito dos últimos raios de luz do dia, prolongados pelo horário de verão vigente, percorremos o quilômetro final até o Barracão.

Excepcionalmente em função da travessia, a estrutura utilizada pelos funcionários do parque seria também o nosso local de pernoite. Pela primeira vez tive a oportunidade de dormir na floresta, já que não há nenhum ponto oficial de acampamento para os visitantes dentro da unidade de conservação. Mesmo sem a regalia de dormir na área protegida, quem se aventurar na travessia pode aproveitar a vantagem de estar em um parque inserido no contexto urbano, cujo entorno é repleto de opções de hospedagem.

Após os 16 quilômetros do primeiro dia de travessia marcados pelo sobe e desce entre vários morros, foi com uma alegria indescritível que recebi a notícia de que havia camas disponíveis para nós. Um verdadeiro luxo que minhas costas agradeceram assim que deitei. A quilometragem aparentemente pequena camufla o verdadeiro esforço que é percorrer as montanhas cariocas.



No dia seguinte, por volta das 8:30, já estávamos recuperados e prestes a recomeçar a caminhada. Este é o setor principal do parque, a Floresta da Tijuca. Destino frequente de famílias para festas e piqueniques no final de semana. Era um domingo de sol e, como de costume, o movimento dos visitantes já agitava o parque. O trecho inicial da trilha é intercalado por zonas recreativas e passa em frente ao Centro de Visitantes até chegar na Capela Mayrink. Construída em 1850, ela é um dos atrativos históricos do percurso, assim como o Alto Cruzeiro, um altar de pedra feito pelos escravos que eram proibidos de utilizar a capela. “A história do Rio está na mata, nós é que não a conhecemos”, pontuou sabiamente Álvaro, um servidor do parque, enquanto o voluntário da Transcarioca e adotante do trecho, Anderson, contava a história por detrás daquela cruz em meio às árvores.

De fato, capítulos inteiros da história da antiga capital do Brasil estão escondidos na floresta. Alguns imperceptíveis

nos dias atuais, como a história do reflorestamento pioneiro do Maciço da Tijuca, que começou por ordem de Dom Pedro II no século XIX. O que décadas atrás eram mudas e sementes, hoje já são as árvores que cobrem de verde as montanhas tijucanas.

Descemos pela trilha que ziguezagueava encosta abaixo até chegarmos em uma pequena passarela de madeira suspensa. O mirante inusitado é uma instalação artística permanente feita por Eduardo Coimbra em 2008. A obra que faz às vezes de atrativo era um indício de que estávamos nos aproximando do Museu do Açude, antiga casa de Castro Maya, um colecionador de arte que ao longo de sua vida reuniu uma vasta coleção de 22 mil obras. A maior parte desse acervo está exposta no próprio museu e na Chácara do Céu, outra de suas residências no Rio.

De lá, o percurso seguiu pela trilha dos estudantes em direção

A metrópole se estende aos pés do Pico da Tijuca





Do Bico do Papagaio o verde  
sobrepuja o cinza da metrópole

ao Mirante da Cascatinha, situado a cerca de 1,5 quilômetro de distância. Em 2017, o mirante ganhou uma estrutura para beneficiar o acesso dos visitantes e o que antes era apenas um local privilegiado, se transformou em uma ampla plataforma de madeira que se projeta para fora da montanha e permite que o visual, que sempre foi lindo, ganhe horizontes ainda mais amplos. A imensidão verde é quebrada apenas pela visão da Cascatinha Taunay, uma queda d'água de 35 metros que de “inha” não tem nada.

Com o pensamento ainda na cachoeira e em quão bem-vindo seria um mergulho diante do calor do verão carioca, descemos pela trilha por 1 quilômetro até o Portão Floresta, a entrada principal do parque. Diante da praça Afonso Viseu, no Alto da Boa Vista, e de todo aquele asfalto, nos lembramos de que estávamos na cidade e aproveitamos o pequeno intervalo de civilização para comer em uma loja de conveniência antes de continuar com a caminhada. Neste trecho, as

pegadas aparecem nos postes e muros – sintomas de uma trilha urbana. O concreto, entretanto, não dura muito, são apenas 700 metros até reentrarmos na floresta, no início do trecho 14 da Trilha Transcarioca, sentido Mesa do Imperador.

Este é um dos poucos trechos que nasceram com a Transcarioca desde o berço, no final de 2012. Portanto, o traçado pôde ser planejado desde o princípio levando em conta questões como o declive e a sustentabilidade do percurso. O resultado é um percurso que sobe de forma gradual e agradável, ainda que não isenta de esforço, obviamente. Afinal de contas, estávamos subindo uma montanha!

Antes de chegarmos na bifurcação que leva ao Mirante da Freira, primeiro atrativo do trecho, passamos por uma seção onde a encosta havia desabado ao lado da trilha, felizmente deixando o caminho intacto, e com isso criando um inesperado mirante – um pouco assustador, confesso.

O mirante oficial, o da Freira, está situado a cerca de 2 quilômetros do início da trilha e pode ser acessado a partir de um desvio de 600 metros devidamente sinalizado. O visual voltado para o litoral contempla a Pedra da Gávea e a Pedra Bonita, ambas no Parque Nacional da Tijuca. Mais adiante estava outro mirante, o do cume do Morro da Boa Vista, que faz jus ao nome. Este com certeza é um dos trechos mais bonitos da Trilha Transcarioca. Mas o verdadeiro tesouro cênico da trilha está na Pedra da Proa, a 630 metros de altitude, de onde descortina-se a visão de cartão-postal do Rio de Janeiro. Ou melhor, da Cidade Maravilhosa. Porque diante do Corcovado, do Pão de Açúcar, da Lagoa Rodrigo de Freitas, das praias e do oceano, tudo que eu consigo pensar é “maravilhosa!”. Uma paisagem melhor vista do que descrita em palavras.



Infelizmente somos obrigados a dar as costas para o visual e seguir morro abaixo, havia uma travessia para concluir. O caminho, entretanto, ainda guardava outros tesouros, como o mirante do Alto do Pai Ricardo e o que talvez seja o trecho de floresta mais antigo do parque, com árvores de idade estimada em mais de 300 anos. Ou seja, bem anteriores ao reflorestamento. Acredita-se que a Mata do Pai Ricardo, como é conhecida, é um raro remanescente de Mata Atlântica original no Maciço da Tijuca. Sem a mão do homem, apenas da natureza. Árvores como jequitibá (*Cariniana spp.*), pau-d'alho (*Gallesia integrifolia*) e a rara guapeba (*Chrysophyllum imperiale*), também conhecida como árvore-do-imperador, ainda sobrevivem neste precioso reduto florestal preservado.

Por falar em império, depois de 1,5 quilômetro de descida chegamos à Mesa do Imperador. O nome do atrativo faz referência à predileção de Dom Pedro II pelo local onde, reza a lenda, ele gostava de fazer piqueniques. O cenário com certeza é digno de realeza. Assim como o da Vista Chinesa, que está a poucos metros dali e é um dos atrativos mais populares do parque, tanto pela beleza cênica quanto pela facilidade do acesso, que pode ser feito de carro pela estrada Dona Castorina. Para os montanhistas, há também a opção de acessar o monumento através de uma trilha que começa a 100 metros da Mesa do Imperador, do outro lado da pista. O percurso de 1,6 quilômetro é o trecho mais curto da Transcarioca e quando chegamos ao atrativo, por volta das 16 horas, encontramos uma pequena multidão de visitantes admirados e absortos na tentativa de capturar em câmeras o panorama azul, verde e cinza que compõe a inigualável aquarela carioca.

Sem disputar com os turistas um espaço no mirante, já que claramente estávamos na vantagem neste quesito, voltamos para trilha. A reta final do percurso desce pela encosta

em direção ao Parque Natural Municipal da Cidade. Durante a nossa travessia, entretanto, esse caminho tinha uma importância extra: iríamos inaugurar o novo circuito da Trilha Transcarioca. O percurso circular de 2,6 quilômetros havia sido aberto na semana anterior a nossa caminhada, graças a uma força-tarefa de voluntários e servidores que fizeram a poda, sinalização e manejo da trilha. Além de adicionar quilometragem e paisagem, o novo roteiro inclui mais um atrativo cultural na jornada: o Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro, localizado dentro do parque municipal.

Os últimos passos da nossa travessia de 31 quilômetros foram também os primeiros do recém-aberto circuito e, como manda o espírito folião do carioca, fomos recebidos com festa pela equipe do museu e do parque. Na floresta impera o orgulho de ser carioca. Afinal, a Floresta, com letra maiúscula mesmo, é o coração do Rio.



Intervenção artística se transforma em passarela e mirante no meio da floresta

# PARQUE NACIONAL DA TIJUCA



## SOBRE O PARQUE

O Parque Nacional da Tijuca foi criado em julho de 1961 e abrange um território de aproximadamente 4 mil hectares lado a lado com a fervilhante metrópole do Rio de Janeiro. O parque está dividido em quatro setores: Floresta, Serra da Carioca, Pedra Bonita/Pedra da Gávea e Pretos Forros/Covanca. Pressionada pelo avanço urbano por todos os lados, a área protegida é um importante remanescente de Mata Atlântica em solo carioca.

A localização e o fácil acesso ao parque ajudaram a colocar o Parque Nacional da Tijuca no topo do ranking de visitação em unidades de conservação no Brasil. Em 2017, a área protegida recebeu cerca de 3 milhões de visitantes. O número é impulsionado pelo fato de que o principal símbolo do Rio, o Cristo Redentor, está localizado no topo de uma das suas montanhas. A lista de atrativos do parque, entretanto, é longa e inclui cumes como a Pedra da Gávea e o Pico da Tijuca, cachoeiras como a do Jequitibá e a do Horto, além de uma vasta rede de trilhas e inúmeros mirantes. A unidade também abriga trechos da Trilha Transcarioca, percurso de 183 km que cruza a cidade do Rio de Janeiro.

Não há cobrança de ingresso no parque, com exceção do Cristo Redentor para o qual é necessário pagar para obter o acesso à estátua.



## COMO CHEGAR

O Parque Nacional da Tijuca pode ser visitado por diferentes caminhos e setores. Suas muitas estradas permitem visitá-lo a pé, de bicicleta, motocicleta, carro e ônibus urbano.

Os interessados em conhecer o Setor Floresta da Tijuca, devem utilizar o acesso principal, localizado na Praça Afonso Viseu, no Alto da Boa Vista.

Aos que desejam visitar o Setor Serra da Carioca, sugerem-se os acessos pelos bairros Cosme Velho (Rua Almirante Alexandrino) ou Alto da Boa Vista (Rua Amado Nervo), ambos em direção às Paineiras e Corcovado.

O Setor Pedra Bonita/Pedra da Gávea tem acesso pela Barra da Tijuca (Estrada Sorimã) e São Conrado (Estrada das Canoas).



## MELHOR ÉPOCA PARA VISITAR

O parque está aberto todos os dias ao longo do ano inteiro. No verão, período de chuvas mais fortes, recomenda-se verificar a previsão do tempo antes de fazer caminhadas longas.



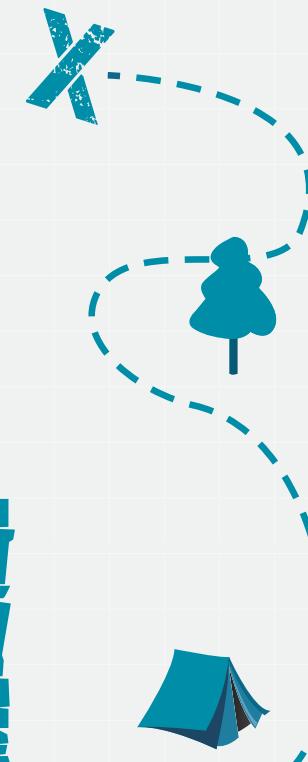
**PARNATIJUCA@ICMBIO.GOV.BR**



**(21) 2492 2252 / 2253 / 5407**



Para mais informações e dados atualizados sobre o parque acesse a página do verbete no WikiParques através do QR-Code e o guia do visitante no site do ICMBio [www.icmbio.gov.br/parnatijuca/guia-do-visitante](http://www.icmbio.gov.br/parnatijuca/guia-do-visitante)



# 10

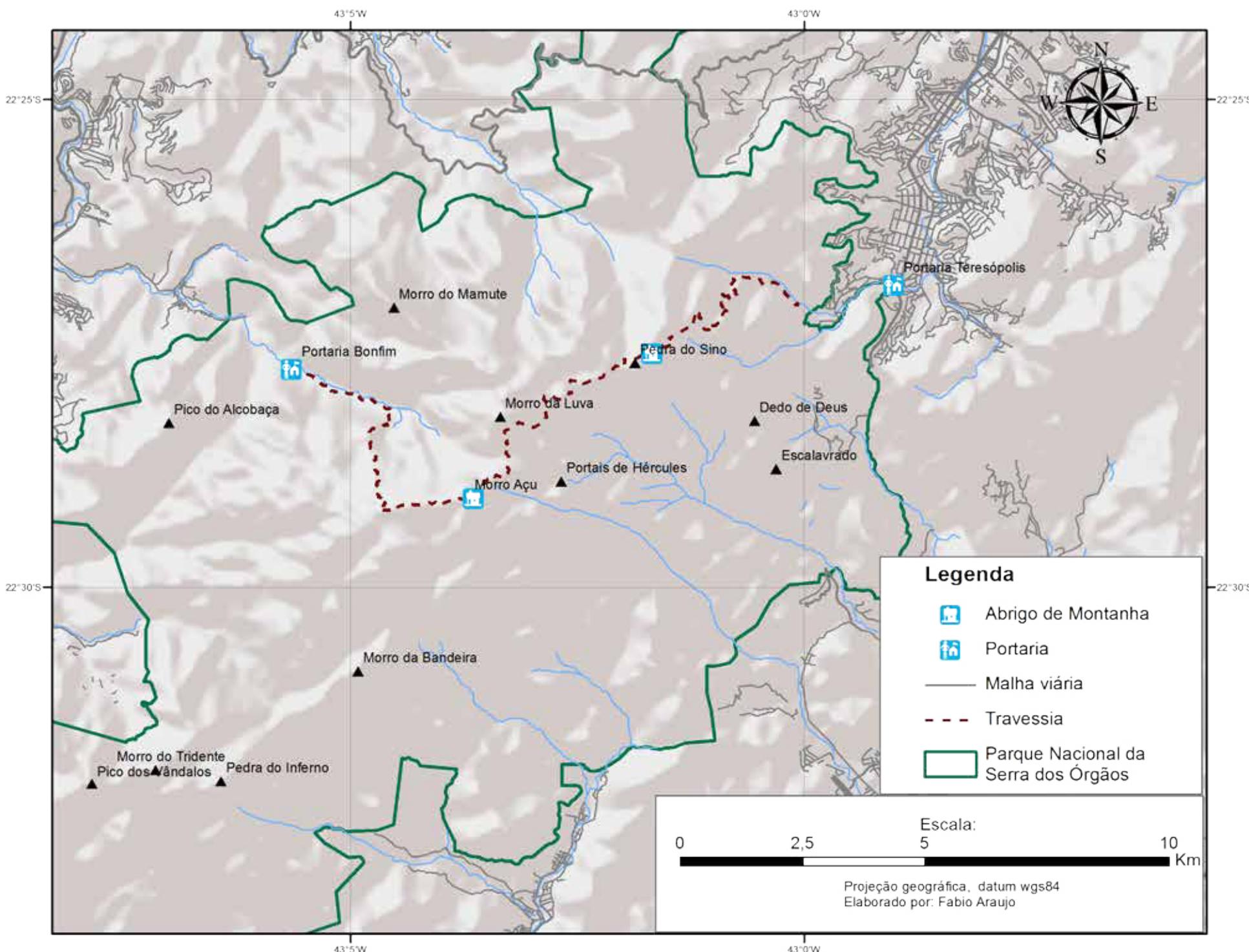
## TRAVESSIA PETRÓPOLIS X TERESÓPOLIS

por acima e por entre  
as nuvens da Serra dos  
Órgãos



Parque Nacional da Serra dos  
Órgãos (RJ)

# TRAVESSIA PETRÓPOLIS X TERESÓPOLIS





Todo montanhista brasileiro é minimamente familiar ao nome do Parque Nacional da Serra dos Órgãos e já fez ou figura na sua lista de desejos a travessia Petrópolis x Teresópolis. Eu não sou exceção à regra. Ansiava pelo dia em que iria atravessar a Serra cujo contorno eu romanticamente namorava à distância como moradora da cidade do Rio de Janeiro. O parque está a menos de 100 quilômetros das terras cariocas e, em dias de boa visibilidade, a famosa silhueta do Dedo de Deus pode ser facilmente reconhecida no horizonte.

Nos dias 3 e 4 de fevereiro, entretanto, a tal da boa visibilidade não estava na previsão do tempo. Pelo contrário. Ainda assim, nós iríamos desafiar a meteorologia e as recomendações de segurança por um motivo nobre: nessa data, a Serra dos Órgãos seria o palco da 10ª travessia comemorativa do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). E mesmo em pleno verão, com o risco de tempestades no horizonte, lá estávamos nós, dando início a nossa expedição.

Aproximadamente 20 pessoas participaram da caminhada. No grupo estavam o gestor e o coordenador de uso público do parque, Leandro Goulart e Leonardo Gomes, respectivamente; o chefe da Coordenação Geral de Uso Público e Negócios do ICMBio, Pedro da Cunha e Menezes, e a chefe da Divisão de Fomento a Parcerias do ICMBio, Carla Guaitanele. Mais do que apenas trilhar, também daríamos início à pintura das pegadas de sinalização dos Caminhos da Serra do Mar, uma trilha de longo curso com 68 quilômetros de extensão que cruza o parque nacional, passa pelas comunidades rurais do entorno e inclui a travessia Petró-Terê, como chamam os íntimos, no roteiro.

As pegadas pretas e amarelas representam o padrão



A sinalização dos Caminhos da Serra do Mar

nacional do Sistema Brasileiro de Trilhas de Longo Curso, mas trazem na sola um símbolo local: a silhueta emblemática e inconfundível do Dedo de Deus. “A ideia é que cada lugar terá sua identidade própria, mas dentro do mesmo padrão de

## CAMINHOS DA SERRA DO MAR

Os Caminhos da Serra do Mar são uma trilha de longo curso cujo traçado cruza o Parque Nacional da Serra dos Órgãos e o Parque Estadual dos Três Picos. Entretanto, até o momento, apenas os trechos do parque nacional estão implementados, com início na Trilha do Ouro (5km), em Magé; seguindo pela Cobiçado x Ventania (12km); depois pela Uricanal (6km); e, por último, percorre os trechos da travessia Petrópolis x Teresópolis (28km). São, portanto, 51 quilômetros de trilha, que viram 68 com os desvios que passam pelas comunidades rurais do entorno, os pontos de apoio para pernoite e alimentação dos caminhantes.



sinalização, nas cores preto e amarelo, para unificar o sistema e facilitar a orientação dos usuários”, explicou Pedro Menezes.

A travessia começou na portaria da unidade de conservação em Petrópolis, o início tradicional do percurso, de onde segue em direção à Teresópolis. Esta escolha de sentido privilegia a rota com maior impacto cênico, como me garantiu um condutor de turismo que integrava o grupo. A caminhada normalmente é dividida em três dias, com pernoite nos dois abrigos de montanha do parque, no Açu e no Sino, mas nós nos desafiamos a fazê-la na duração de um final de semana. A dificuldade não estaria só em encarar 28 quilômetros em apenas 2 dias, mas no fato da trilha estar situada na crista da serra, onde enfrentaríamos muitas – muitas mesmo! – subidas e descidas.

A travessia já começa a 1.029 metros de altitude, um pequeno aperitivo para a cota altimétrica de 2.000 que está por vir, ou melhor, por subir. O trecho inicial é concomitante a trilhas que levam a outros atrativos do parque, como a cachoeira do Véu da Noiva, que está situada a cerca de 1 quilômetro do caminho principal, mas que é um desvio que vale a pena, principalmente se houver tempo para um mergulho por lá.

O cenário verde e a densa copa das árvores demarcam a área de Mata Atlântica, que se estende até onde pode morro acima, enquanto é substituída gradualmente pela vegetação arbustiva característica dos campos de altitude.

Ainda na floresta, um jacuaçu (*Penelope obscura*) cruzou nosso caminho. Apenas uma espécie entre as 462 da vasta avifauna já registrada no Parque Nacional da Serra dos Órgãos. A biodiversidade é um reflexo da riqueza de habitat proporcionada pela variação no clima, no solo, e nas



O Vale do Bonfim, em Petrópolis

formações geológicas e tipos de vegetação. Entre as espécies ameaçadas que habitam a unidade de conservação, está o maior primata das Américas, o muriqui (*Brachyteles arachnoides*).

A subida que nos levou aos céus da Serra dos Órgãos começou de forma gradual até se tornar um cansativo ziguezague montanha acima. Enquanto eu tentava rechaçar o inevitável pensamento de que iria subir eternamente, fui surpreendida por um coro de saudades (*Lipaagus ater*), ave cujo nome é atribuído ao seu canto melancólico. Fáceis de ouvir, porém não de ver, fomos premiados não apenas com o soneto, mas também com o visão de três delas, com seus corpos negros caprichosamente adornados com uma rajada amarela nas asas. Uma beleza que não combinava com a tristeza da sua cantoria – que satisfatoriamente parei para ouvir enquanto aproveitava para retomar o fôlego e descansar um pouco.

Sem pagar o couvert artístico, continuamos a nossa subida



No primeiro dia é só subida até alcançar a crista da Serra

em direção à Pedra do Queijo. O nome é uma referência ao seu formato estranhamente redondo que difere de tudo ao redor. Mas eu confesso que, de frente para o visual do Vale do Bonfim, não liguei para rocha e tratei-a apenas como um assento privilegiado para contemplar a paisagem. No meio do vale, pontilhavam as casas do bairro do Bonfim que pareciam diminutas diante da sombra negra das montanhas que se erguiam ao seu lado.

Felizmente neste momento de contemplação no mirante, o céu foi benevolente o suficiente a ponto de exibir frestas azuis, em contradição a todas as previsões meteorológicas para esta época do ano, quando há uma alta incidência de chuvas. Na direção das montanhas que estávamos prestes a subir, entretanto, as nuvens se exibiam perigosamente cinzentas, um possível anúncio de que a chuva era uma questão de tempo.

Curiosamente, este trecho de subida de pouco menos de 1 quilômetro ganhou um nome próprio: “Isabeloca”. A origem da alcunha é misteriosa e incerta, mas reza a lenda que a Princesa Isabel gostava de colher e observar flores ali. Outra história conta que o nome homenageia uma passagem da princesa por ali, feita no lombo de uma mula. O sufixo “oca” significa casa e o nome representaria “casa de Isabel”. Qual é a verdade ninguém sabe com certeza, mas para corroborar a primeira opção, o caminho de fato era cercado por um jardim florido.

Eis uma das vantagens de trilhar na época de chuvas: o florescer está em sua máxima exuberância. Amarelas, lilases, vermelhas, uma primavera fora de época no topo da montanha, que exibia espécies como a bela orquídea pingo de ouro (*Oncidium varicosum*) e canela de velho (*Miconia albicans*), muito usada para chás e remédios naturais. Observar cada uma das flores que se exibiam coloridamente se tornou também uma desculpa para fazer inúmeras paradas ao longo da penosa subida.

Quando os últimos metros da íngreme subida da monarquia enfim terminaram, chegamos ao Chapadão, na crista da montanha. A partir dali a trilha seguiria pela cumeeira, rodeada pelas rochas e pela vegetação rarefeita dos campos de altitude, com o bônus da neblina que ajudava a construir o cenário típico das alturas. Andávamos por entre as nuvens e o vento fazia com que a paisagem ficasse ora exposta ora encoberta pelo tapete branco do céu. Nos raros momentos em que se revelou, a visão panorâmica das montanhas que se prolongavam em direção ao litoral era formidável e fazia por merecer o nome Serra do Mar.

Nesse percurso pela cumeeira rochosa é comum encontrar pequenos totens de pedra empilhadas que funcionam como



sinalização para os montanhistas na ausência de uma trilha marcada no chão, algo que na rocha é impossível. Os pequenos totens auxiliam a orientação e apontam o caminho, algo fundamental principalmente em meio à neblina, e alguns deles foram inclusive cimentados pela equipe do parque para garantir sua permanência. Agora, com a sinalização das pegadas pretas e amarelas, além de setas chumbadas no chão, eles podem não ser mais tão essenciais, mas continuam sendo elementos fotogênicos nas fotografias de cume.

Por volta das 16 horas, depois de 11 quilômetros de caminhada, chegamos aos Castelos de Açu. As formações rochosas aglomeradas curiosamente no topo da montanha, a aproximadamente 2.150 metros de altitude, marcam a paisagem do Abrigo Açu, nosso local de pernoite. A estadia precisa ser reservada com antecedência (os pernoites são pagos) e há

limite de 30 pessoas por noite, distribuídas em beliches ou em sacos de dormir em um quarto coletivo. Também há uma área de acampamento a poucos metros do abrigo que conta com um banheiro seco.

As mordomias do abrigo, entretanto, incluem uma cozinha e um banheiro com – rufem os tambores – água quente! A mordomia inusitada para montanha é alimentada por um botijão de gás, assim como o fogão. A missão de trazê-lo até aqui cabe ao abrigueiro, como é conhecido o funcionário responsável por cuidar do abrigo. Se a trilha parece difícil nos trechos de subida, imagina fazê-la com um botijão de 21 quilos nas costas? Com esse pensamento, nem ousei burlar o limite de 5 minutos do banho quente, estipulado exatamente para dosar o consumo do precioso gás. Para ser bem sincera, estar no alto da montanha com o clima frio e cinzento, e ter o

A cumeira entre o Açu e o Sino, no segundo dia de caminhada





O Pico do Garrafão  
semioculto pelas  
nuvens

privilégio da água quente no meu corpo foi um dos momentos em que senti maior apreço à civilização. O valor de 15 reais cobrado pelo banho foi irrisório comparado ao meu deleite.

Um dos destaques no roteiro de quem faz a travessia é assistir ao pôr-do-sol do alto da montanha. Infelizmente, esse é um espetáculo que não pude conferir, uma vez que o tempo fechado persistiu e rapidamente se converteu em uma intermitente chuva. Tudo que eu pude ver foram poucas nuvens ligeiramente rosadas e alaranjadas que destoavam da completude branca e cinza do céu.

O dia seguinte começou com a mesma sina nublada de caminhar nas alturas sem ver praticamente nada. Saímos do abrigo antes das 9 horas, e a neblina estava tão densa que era difícil ver o que estava 10 metros adiante, muito menos

ver um dos famosos cartões-postais do parque: os Portais de Hércules.

Os portais são um bate-volta dentro do caminho principal da travessia, a cerca de 1 quilômetro do abrigo, e um desvio justificado pela fama de ser o mirante mais belo de toda Serra dos Órgãos – e eu garanto que não faltam bons correntes neste ranking. Outro motivo para eu refazer esse roteiro em dias mais ensolarados. A lista das paisagens que se esconderam por detrás das nuvens é longa, mas tive sorte de vislumbrar ao menos a peculiar Pedra do Garrafão, com seu formato curioso que me lembrou uma rolha de champagne ainda mais rodeada pela neblina que fazia as vezes de espuma.

Indiferente aos visuais – ou falta deles –, a própria trilha apresentava seus atrativos, ou melhor, seus desafios. O primeiro que encaramos foi o Vale da Morte, ou para ser menos fúnebre, Vale do Eco, onde é preciso descer uma íngreme parede rochosa com o apoio de uma corda e o peso de uma cagueira nas costas. A descida é conhecida como “mergulho” pelos montanhistas por razões autoexplicativas e rendeu uma boa dose de adrenalina, ainda mais com a rocha úmida que desafiava a sola das botas a não escorregar. O caminho até a Pedra do Sino é um sobe e desce que alterna os trechos nas cristas rochosas com os vales verdes de floresta atlântica.

Na sequência dos desafios, pouco antes do quarto quilômetro de caminhada, estava o “elevador”. Obviamente que o nome é uma piada porque a última coisa que você deve esperar encontrar é uma ajuda tecnológica para subir a montanha. O elevador é na verdade uma sequência de grampos de ferro que auxiliam os caminhantes a ascender por um paredão rochoso vertical. A subida em si não é difícil, mas pode ser vertiginosa e intimidadora para quem não é fã de alturas.



O elevador, trecho de escalaada com apoio de grampos de ferro

Cerca de 3 quilômetros e alguns sobe e desce depois, dei de cara com o obstáculo final: o cavalinho. Desde o início do dia, os montanhistas veteranos na travessia não paravam de mencioná-lo como o local em que os visitantes têm mais dificuldade. Para os que não conhecem, o cavalinho é um grande bloco de pedra no meio da subida. Até aí nada que indicasse qualquer cavalaria, mas acontece que para transpô-lo é necessário um misto de flexibilidade e força que resulta em posições minimamente estranhas, entre elas a derradeira “montada” na pedra, com uma perna pendurada para cada lado a mais de 2 mil metros de altura, no melhor estilo caubói das montanhas. Daí o nome e a razão pelo qual é conhecido como um dos maiores desafios de todo percurso.

Após o momento rodeio onde a duras penas “domei” a pedra do cavalinho, foi uma moleza prosseguir com a escalaminhada até a bifurcação que leva à Pedra do Sino, para um lado, e para o Abrigo 4, em frente. Todos os obstáculos físicos haviam sido vencidos, mas a barreira de nuvens continuou insuperável. Foi um pouco frustrante estar a alguns metros do visual estonteante da Pedra do Sino – que tantas vezes admirei em fotos – e não ver nada. Uma parede branca impenetrável me roubava do momento “uau” que ansiei desde que soube que iria fazer a travessia.

“Ir no Sino agora é a mesma coisa que não ir, porque o visual não está lá”, consolou-me um dos servidores do parque, “você vai ter que voltar em um dia de céu azul”. Com certeza é mais um motivo para lista, como se ela já não estivesse longa o suficiente.

A época ideal para realizar a travessia é entre maio e setembro, durante a temporada de montanhismo, quando o clima é mais seco e o sol não é tão forte. Porque se por um lado foi ruim o tempo não estar aberto, por outro lado as mesmas



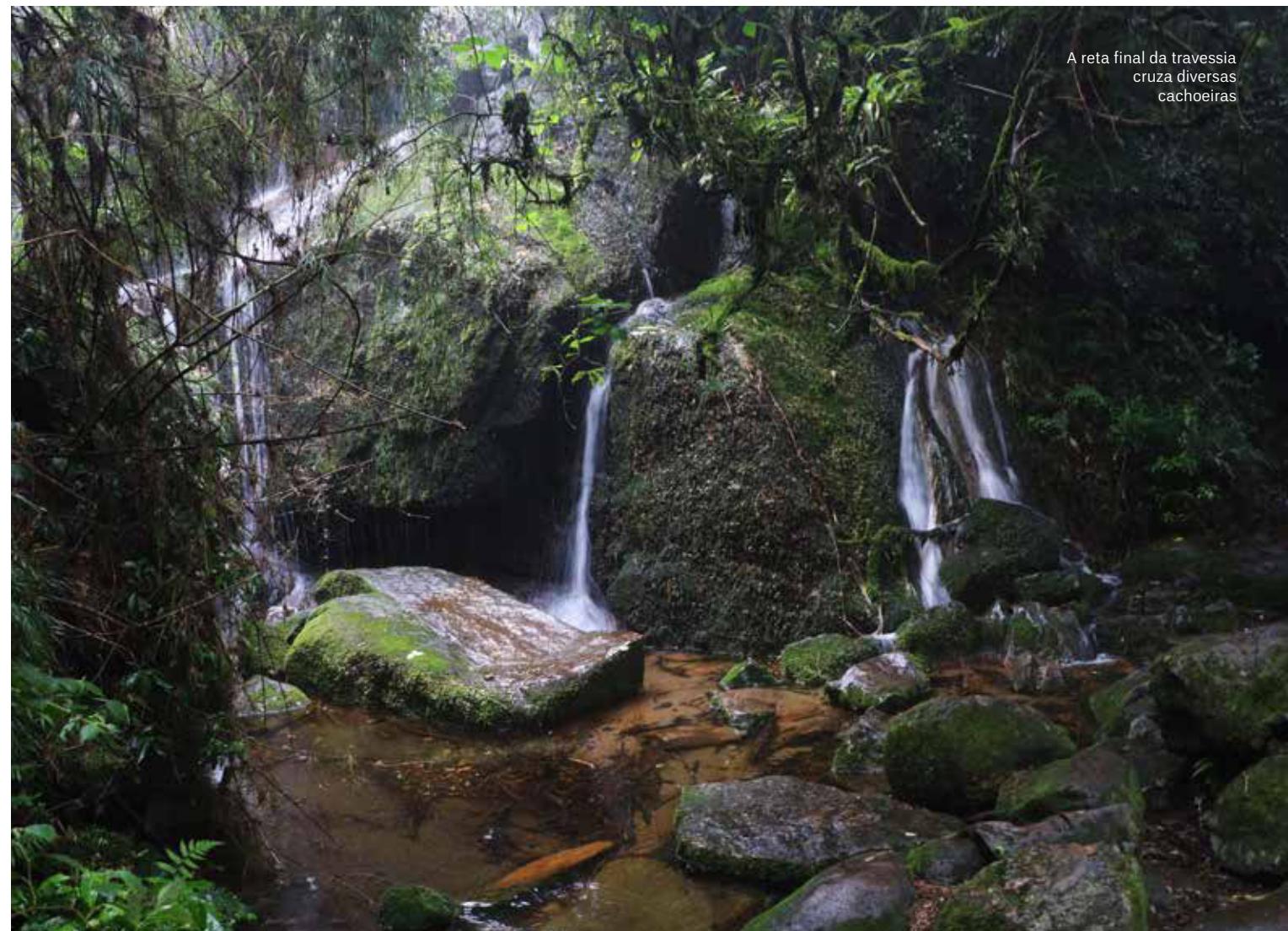
nuvens que ocultaram a paisagem ocultaram o sol impiedoso do verão, cujo poder nossa pele sentiria ainda mais por estarmos a cerca de 2 mil metros de altitude – bem mais próximos do astro rei do que os banhistas na praia.

Tradicionalmente, o pernoite do segundo dia de travessia é feito no Abrigo 4, próximo à Pedra do Sino, o ponto mais alto da Serra dos Órgãos, a 2.263 metros de altitude, e o local favorito dos montanhistas para assistir ao pôr-do-sol - quando o céu permite. Além disso, dormir por lá oferece a chance de ver também ao raiar do sol antes de iniciar o último dia de trilha. Nosso cronograma apertado de quem faria 3 em 2 dias, nos permitimos apenas uma rápida pausa acompanhada de um copo de café quentinho, e seguimos nossa travessia rumo aos 8 quilômetros finais.

A partir do abrigo, o percurso vira uma trilha fácil, uma longa e gradual descida em ziguezague. Apesar do solo acidentado dificultar a caminhada em alguns trechos, assim como a chuva, que a esta altura tinha aparecido na forma de uma garoa fina sob nossas cabeças e adicionava pedras escorregadias e terra lamacenta ao roteiro. A mesma chuva alimentava as cachoeiras ao longo do caminho que se apresentavam bem mais volumosas do que normalmente estão no inverno, como a das Andorinhas.

A névoa, que nos bloqueou a paisagem nas alturas, na floresta se transformou em um elemento místico que deu à mata um ar encantado. Normalmente reservada ao terceiro dia de travessia, completamos a descida até a portaria do parque em Teresópolis apenas no início da noite, pouco antes das 20 horas, quando a escuridão já tomava conta da floresta e nos obrigava a sacar as lanternas. Literalmente no apagar das luzes, concluímos a 10<sup>a</sup> travessia do cronograma especial de aniversário do ICMBio. Havíamos superado os 28 quilômetros,

a chuva, o frio, os paredões rochosos e os vales. Tudo, menos as nuvens. Mas afinal, estávamos mesmo no reino delas, nas alturas da Serra dos Órgãos.



# PARQUE NACIONAL DA SERRA DOS ÓRGÃOS



## SOBRE O PARQUE

O Parque Nacional da Serra dos Órgãos foi criado em 30 de novembro de 1939 e desde então é um dos principais destinos entre montanhistas e escaladores. A predileção não é à toa, nos seus 20 mil hectares de Mata Atlântica, a unidade de conservação abriga diversas opções de trilhas, travessias e vias de escalada. Localizado a menos de 100 km do Rio de Janeiro, o fácil acesso ao parque pelos municípios de Petrópolis, Teresópolis, Guapimirim ou Magé, também é um dos motivos pelos quais a Serra dos Órgãos figura na lista de unidades mais visitadas.

O parque tem uma das maiores redes de trilhas do Brasil, com 200 km, e também é lar da travessia mais clássica – quiçá mais famosa – do país: a Petrópolis x Teresópolis, com 28 km de extensão. Além disso, há várias cachoeiras que podem ser desfrutadas o ano todo. Entre as escaladas, a mais icônica é a do Dedo de Deus, considerado o marco inicial da escalada no país. O parque cobra ingressos com valores diferenciados para brasileiros, moradores do entorno e estrangeiros. Além disso, o pernoite nos abrigos de montanha também é cobrado e precisa ser reservado com antecedência por quem irá fazer a travessia.

No quesito biodiversidade, o parque também apresenta superlativos com mais de 2.800 espécies de plantas registradas, mais de 450 de aves, mais de 100 de mamíferos e de anfíbios, numa lista que inclui diversas espécies ameaçadas de extinção e muitas outras endêmicas, que só ocorrem na Serra dos Órgãos.



## COMO CHEGAR

O parque possui três sedes e portas de entrada. A principal delas está localizada na área urbana de Teresópolis e pode ser acessada a partir da BR-116.

A sede de Petrópolis, localizada no bairro do Bonfim, onde fica o começo tradicional da travessia, e pode ser acessada por quem vem do Rio de Janeiro através da BR-040 que leva até o centro do município e de lá ir pela Estrada União-Indústria até a portaria.

Por último, a sede Guapimirim está localizada no início da subida da serra, no Km 98,5 da BR-116, a 74km do Rio de Janeiro.



## MELHOR ÉPOCA PARA VISITAR

O parque está aberto o ano inteiro, mas a melhor época para visitar é durante o inverno, de maio a setembro, quando há menos probabilidade de temporais, época ideal para travessias. No verão, os principais atrativos são as cachoeiras.



[PARNASO@ICMBIO.GOV.BR](mailto:PARNASO@ICMBIO.GOV.BR)



(24) 2236 0258 / (21) 2642 4072 / (21) 3633 1898



Para mais informações e dados atualizados sobre o parque acesse a página do verbete no WikiParques através do QR-Code e o guia do visitante no site do ICMBio [www.icmbio.gov.br/parnaserradosorgaos/guia-do-visitante](http://www.icmbio.gov.br/parnaserradosorgaos/guia-do-visitante)

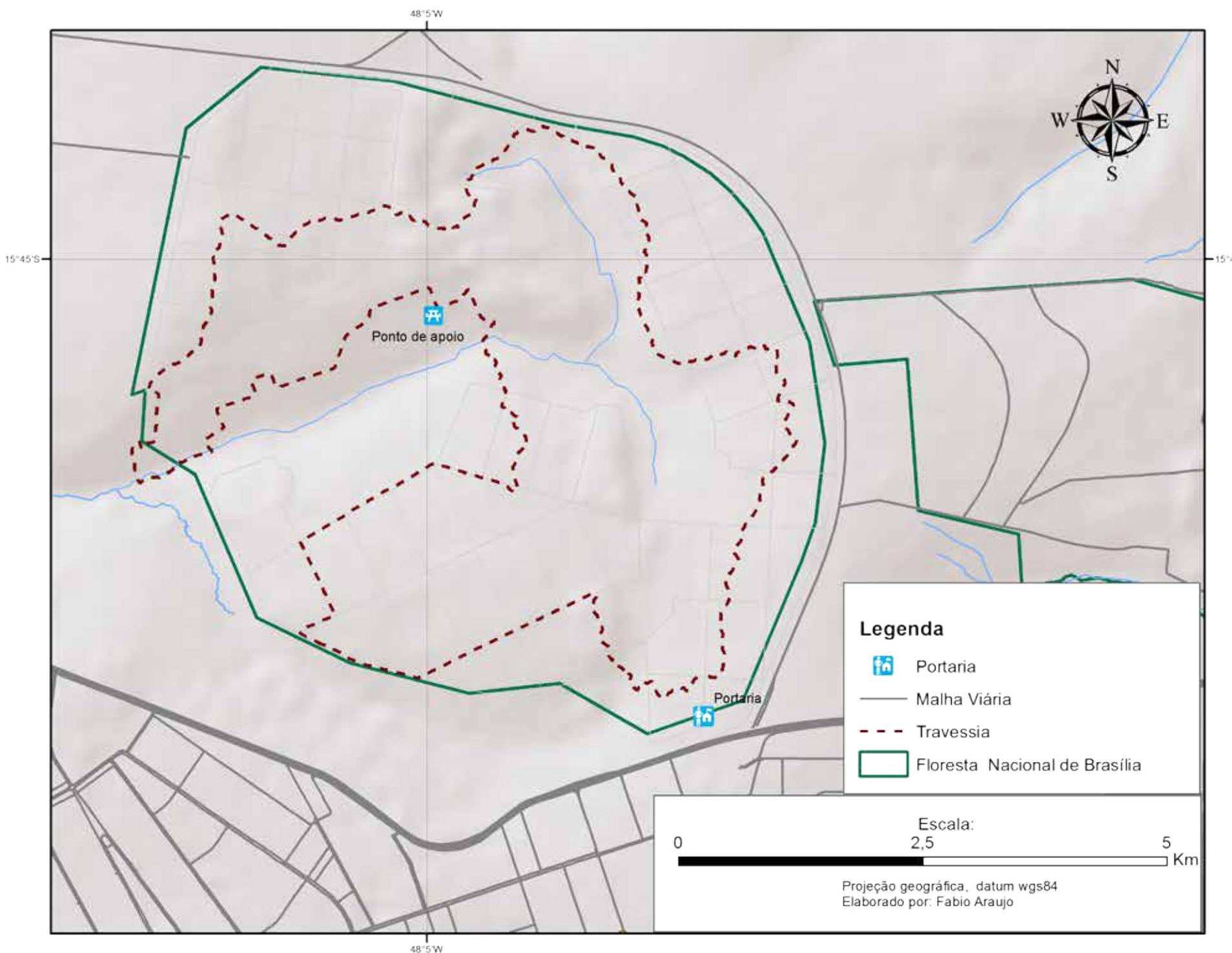




TRILHA SUCUPIRA  
a caminhada inaugural  
de uma travessia na  
capital do país

Floresta Nacional de  
Brasília (DF)

# TRILHA SUCUPIRA





**Q**uem visitou a Floresta Nacional (Flona) de Brasília pela última vez no início do ano passado, não a reconheceria agora. A floresta floresceu, com o perdão do trava-língua e trocadilho. E quem a regou foi a própria sociedade encarnada na figura de voluntários e usuários: caminhantes, ciclistas e corredores. No sábado, dia 24 de março, em uma primavera fora de época no Distrito Federal, as trilhas da Flona desabrocharam e foram oficialmente inauguradas em um evento que reuniu dezenas de pessoas.

Os Caminhos da Flona, como foram apelidados, são compostos de quatro trilhas que percorrem a área protegida. Cada uma com nome e distância próprias. A Jatobá, com 6 quilômetros; a Pequi, com 12; a Buriti, com 18; e a maior de todas, a Sucupira, com 36 quilômetros de extensão e programada para ser feita em dois dias, com pernoite dentro da própria Floresta. O que todos os percursos têm em comum é o berço: o voluntariado.

Há um ano não havia nenhum destes percursos, nem mesmo rotas de mountain bike. A Flona era um ambiente deserto e quase marginal, mesmo localizada a apenas 22 quilômetros do centro de Brasília e seus gabinetes e ministérios. Em junho de 2017, depois de 2 meses de trabalho, nasceu o Circuito Flona, com 45 quilômetros de trilhas feita para os ciclistas e pelos ciclistas, que se engajaram como voluntários.

## O CIRCUITO FLONA

O Circuito Flona foi inaugurado em junho de 2017 e é composto por 7 opções de percursos com distâncias variadas: 5, 14, 21, 27, 28 e 32 quilômetros, além do circuito completo, com um total de 44 quilômetros que dá a volta completa na Floresta Nacional. Todas as trilhas estão sinalizadas e podem ser visualizadas no mapa ilustrativo próximo à sede administrativa, na entrada principal da Flona.



As trilhas da Flona  
nasceram todas graças  
ao trabalho voluntário

Depois do exemplo da turma do pedal, foi a vez dos caminhantes abraçarem a Floresta Nacional. A iniciativa nasceu dentro do Grupo de Caminhadas Brasília (GCB) e cresceu até ganhar a forma de pegada – marca de sinalização utilizada nas trilhas – dividida em quatro cores (azul, laranja, rosa e amarela), uma para cada percurso.

Na manhã do sábado, junto com um grupo de aproximadamente 20 caminhantes, eu iria seguir as de cor amarela que indicavam a Trilha Sucupira e seus intimidadores 36 quilômetros de extensão. A maioria do grupo era formado pelos próprios voluntários-caminhantes que fizeram nascer a travessia, mas nenhum deles havia realizado ainda o trajeto inteiro de dois dias de forma contínua. Era uma aventura



inédita e cabia a nós desbravá-la pela primeira vez.

A jornada começou em uma floresta que misturava espécies nativas do Cerrado com os troncos finos e altos dos eucaliptos (*Eucalyptus grandis*), uma espécie de árvore exótica cuja madeira é muito utilizada comercialmente. A categoria Floresta Nacional é de uso sustentável e admite este manejo florestal de espécies não-nativas com fins comerciais. Ironicamente, as plantações existentes, tanto de eucalipto quanto de pinheiro (*Pinus spp.*) nunca foram exploradas comercialmente pela Flona. Por isso, uma das metas dos voluntários é recuperar a vegetação nativa do Cerrado e fazer o plantio de espécies como o jatobá-do-cerrado (*Hymenaea stigonocarpa*). Para isso, reativaram o viveiro de mudas da unidade de conservação, que estava abandonado. “Fomos picados pelo mosquito de gostar da Flona e agora queremos cuidar e ver isso aqui melhorar cada vez mais”, explicou João Carlos Machado, membro do GCB e um dos idealizadores dos Caminhos.

Os ambientes de Cerrado, entretanto, ainda resistem dentro da área protegida. Foi o que descobri, inesperadamente, quando saí debaixo do dossel dos eucaliptos depois dos primeiros 5 quilômetros de caminhada e me vi de frente para um vasto campo da savana brasileira. Separado do eucaliptal por uma única e alaranjada estrada de terra batida, o Cerrado conseguiu ali manter um território praticamente imaculado. Reinavam as árvores baixas de troncos retorcidos e cascas grossas, e a vegetação arbustiva pontilhada por flores coloridas e diversas. Com direito até mesmo a algumas solitárias sempre-vivas (*Paepalanthus spp.*), flor popularmente conhecida como chuveirinho e típica do bioma. Uma grata surpresa coroada pelo visual de um pequeno vale que me fez esquecer por alguns minutos de que eu estava no meio de Brasília!



A pegada e as cores que sinalizam os Caminhos da Flona



Os remanescentes de vegetação nativa do Cerrado ainda sobrevivem na capital do Brasil

Percorremos um trecho de aproximadamente 1.5 quilômetro no campo aberto da savana, debaixo apenas do céu nublado, antes de adentrarmos novamente o paredão de eucaliptos com seu perfume inconfundível. Nesta parte da trilha a orientação estava mais confusa porque o caminho recém-aberto ainda não havia sido muito pisoteado, o que ajuda a marcá-lo no solo. Mas as pegadas amarelas nunca sumiam de vista e a sinalização se mostrou impecável para evitar que alguém acabasse perdido.

Depois de trilhar 8 quilômetros em direção ao limite norte da Flona, escutamos os barulhos de carros que indicavam nossa proximidade com a rodovia BR-251, que faz fronteira com a Floresta. Sinal de que era hora de virar à esquerda, para continuar com nossa travessia por dentro da área protegida onde as únicas estradas permitidas são as de terra.

Os sons agitados da vida urbana não pareciam, entretanto,

afugentar os pássaros. Às vezes apenas uma cantoria vinda da mata, outras um vulto afugentado pela nossa aproximação do qual distinguímos apenas o bater das asas. Dei a sorte de ver três em menos de 100 metros, um diminuto pica-pau e um casal colorido de sanhaços-de-fogo (*Piranga flava*). Uma amostra das mais de 200 espécies de aves que já foram registradas na Floresta Nacional. A unidade de conservação está a apenas uma rodovia do vizinho Parque Nacional de Brasília, uma distância intransponível para alguns animais, mas banal para aves de grande e médio porte, como araras e tucanos, o que facilita sua dispersão.

Subitamente, os já familiares eucaliptos deram lugar a uma paisagem diferente, dominada por samambaias (*Pteridium arachnoideum*), outra exótica, e estas sem a desculpa de exploração da madeira. Ainda assim, o matagal de samambaias, algumas da altura de nossas cabeças, entrecortado apenas pelos troncos enegrecidos dos pinheiros formava um cenário belo. Uma beleza ecologicamente incorreta, por assim dizer, mas que não excluía o seu impacto cênico.

Me chamem de romântica, mas por mais encantada que parcesse a floresta de pinheiros e samambaias, não superava a renovada surpresa de estar novamente diante de uma pequena vastidão de Cerrado. Dessa vez, a imensidão se abria até o horizonte, onde os arranha-céus de Taguatinga e Ceilândia – cidades do entorno – se impunham como paredes de concreto. Enquanto eu caminhava no meio da vegetação arbustiva, percebi que era observada atentamente por uma coruja-buraqueira (*Athene cunicularia*). Comum em todo Distrito Federal, a espécie é territorialista e me seguiu com os olhos enquanto eu passava pela trilha a poucos metros de onde ela estava pousada.

Sem intenção de incomodá-la, segui meu caminho até o ponto



apelido de Mirante das Pedras. O nome é uma referência à um pequeno aglomerado rochoso isolado que faz as vezes de mirador. Um bom local para sentar um pouco e contemplar a paisagem natural limítrofe à vida urbana e deixar cair a ficha: “estamos trilhando no coração de Brasília! ”.

Eram 14:30 e já havíamos caminhado 15.5 quilômetros do percurso total do primeiro dia, podíamos nos permitir um pequeno descanso antes de prosseguir a caminhada, que tinha ainda 5 quilômetros pela frente até o ponto de pernoite. Dali, a trilha continua em um trecho de ligeira descida por pequeno vale no meio do qual desce um dos córregos que nascem na própria Floresta Nacional. A unidade de conservação abriga nascentes de quatro rios que ajudam a encher o reservatório do Descoberto, responsável por 60% do abastecimento de todo Distrito Federal.

Cruzamos o rio e o acompanhamos por cerca de 1 quilômetro em meio à frondosa mata de galeria. No trecho há inclusive um ponto de banho, mas eu só pensava em chegar ao camping e deixar desabar o peso da mochila cargueira no chão, então prossegui inabalável rumo à linha de chegada. Na reta final do primeiro dia da travessia, seguimos por uma estrada de terra e, quando o cansaço já era inevitável, o percurso nos ofereceu um último desafio com um raro momento de subida. Como é uma caminhada no Planalto Central, a dificuldade da Trilha Sucupira não está no sobe e desce, mas sim na quilometragem, ainda mais quando feita com peso nas costas.

Quando cheguei no ponto conhecido como Bica de Lata, por volta das 16 horas, comemorei a conclusão dos 20 quilômetros reservados ao primeiro dia da travessia. Com alívio me livrei da mochila e parti para a tal Bica, uma pequena cachoeira abastecida com água vinda direto da nascente. Uma plataforma de madeira permite que, um de cada vez, as

pessoas possam usufruir da Bica. Entre banhar e beber, me revigorei com as águas limpas e geladas da queda d’água.

Com o corpo agradecido pela ducha, voltei minha atenção ao camping e suas instalações: um banheiro seco e duas longas mesas de madeira. Segundo Geraldo, gestor da Flona, este ponto de pernoite é exclusivo para uso dos caminhantes que fizerem a travessia, que precisarão agendá-lo previamente junto à administração da Floresta Nacional. Ele explica que futuramente, a expectativa é criar um outro ponto de camping, este sim com o objetivo de atender aos turistas que quiserem a experiência de passar alguns dias em contato com a natureza dentro da unidade de conservação, de forma independente da caminhada.

Enquanto conversávamos, descansávamos as pernas e montávamos nossas barracas, o sol se punha e o céu ganhava infinitas tonalidades até se recobrir por completo com o manto escuro da noite. No horizonte, em disputa ou dueto com as estrelas e a lua crescente, estava a cidade iluminada. Mais uma vez, veio a percepção quase conflitante de que estávamos em Brasília. A alguns quilômetros dali talvez algum ministro estivesse prestes a assinar um projeto – ou uma delação – o que talvez seja mais provável no atual cenário político.

Gabinetes à parte, no acampamento todos os voluntários comemoravam o sucesso do projeto Flona. Na fala de cada um era possível notar o sentimento apaixonado e orgulhoso de quem doou seu tempo e seu dinheiro para fazer aquilo acontecer. João contabilizou: foram mais de 4 mil horas de trabalho e aproximadamente 4 mil reais desembolsados pelos voluntários do Grupo de Caminhadas Brasília para fazer as placas, comprar as tintas, enfim, fazer nascer os Caminhos da Flona. Uma voluntária definiu “Não é o que a gente dá, é o que a gente recebe”.



"Não tem um prego do ICMBio. Tudo veio do voluntariado. Nós apoiamos apenas com a viatura e as horas de trabalho dos servidores", ressaltou o gestor com a gratidão de quem sabe que ganhou o maior aliado possível para a área protegida: a sociedade.

Ao menos durante a travessia, o clima também foi um aliado. Esperou todos montarem suas barracas, jantarem e se recolherem para então desabar uma pesada chuva que testou a real impermeabilidade das barracas.

No amanhecer do dia seguinte, sobrou da chuva apenas o solo úmido e as gotas no exterior das tendas. Apesar do dia ainda nublado, o tempo estava a nosso favor. Às 9 horas da manhã, já estávamos com o pé de novo na trilha para garantir

que iríamos nos manter secos até o final da caminhada.

O percurso cruza a Bica de Lata e segue em uma rota compartilhada com os ciclistas, afinal, a Flona também é deles. E dos corredores de montanhas que em grupos ou solitários nos ultrapassavam facilmente ao longo do dia, num ritmo que seríamos incapazes de manter com as mochilas cargueiras nas costas.

Passamos pela Geladeira, ponto por onde cruza o ribeirão das Pedras, outro dos córregos que comprovam a importância hídrica da Floresta e de lá enfrentamos uma subida que nos levou de volta ao cerradão. Morro acima, era possível ver o paredão de árvores que marcavam o talhão do eucaliptal, que se estendia como uma fronteira exótica atrás e à frente em

As samambaias e pinheiros criam um cenário místico na trilha





A Flona de Brasília também é muito frequentada pelos ciclistas

contraste com a vegetação rasteira e arbustiva da savana nativa, que sobrevivia espremida no meio.

Menos de 1 quilômetros depois voltamos ao dossel do invasor soberano e, análogo à metáfora de invasão, entramos no que seria um campo de batalha com troncos nus, finos, sem folhas e sem galhos. A aparência dos eucaliptos rendeu a este trecho o apelido de Paliteiro, uma zona mista de árvores mortas e recém-nascidas ainda sem folhagem. O trecho é concomitante à Trilha Buriti, sinalizada por pegadas na cor azul, e na bifurcação entre ela e a Sucupira, escolhi seguir alguns metros adiante para ver melhor esse cemitério de eucaliptos. No meio do caminho deste meu rápido desvio, passei por uma única caliandra (*Calliandra dysantha*), flor símbolo do Cerrado. Suas delicadas pétalas vermelhas em flor contrastavam com o cenário monocromático ao seu redor como se fosse a prova viva de que o Cerrado ainda podia florescer por ali.

De volta à Sucupira, seguimos por 800 metros até uma es-

trada de terra, por onde seguia a travessia. De acordo com João, a expectativa é futuramente colocar todo o percurso dentro da mata para melhorar a experiência da caminhada. Por enquanto, nossa rota era pela estrada mesmo, com a cidade à nossa direita mostrando que estávamos no limite da Flona.

Da estrada ampla entramos em uma menor, já tomada pela vegetação e bloqueada por alguns eucaliptos caídos que se tornavam pequenos obstáculos aos caminhantes. Pernas por cima, agachamentos por baixo, nada que impedisse a nossa passagem tranquila. Percorremos 1.2 quilômetro até voltarmos para a estrada principal, pela qual a trilha seguiria pelos próximos 3.3 quilômetros. Caminhar em uma via larga possui suas vantagens práticas, mas não se compara ao sentimento prazeroso de andar mata adentro. Foi com alegria, portanto, que segui as pegadas amarelas quando elas saíram do leito de terra batida e indicaram o caminho pela floresta de pinheiros.

Os pinus possuem uma dispersão muito mais agressiva do que o eucalipto e sua presença não admite concorrência arbórea. O alinhamento retilíneo e perfeitamente espaçado entre as árvores revela a mão do homem por detrás do plantio daquela pequena floresta com ares de bosque europeu. Independente dos valores ecológicos, a beleza da floresta era inquestionável e conferia sombra e frescor que diminuíam o calor, este sim tipicamente brasileiro.

Neste talhão de pinheiro estão alguns dos atrativos recém-instalados da Floresta Nacional de Brasília: um espaço de meditação, um redário (zona para pendurarem redes) e uma área de teatro ao ar livre, que recebeu o nome Marielle Franco, em homenagem à vereadora estadual assassinada no Rio de Janeiro em março de 2018.



Saímos da aura mágica do bosque para um curto trecho de Cerrado, seguido por uma mata de galeria ao longo do ribeirão Currais, uma amostra em apenas 2 quilômetros da rica diversidade de cenários florestais que podem ser vistos na Flona. E assim, depois de aproximadamente 4 horas de caminhada, concluímos nossa travessia do lado da sede, a poucos metros de onde havíamos iniciado a jornada no dia anterior. As pegadas amarelas haviam terminado, mas as dos voluntários – tenho certeza – estavam apenas começando.

### TRILHA DA UNIÃO

Além das trilhas sinalizadas dentro da Floresta Nacional de Brasília, quem está em busca de distâncias maiores pode desbravar a Trilha da União, com um total de 136 quilômetros, o maior percurso sinalizado de mountain bike do Brasil em áreas protegidas. O trajeto conecta a Flona com outras quatro unidades de conservação: o Parque Nacional de Brasília, a Reserva Biológica da Contagem e a Área de Proteção Ambiental do Planalto Central e do Rio Descoberto. A trilha também pode ser percorrida por caminhantes.



# FLORESTA NACIONAL DE BRASÍLIA



## SOBRE A FLONA

A Floresta Nacional de Brasília foi criada em 10 de junho de 1999 e abrange uma área total de aproximadamente 9.300 hectares dividida em quatro ilhas nomeadas Flona 1, 2, 3 e 4. A número 1 é a única atualmente aberta ao público e onde estão localizados o Circuito de mountain bike e a rede de trilhas. Localizada em Brasília, capital do país, a Floresta foi criada com o objetivo de proteger as nascentes da bacia do Descoberto fundamentais para o abastecimento de água no Distrito Federal.

A Flona não cobra entrada e está aberta diariamente aos visitantes. A unidade de conservação é muito frequentada por ciclistas, caminhantes e corredores de montanha que desfrutam dos percursos sinalizados. Há trilhas com diferentes distâncias e níveis de dificuldade, tanto para bicicleta, batizadas de Circuito Flona, quanto para caminhantes, nomeada Caminhos da Flona. Também há uma área disponível para piquenique próxima à sede administrativa, na entrada principal da Floresta.



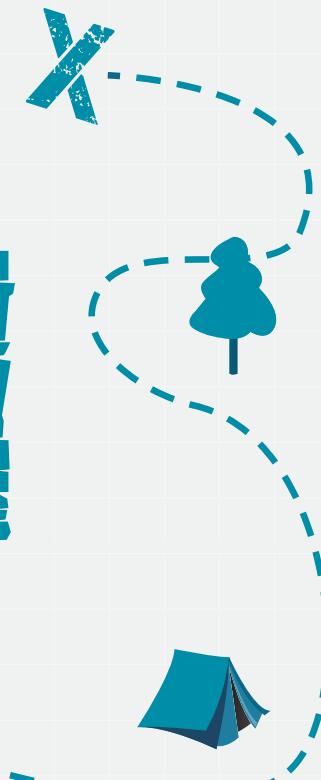
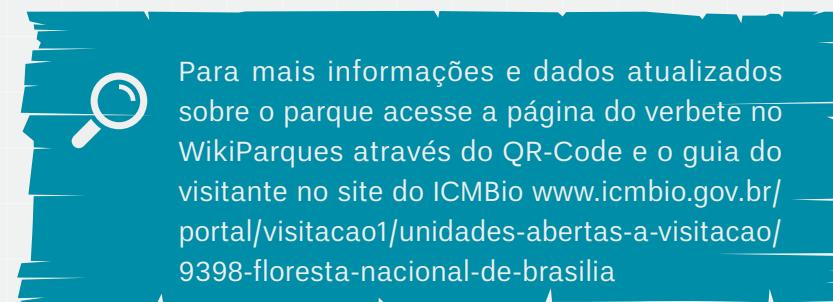
## COMO CHEGAR

A entrada principal da Floresta Nacional de Brasília está localizada na região administrativa de Taguatinga Norte, a cerca de 20 km do centro de Brasília, e o acesso principal é feito pela BR-070.



## MELHOR ÉPOCA PARA VISITAR

A Flona pode ser visitada durante o ano todo. O período de seca vai de maio a outubro e as chuvas se estendem de novembro a abril.





## AGRADECIMENTOS

Este livro não existiria se não houvesse quem acreditasse nele desde o princípio, quando era apenas uma ideia.

Assim, acho essencial começar com um sincero agradecimento aos primeiros que acreditaram neste projeto: o editor-chefe de O Eco, Eduardo Pegurier, e a chefe da Divisão de Comunicação Social do ICMBio, Márcia Muchagata. Ambos confiaram em mim para executar e escrever a ambiciosa empreitada de documentar as 10, que depois se tornaram 11, travessias comemorativas do Instituto pelo Brasil afora. Eu só sei agradecer ao apoio que me deram desde o começo.

Da mesma forma, as equipes tanto de O Eco quanto do ICMBio foram fundamentais para elaboração deste livro, fornecendo desde o apoio moral ao logístico. Agradeço especialmente à Daniele Bragança, amiga e editora das minhas reportagens; ao Rafael Ferreira, cujos olhos meticolosos não deixaram passar nenhum excesso de trocadilho da minha parte; ao Paulo André, o grande maestro por trás de toda organização das minhas viagens para cobertura das travessias; à Nádia Santos, a rainha das verbas; à Carla Guaitanele, responsável pelo projeto das 10 travessias que começou tudo isso e incansável na articulação para que todas elas saíssem do papel; e todos os gestores e analistas ambientais das unidades de conservação que visitei.

Ainda nos bastidores desse projeto, gostaria de agradecer às múltiplas mãos que ajudaram a dar forma ao livro e deixá-lo muito mais bonito, da diagramação aos mapas e tratamento das fotos: Tatiana Raposo, Celise Duarte, Fábio França e Gabriel Schulz.

Além deles, seria impossível – e injusto, para dizer o mínimo – não citar Pedro da Cunha e Menezes, atual coordenador de uso público e negócios do ICMBio. Tive o privilégio de tê-lo como autor do

prefácio deste livro, mas os agradecimentos a ele se estendem para além disso. Pedro sonhou e lutou pela implementação das trilhas de longo curso antes mesmo de eu nascer. Ele é um dos maiores defensores do uso público no Brasil e da ideia de que trilhas são uma ferramenta essencial para garantir a conectividade entre áreas naturais protegidas e a própria conservação. Sem seu trabalho, possivelmente não haveria nem mesmo 11 travessias a serem feitas. Portanto, meu agradecimento é não apenas como a jornalista privilegiada que acompanhou todas as caminhadas, mas também como montanhista, como visitante frequente de parques, e – me orgulho em dizer – como amiga que aprendeu muito ao trilhar ao seu lado.

A lista de agradecimentos é longa e eu provavelmente cometeria uma injustiça se tentasse citar todos os nomes que fizeram parte desta história, saibam que todos vocês têm a minha eterna gratidão. Entre amigos e familiares me sinto obrigada, entretanto, a citar alguns nomes: minha mãe, Maria Priscila, a minha fã e apoiadora número 1; meus irmãos e melhores amigos, Ana Luisa e Luis Felipe; Larissa Dourado, que ajudou a me dar asas para alçar voos cada vez maiores; Bianca Fraga, sempre a amiga mais empolgada; Camila Bonfim, Marcela Torres, André Luis Rodrigues, Jana Del Favero, Matheus Furtado, Luiza Roale, Bárbara Figueiredo e Jeremias Freitas, os amigos-parceiros que asseguraram minha sanidade mental durante os momentos de correria enquanto fazia malabarismo com o trabalho. Amo vocês!

Por último, agradeço você, leitor, por acreditar nesse projeto e embarcar nesse livro e nessa aventura através das unidades de conservação comigo.



## GLOSSÁRIO

**Área de Proteção Ambiental (APA)** - A Área de Proteção Ambiental é uma categoria de unidade de conservação de uso sustentável. Uma APA tem como objetivo principal conservar a fauna e a flora através da orientação e adequação das atividades humanas às características ambientais da área. Ela permite a ocupação humana e o uso sustentável dos recursos naturais.

**Avifauna** - Fauna de aves

**Bioma** - Pode ser definido como uma grande área de vida formada por um complexo de ecossistemas com características homogêneas. Um bioma é definido por um tipo principal de vegetação (embora num mesmo bioma possam existir diversos tipos de vegetação) e também de animais típicos, embora estes não influam tanto na definição. Os biomas brasileiros são a Amazônia, o Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica, o Pampa e o Pantanal.

**Corredor ecológico** - Corredor ecológico ou corredor de biodiversidade é uma faixa de vegetação que liga fragmentos florestais ou unidades de conservação separadas pela atividade humana. O principal objetivo desses corredores é possibilitar o deslocamento da fauna entre as áreas isoladas e garantir a troca genética entre as espécies.

**Ecossistema** - Um ecossistema é um conjunto formado pelas interações entre componentes bióticos, como os organismos vivos: plantas, animais e micróbios, e os componentes abióticos, elementos químicos e físicos, como o ar, a água, o solo e minerais. Como são definidos pela rede de interações entre organismos, e entre os organismos e seu ambiente, ecossistemas podem ter qualquer tamanho.

**Escalaminhada** - Caminhada onde nos lugares mais difíceis de subir, usa-se as mãos em raízes ou pedras como apoio; mas sem a necessidade do uso de cordas que caracterizam uma escalada.

**Floresta Nacional (Flona)** - A Floresta Nacional é uma categoria de unidade de conservação de uso sustentável com cobertura florestal de espécies predominantemente nativas, criadas com o objetivo básico de uso múltiplo sustentável dos recursos florestais e pesquisa científica, voltada para a descoberta de métodos de exploração sustentável destas florestas nativas. As flonas permitem a presença de espécies exóticas para o manejo florestal e exploração madeireira.

**Gestor (a)** - Cargo de chefia de uma unidade de conservação

**Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio)** - É o órgão responsável pela gestão de todas as unidades de conservação federais. Foi criado em 2007 de dentro do IBAMA que até então era quem geria as unidades de conservação.

**Mata de galeria** - Também conhecida como mata ciliar, são formas de vegetação que acompanham cursos d'água e ambientes de drenagem em geral.

**Parque** - No Brasil, os parques são a mais popular e antiga categoria de unidade de conservação e pertencem à categoria de proteção integral. Segundo a legislação brasileira, parques devem “preservar ecossistemas de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas, realização de atividades educacionais e de interpretação ambiental, recreação e turismo ecológico, por meio do contato com a natureza”.



**Regularização fundiária** - É o processo de identificação e definição da propriedade ou direito de uso de terras e imóveis no interior da unidade de conservação.

**Reserva Extrativista (Resex)** - A Reserva Extrativista é uma categoria de unidade de conservação de uso sustentável cujo objetivo é a proteção dos meios de vida e a cultura de populações tradicionais, bem como assegurar o uso sustentável dos recursos naturais da área. O sustento destas populações se baseia no extrativismo e, de modo complementar, na agricultura de subsistência e na criação de animais de pequeno porte.

**Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC)** - Instuído pela lei 9.985 de 18 de julho de 2000, o SNUC foi criado com o propósito de potencializar o papel das unidades de conservação, de modo que sejam planejadas e administradas de forma integrada, assegurando que amostras significativas e ecologicamente viáveis das diferentes populações, habitats e ecossistemas estejam adequadamente representadas em todo o território nacional. E que além da preservação, as unidades gerem renda, emprego, desenvolvimento sustentável e propiciem uma efetiva melhora na qualidade de vida das populações locais. Este sistema é composto por 12 categorias de UCs, cujos objetivos específicos se diferenciam quanto à forma de proteção e usos permitidos. As de Proteção Integral são aquelas que precisam de maiores cuidados, pela sua fragilidade e particularidades, e as de Uso Sustentável, aquelas que podem ser utilizadas de forma sustentável e conservadas ao mesmo tempo.

**Unidade de conservação (UC)** - As unidades de conservação são áreas destinadas para a proteção de ecossistemas e recursos naturais. Elas podem ser criadas e geridas na esfera federal, estadual ou municipal, e também por proprietários particulares. Existem UCs de proteção integral, como os parques, e de uso sustentável, como as reservas extrativistas. Cada tipo de unidade de conservação possui um objetivo específico, conforme previsto pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC, 2000).

**Uso público** - O uso público em unidades de conservação é definido pelas atividades abertas à visitação e ao uso turístico.

